



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Raquel Sofia Arieira Gonçalves

**ENVELHECIMENTO E SABEDORIA:
VALIDAÇÃO DA ESCALA DE MEDIDA 3D-WS**

Curso de Mestrado em Gerontologia Social

**Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Alice Bastos**

Investigação realizada no âmbito do Laboratório de Gerontologia Social Aplicada (LABGeroSOC), com o apoio da Unidade de Investigação e Formação sobre Adultos e Idosos (UNIFAI).

Setembro de 2012

RESUMO

Sendo o ser humano uma entidade biopsicosocial e agente activo na construção de si mesmo enquanto indivíduo, o processo de desenvolvimento – altamente complexo e heterogéneo – só pode ser compreendido à luz de uma perspectiva sistémica ao nível biológico, psicológico e social (Paúl, 2005). De igual forma, também a sabedoria é revestida de elevada complexidade, tendo sido muitas e diversas as tentativas para a tentar compreender e explicar. Tida como a orquestração perfeita entre o conhecimento e a virtude (Baltes, 2004) foi tema de interesse nas mais diversas tradições culturais, filosóficas e religiosas tendo despertado recentemente grande interesse entre investigadores.

Consciente destes pressupostos, a Gerontologia Social assume o compromisso de tentar explicar as diferenças interindividuais que se amplificam com o aumento da idade, os percursos e mecanismos adaptativos que potenciam tal heterogeneidade e ainda os processos universais associados à senescência e às suas consequências (Paúl & Ribeiro, 2012).

Nesta linha de pensamento e dada a ausência de instrumentos capazes de medir a sabedoria na população adulta portuguesa, o presente estudo assumiu como objectivo a validação da *Three-Dimensional Wisdom Scale* (3D-WS; Ardel, 2003). A amostra para a análise factorial confirmatória (AFC) da estrutura factorial da versão original da 3D-WS foi constituída por 308 sujeitos de ambos os sexos (68.2% do sexo feminino) com idades compreendidas entre 18 e 91 anos ($M = 49.08$; $DP = 19.65$).

Após a análise das características psicométricas da escala e adequação da estrutura factorial, o presente estudo apresenta como produto a 3D-WS-19, um instrumento de medida válido e fiável. A análise da consistência interna da 3D-WS-19 indicou valores adequados (*alfa de Cronbach* = .83). Em termos de validade convergente, verificaram-se correlações positivas, significativas e moderadas entre as subescalas e o total da 3D-WS-19 e entre estas e as subescalas de crescimento pessoal e propósito/objectivos de vida da Escala de Bem-estar Psicológico (SPWB-18 items; Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo, Duarte-Silva & Peralta, 1997).

Considerados globalmente, os resultados da presente investigação revelam-se promissores ao nível da compreensão e intervenção gerontológica relativamente à avaliação da sabedoria na população adulta portuguesa.

Palavras-chave: *Three-Dimensional Wisdom Scale*; sabedoria; avaliação; tradução e adaptação

Setembro de 2012

ABSTRACT

Being the human being not only a biopsychosocial entity but also an active agent in the construction of himself as an individual, the development process - highly complex and heterogeneous - can only be understood in light of a systemic perspective approach to the biological, psychological and social level (Paúl, 2005). Similarly, wisdom is being coated as highly complex, with many different attempts being made in order to understand and explain it. In fact, wisdom as a perfect orchestration between knowledge and virtue (Baltes, 2004) was discussed in several cultural, philosophical and religious traditions, having even recently motivated a large interest among researchers.

According to this line of thinking and due to the absence of instruments capable of measuring wisdom in the Portuguese adult population, the aim of this study is validating the *Three-Dimensional Wisdom Scale* (3D-WS; Ardel, 2003). The sample for the confirmatory factorial analysis (CFA) of the factorial structure from the original version of the 3D-WS consisted of 308 subjects of both genders (68.2% female) aged between 18 and 91 years ($M = 49.08$, $SD = 19.65$).

After analyzing the psychometric characteristics of the scale and the appropriateness of its factorial structure, this study presents 3D-WS-19 as its own product, a valid and reliable measuring instrument. The internal consistency analysis of the 3D-WS-19 showed adequate values (α Cronbach = .83). In terms of convergent validity, positive, significant and moderated correlations were established between the sub-scales and the total of the 3D-WS-19; between those and the Personal Growth and Purpose in Life Sub-scales from the Subjective Well-being Scale (SPWB-18 items, Ryff & Keyes, 1995; Portuguese version of Novo, Duarte-Silva & Peralta, 1997).

The results of this research, generally considered, seem promising in terms of understanding and gerontological intervention, regarding the assessment of wisdom in the Portuguese adult population.

Keywords: *Three-Dimensional Wisdom Scale*, wisdom, assessment, translation and adaptation

September 2012

Agradecimentos

Esta tarefa representa muito mais do que o culminar de uma fase de entrega e dedicação, preenchida não apenas por uma aprendizagem e aquisição de conhecimentos, capacidades e competências mas sobretudo por uma riqueza e troca de experiências pessoais extraordinárias. Simboliza sobretudo uma fase da minha vida que quero que se prolongue, repleta de esforço, evolução e crescimento, quer pessoal, quer profissional.

Em tão poucas palavras seria ingrato tentar demonstrar o meu agradecimento e admiração a todos quantos estiveram do meu lado. Por isso, agradeço a todos quantos fizeram parte da minha vida até ao momento, pois todos eles, de uma forma ou de outra, me fizeram crescer – por vezes sem se aperceberem do enorme contributo que me davam – me “obrigaram” a olhar para mim mesma de uma outra perspectiva, me deram algo que recordarei para sempre. Incentivaram-me a tornar-me numa pessoa melhor, mais capaz e, por isso tornaram possível o presente trabalho.

À Professora Doutora Alice Bastos que, com a sua presença, confiança, força de vontade, orientação e total disponibilidade me ajudou na concretização desta etapa e a fez parecer isso mesmo, apenas uma etapa daquilo que pode ser um projecto de vida.

À Professora Doutora Carla Faria que, com apenas um sorriso, uma palavra de incentivo e confiança me fazia acreditar que ia no bom caminho. Por vezes, basta isso, sentirmo-nos seguros para continuar.

Ao Dr. Diogo Lamela, pela forma incansável e bem-disposta como me acompanhou ao longo de todo este processo e, muito particularmente, pela ajuda na interpretação e organização da informação – característica de um bom professor e investigador.

À Tita, quem mais ouviu as minhas divagações, as minhas suposições, as minhas inquietações. Obrigado por me acompanhares nesta e noutras aventuras e por partilhares comigo a tua experiência.

À Diana, por estares sempre presente, pela atenção, pela compreensão, ajuda e motivação e, porque não, pelos silêncios que me faziam pensar no caminho a seguir.

A todos quantos escutaram as minhas inseguranças e dúvidas ao tratar um assunto tão fugidio como é a sabedoria, a todos que sempre estiveram lá.

ÍNDICE GERAL

Resumo	III
<i>Abstract</i>	V
Agradecimentos	VII
Índice de Tabelas	IX
Índice de Figuras	XI
Introdução	15
CAPÍTULO I - Enquadramento teórico e empírico: a Sabedoria	25
1.1. Sabedoria: o conceito na tradição histórica, filosófica e religiosa	25
1.2. A sabedoria na perspetiva da Psicologia	28
1.3. Diferentes concepções sobre a sabedoria	34
1.3.1. Teorias Implícitas (subjectivas) de Sabedoria	35
1.3.2. Teorias explícitas: conceptualização e medida	41
1.3.3. A distinção entre sabedoria pessoal e geral	42
1.3.3.1. Abordagens ao estudo da sabedoria geral	44
1.3.3.2. Abordagens ao estudo da sabedoria pessoal	57
CAPÍTULO II - Método	77
2.1. Participantes	77
2.2. Instrumentos	78
2.2.1. Ficha Sociodemográfica	78
2.2.2. Escala Tri-Dimensional de Sabedoria (3D-WS)	79
2.2.3. Crescimento Pessoal e Propósito/objectivos de Vida (SPWB-18 items)	79
2.3. Tradução e adaptação da 3D-WS para língua portuguesa	80
2.4. Procedimentos de recolha de dados	81
2.5. Procedimentos de análise de dados	82

CAPÍTULO III - Apresentação dos resultados	87
3.1. Descrição dos resultados	87
3.2. Caracterização sociodemográfica dos participantes	87
3.3. Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Tri- Dimensional de Sabedoria	90
3.3.1. Sensibilidade dos resultados	90
3.3.2. Validade de constructo	91
3.3.3. Fiabilidade da 3D-WS-19	97
3.3.4. Validade convergente	98
 Discussão dos Resultados e Conclusão	 101
 Referências Bibliográficas	 115
 ANEXOS	 131
Anexo 1 - Versão original e versão portuguesa da 3D-WS, com integração dos itens da versão original nas respectivas dimensões	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Definições do conceito de Sabedoria	29
Tabela 2 - Distinção entre Sabedoria Pessoal e Sabedoria Geral	44
Tabela 3 - Caracterização dos principais estudos desenvolvidos pelo Grupo de Berlim ..	50
Tabela 4 - Operacionalização do Modelo Tri-dimensional de sabedoria de Ardelt	69
Tabela 5 - Caracterização sociodemográfica dos participantes	88
Tabela 6 - Análise das frequências dos itens da 3D-WS	90
Tabela 7 - Estatísticas descritivas obtidas na versão portuguesa 3D-WS	92
Tabela 8 - Saturações dos itens da AFC	93
Tabela 9 - Valores de consistência interna das Subescalas Cognitiva, Reflexiva e Afectiva da 3D-WS na versão original e da 3D-WS-19 na versão portuguesa	97
Tabela 10 - Correlações dos itens das subescalas e <i>alfa</i> com a retirada de cada item da 3D-WS-19	97
Tabela 11 - Descrição das Escalas de medida e respectivas correlações	98

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura factorial da 3D-WS-19	96
--	----

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Assumindo, na linha da Teoria Desenvolvimental do Ciclo de Vida, que o desenvolvimento ocorre desde a concepção até à velhice numa relação dinâmica entre o indivíduo e o contexto em que ganhos e perdas desenvolvimentais co-existem, é possível afirmar que o contexto sociocultural influencia, de facto, o desenvolvimento e o envelhecimento do indivíduo. Nesta linha de pensamento e, assumindo que o desenvolvimento é um processo contínuo, multidimensional e multidireccional, sujeito a uma série de influências, mudanças e interacções, marcado ainda por constantes ganhos e perdas, é impossível negar que, para um desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedidos é fundamental ter a capacidade de seleccionar metas, otimizar recursos e procurar compensações quando os meios disponíveis para atingir as metas estiverem comprometidos (Baltes, 1997).

Partindo também do conceito de envelhecimento positivo, tal como foi definido por Fernández-Ballesteros (2008), isto é, como um processo de adaptação ao longo de todo o ciclo de vida cujo objectivo é alcançar, na velhice, um funcionamento físico (incluindo a saúde), psicológico (estado cognitivo óptimo e regulação positiva entre as emoções e a motivação) e social óptimos, assume-se que para alcançar este estado de bem-estar em muito contribuiria certamente ser sábio, pois tal característica é encarada como o auge do desenvolvimento humano. De igual forma, quando se faz referência ao envelhecimento como processo, na linha da referida teoria, não se podem ignorar os factores relativos à própria velhice bem como outros que decorrem do modo como são vividos períodos anteriores (e.g. acontecimentos e atitudes tomadas pelos indivíduos, personalidade, contexto sociocultural).

Para além disso, a sabedoria, enquanto fenómeno que envolve características cognitivas, reflexivas e afectivas (Ardelt, 2003), pode ser vista como uma manifestação dos mecanismos SOC (selecção, optimização e compensação) descritos por Baltes e Baltes (1990), na medida em que potencia o aperfeiçoamento dos indivíduos pelo atingir de um

A presente dissertação de mestrado não foi elaborada de acordo com o novo Acordo Ortográfico que entrou em vigor em Janeiro de 2009, beneficiando do período de transição que decorre até 2015.

saber com qualidades de mestria (Baltes, Dittmann-Kohli & Kliegl, 1986; Baltes & Smith, 1990; Kliegl & Baltes, 1987; Smith, Dixon & Baltes, 1989 como citado em Marchand, 2005)

A complexidade associada a este conceito tem despertado desde cedo grande interesse. Tida como um misto de ideal sobre-humano e conhecimento puro, a sabedoria foi tema de interesse nas mais diversas tradições culturais, filosóficas e religiosas. Desde o Antigo Egipto, passando pela cultura oriental (desde Confúcio, Buda, Tao, passando também pelo Hinduismo), pela cultura ocidental (destacando-se aqui a cultura grega e romana), pelo Antigo e Novo Testamento (Alves, 2011) e, posteriormente pela Psicologia. Todavia, o facto de ter sido utilizada, ao longo dos séculos, para fazer referência às mais distintas actividades dificulta naturalmente a sua definição de uma forma consensual. No entanto, e de uma forma geral, tem sido apresentada como uma dimensão interna, como uma aceitação da contingência da realidade existente, como a percepção das relações entre as coisas (Maxwell, 2004), como a inteligência aperfeiçoada pela experiência (Staudinger, 2008).

De uma forma geral, assume-se que a sabedoria não se restringe ao domínio da excelência cognitiva, alargando-se aos temas da motivação e do afecto, é destacada a importância do contexto em que o indivíduo se desenvolve como fonte de estimulação, motivação e socialização e que exige um desenvolvimento coordenado da mente, personalidade e emoção (Staudinger & Gluck, 2011a). Ainda que grande parte das investigações nesta área tenham sido realizadas com idosos, não parece haver uma relação linear entre sabedoria e idade (Jordan, 2005). De facto, alguns autores (Baltes & Staudinger, 2000; Jordan, 2005; Barros-Oliveira, 2006) contrariam a perspectiva social de que “ser velho é ser sábio”, reconhecendo no entanto que seja necessário tempo, experiência e prática, considerando aliás que a sabedoria é uma característica rara e invulgar (Araújo, 2010). A este propósito, Hoare (2002, como citado em Sokol, 2009), numa análise de documentos inéditos de Erikson, verificou que este abandonou a convicção de que a integridade e a sabedoria são características da última fase da vida. Este considerava aliás que a sabedoria pode e deve ser situada mais cedo, encarando-a portanto como um comportamento que está ajustado às exigências de cada fase da vida do adulto. A título de exemplo, o adulto de meia-idade demonstra sabedoria ao gerar,

amar e cuidar das crianças, ao criar produtos e ideias, ao comprometer-se com princípios honrados e convicções.

Jesuíno (2012) refere igualmente que a atitude perante os velhos sempre foi oscilante; é certo que nem todos os idosos, mesmo quando respeitados, eram considerados sábios, no entanto, não raras vezes, eram descartados como um peso inútil. Hoje, a correlação parece igualmente de difícil aceitação, quer em termos conceptuais, quer em termos empíricos. Se por um lado, a velhice parece associada a algumas características específicas, também é certo que o tempo de vida se prolongou e se densificou, fazendo recuar os limites da maturidade e da generatividade.

Assim, Ardelt (2003, 2004a,b, 2010) apresenta um modelo tridimensional de sabedoria, definindo a mesma como uma integração de características cognitivas, reflexivas e afectivas da personalidade. A dimensão cognitiva refere-se ao desejo de conhecer a verdade e atingir um nível profundo de compreensão da vida, sobretudo em dimensões intrapessoais e interpessoais. Esta dimensão inclui o conhecimento e aceitação dos aspectos negativos e positivos da natureza humana, assim como das limitações do conhecimento e da incerteza. Para tal, é necessário desenvolver a componente reflexiva, que abrange a auto-análise, a auto-consciência, o *insight* e a capacidade de olhar para os fenómenos de diferentes perspectivas. A transcendência da própria subjectividade através da auto-reflexão reduz o egocentrismo da pessoa, permitindo *insights* mais profundos sobre o seu comportamento e motivações e os dos outros, conduzindo a uma compreensão mais profunda da vida. Daqui resulta a componente afectiva deste modelo, ou seja, a capacidade da pessoa se descentrar de si mesma e ser capaz de lidar com os outros de forma construtiva, empática e com compaixão. A autora defende que esta definição se aproxima de um “tipo ideal” de sabedoria que raramente se encontra na realidade, sendo apenas possível avaliar quão perto uma pessoa se aproxima desse ideal. Para medir a sabedoria, desenvolveu uma escala tri-dimensional de auto-administração, a *Three-Dimensional Wisdom Scale* (3D-WS), baseada na operacionalização de cada uma das dimensões do seu modelo que permitem avaliar a variável latente sabedoria.

De facto, a partir dos anos 80, a sabedoria começou a ser analisada empiricamente, tendo sido diferenciada da inteligência, analisada em termos de idade e género, combinada com a cognição e o afecto, encarada como uma integração de várias dimensões do *self* ou como um equilíbrio entre interesses intrapessoais, interpessoais e extrapessoais no sentido do bem comum (Sternberg, 2004). Desta forma, as conceptualizações de sabedoria multiplicaram-se, diferenciando-se essencialmente pelo peso que atribuem à cognição e ao afecto. Todavia a generalidade dos autores reconhece a multidimensionalidade deste conceito e, portanto, o peso de outros factores, como sendo o contexto sociocultural ou a personalidade (Brown & Greene, 2006, 2009).

Estas conceptualizações são agrupadas nas abordagens implícitas que se baseiam nas concepções populares sobre a sabedoria, procurando portanto conhecer como o conceito é utilizado no quotidiano e como é que as pessoas sábias são caracterizadas. Por sua vez, as abordagens explícitas focam-se nas manifestações comportamentais ou expressões da sabedoria, oferecendo uma teoria formal sobre a mesma que permita a sua conceptualização e medida. Para além desta categorização, Staudinger e Glück (2011b) sugerem que a pesquisa psicológica no âmbito da sabedoria beneficia com a diferenciação de duas linhas de investigação – a sabedoria pessoal e a sabedoria geral (Staudinger 1999; Staudinger, Dörner & Mickler, 2005). Tal distinção está relacionada com a utilização da primeira ou terceira pessoas, ou seja, quando se fala em sabedoria pessoal referimo-nos à percepção dos indivíduos sobre si mesmos, sobre as suas próprias vidas, ao passo que a sabedoria geral se refere à compreensão dos indivíduos acerca da vida em geral, a partir do ponto de vista do observador, isto é, quando não estão pessoalmente envolvidos. Em termos de categorização, Staudinger e Glück (2011b) consideram o Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim, a perspectiva de Sternberg e a abordagem Neo-Piagetiana como fazendo parte da Sabedoria Geral, integrando por sua vez as teorias de Loevinger, de Labouvie-Vief, de Dörner e Staudinger, a tradição Eriksoniana (Erikson, Ryff, Helson e Srivastava), a teoria de Webster, de Levenson e colaboradores e de Ardelt na Sabedoria Pessoal.

Para além disso, alguns estudos já identificaram determinadas circunstâncias como facilitadoras do desenvolvimento deste constructo, tais como a experiência de vida,

a prática de tutor/mentor e certas disposições motivacionais, tais como a generatividade (Baltes & Smith, 1990; Staudinger, Smith & Baltes, 1992; Smith, Staudinger & Baltes, 1994, como citado em Marchand, 2005) ou ainda a sagacidade, isto é, a capacidade demonstrada pelos indivíduos de se interessarem e compreenderem os outros e os seus problemas, de aceitarem opiniões diferentes das suas e de terem consciência da enorme potencialidade de aprender com os outros (Sternberg, 1985,1987, 1990).

Adicionalmente, verifica-se que Carol Ryff integrou, num trabalho relativamente recente, a sua conceptualização de sabedoria no conceito de bem-estar psicológico (Ryff & Keyes 1995; Ryff & Singer, 2006), por considerar essenciais os aspectos eudamónicos/psicológicos de bem-estar (Ryan & Deci, 2001; Waterman, 1993). Assumindo como fundamental a obtenção do bem-estar pela percepção do potencial individual para o crescimento, a autora desenvolveu uma escala de medida que avalia seis componentes distintos do bem-estar psicológico – autonomia, mestria ambiental, crescimento pessoal, relações positivas com os outros, propósito/objectivos de vida e auto-aceitação. Destes, o crescimento pessoal e propósito de vida demonstram algumas das mais fortes correlações com o desempenho associado à sabedoria pessoal e geral (Glück & Baltes, 2006; Mickler & Staudinger, 2008; Staudinger, Lopez & Baltes,1997, como citado em Staudinger & Glück, 2011b).

Também Mickler e Staudinger (2008) verificaram a não existência de correlações com indicadores de bem-estar subjectivo, tais como a satisfação com a vida ou emoções positivas ou negativas. Por sua vez, Jason, Reichler, King, Madsen, Camacho e Marchese (2001, como citado em Bluck & Glück, 2005) encontraram correlações significativas positivas entre a sabedoria, a harmonia, o calor humano, a inteligência, a natureza e a espiritualidade.

Tendo em conta a diversidade de modelos teóricos desenvolvidos no âmbito da sabedoria e que a existência de instrumentos e escalas de medida que permitam analisar os distintos aspectos associados ao processo de envelhecimento no sentido de produzir mais e melhor conhecimento na matéria e, conseqüentemente melhorar a intervenção e otimizar o desenvolvimento são absolutamente essenciais, são apresentados neste documento as metodologias utilizadas para avaliar esta característica tão rara. Do ponto

de vista das abordagens ao estudo da Sabedoria Geral, destacam-se o método de “pensar em voz alta” (*thinking aloud*) sobre dilemas de vida complexos desenvolvido pelo Grupo de Berlim, a conceptualização de Sternberg (1998, 2000) e a tradição do desenvolvimento cognitivo Neo-Piagetiana. De uma forma global pode dizer-se que as abordagens ao estudo da sabedoria geral estão particularmente associadas à investigação na área da cognição, isto é, mantêm o foco central nos dilemas de vida, no entanto, a noção clássica de cognição amplia-se para incluir aspectos emocionais e motivacionais (Staudinger & Glück, 2011b).

Os modelos de sabedoria pessoal destacam especialmente os eventos difíceis e negativos de vida (e.g., Ardel 2005, Kramer 2000) – temas centrais em constructos relacionados como sendo o crescimento ou stress pós-traumático. No entanto, assumem igualmente a importância da aprendizagem decorrente das mudanças sócio-emocionais e dos desafios associados à experiência de vida individual, aproximando-se assim das noções de "maturidade" e "crescimento pessoal". As abordagens ao estudo da sabedoria pessoal deram origem a medidas baseadas no desempenho (abordagens de Loevinger, Labouvie-Vief, Mickler & Staudinger e de Dörner & Staudinger) e a medidas de auto-relato (Escala Tri-dimensional de Ardel, a Escala de auto-relato de Webster, bem como a medida de Levenson no âmbito da sabedoria como transcendência pessoal) (Staudinger & Glück, 2011b).

Apesar das dificuldades em medir este conceito multidimensional, os benefícios associados à sabedoria, enquanto processo facilitador do desenvolvimento pessoal e social bem como para um envelhecimento saudável, constituem factores motivacionais para que muitos autores persistam nesta investigação (Ardelt, 2003). É neste sentido e com base nos fundamentos da Gerontologia Social que se pretende, com o presente estudo, traduzir e validar a 3D-WS para a população adulta portuguesa. Dito de outro modo, a Gerontologia Social é, claramente, uma ciência multidisciplinar de carácter interventivo, onde as bases sociais se alargam (para além da biologia ou da psicologia) e beneficiam de uma atenção mais pormenorizada (Fernández-Ballesteros, 2004). A autora afirma igualmente que a Gerontologia Social está especialmente dedicada à análise do impacto das condições socioculturais e ambientais no processo de envelhecimento e na

velhice, das consequências sociais deste processo e ainda das acções sociais que possam ser úteis para o melhorar. Esta ciência permitiu, através do impulso à realização de estudos científicos, analisar as diferenças de idade, as condições concretas do idoso e os processos associados ao envelhecimento – quer biológicos, psicológicos ou sociais, desenvolvendo ainda estratégias de aplicação de todo este conhecimento em benefício das pessoas mais velhas. Assim, e assumindo que os Gerontólogos Sociais – profissionais responsáveis pela avaliação, intervenção e investigação acerca do fenómeno de envelhecimento humano – devem ser capazes de compreender e explicar o envelhecimento de uma forma sistémica, pode dizer-se que conseguir identificar o quão um indivíduo se aproxima do conceito de sabedoria é uma finalidade perfeitamente enquadrável, sobretudo se esta capacidade de mestria e enorme conhecimento de vida está estritamente associada à optimização do desenvolvimento.

Nesta linha de pensamento, não existem dúvidas de que a Gerontologia Social é de extrema importância e que o seu papel na sociedade é fundamental, quer ao nível académico e científico, como das políticas sociais no sentido de avaliar e intervir de um modo adequado. Até porque as diversas teorias e modelos no âmbito do envelhecimento, embora distinguindo-se por alguns aspectos, são unânimes ao afirmarem que o processo de envelhecimento é altamente heterogéneo, que existem vários percursos para se atingir um envelhecimento bem-sucedido, que a percepção dos idosos acerca da sua situação é essencial, que a variabilidade interindividual entre idosos é significativa, que a plasticidade pode prevenir ou melhorar condições negativas (declínio e limitação) e que as mudanças sócio-históricas, bem como as características pessoais têm uma enorme influência nos processos de desenvolvimento e envelhecimento (Paúl & Ribeiro, 2012).

Do ponto de vista metodológico, estabeleceu-se como referência o paradigma de investigação positivista/pós-positivista (Mackenzie & Knipe, 2006), dado que se pretende realizar um estudo recorrendo a métodos quantitativos de recolha e análise de dados. O positivismo é frequentemente assumido como o ‘método científico’ ou ‘investigação científica’ reflectindo uma filosofia na qual a causa determina provavelmente os efeitos ou resultados (Creswell, 2003).

Posto isto, a presente dissertação organiza-se em três grandes capítulos. O primeiro deles é dedicado ao enquadramento teórico e empírico do tema – a sabedoria, tentando fazer-se uma abordagem do constructo a partir das perspectivas histórica, filosófica, religiosa e psicológica/empírica e, neste sentido, demonstrar a sua natureza multidimensional. Por sua vez, o segundo capítulo, dedicado à metodologia, apresenta os objectivos do estudo, os participantes, os instrumentos e procedimentos de recolha de dados, bem como as estratégias de análise de dados. No terceiro capítulo são descritos os resultados do estudo, com especial destaque para as características psicométricas da 3D-WS-19. Por fim, procede-se à discussão dos resultados relacionando-os com a reflexão teórica e resultados empíricos apresentados no primeiro capítulo, bem como as principais conclusões.

Considera-se portanto que o estudo empírico se assume como uma exigência necessária para que a sabedoria se torne uma finalidade, uma perspectiva, uma estratégia objectivamente desejada e “trabalhada” pelos indivíduos no seu dia-a-dia na medida em que esta é uma característica tida como altamente desejável, como o auge do desenvolvimento humano, como um dos maiores, e senão mesmo o maior, desafios da humanidade. Não tivesse sido, desde sempre, tema de interesse por parte dos homens, a sabedoria implica uma relação coordenada entre as componentes cognitiva, afectiva e reflexiva, assumindo-se portanto como o fim último do desenvolvimento humano.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO: A SABEDORIA

1. Enquadramento teórico e empírico: a sabedoria

Neste primeiro capítulo procede-se à análise do constructo ‘sabedoria’ do ponto de vista da tradição histórica, filosófica, religiosa, bem como da psicologia. Nesta linha, são analisadas as diferentes concepções e medidas associadas à sabedoria, legitimando assim o propósito do presente estudo – a validação de um instrumento de medida: a *Three-Dimensional Wisdom Scale* (3D-WS; Ardel, 2003).

1.1. Sabedoria: o conceito na tradição histórica, filosófica e religiosa

A sabedoria, entendida como um constructo altamente complexo, é apresentada como sendo detentora de um significado trans-histórico, trans-cultural (Baltes, 2004) e transdisciplinar (Baltes, Glück & Kunzmann, 2002, como citado em Kunzmann & Baltes, 2005). Efetivamente, o interesse por este conceito não é de todo recente, bem pelo contrário. Assume-se aliás que esta é uma questão antiga e altamente relacionada com as mais diversas tradições culturais, religiosas e filosóficas. De salientar que existem várias alusões ao conceito quer em textos clássicos Gregos e Romanos, quer em escritos da Mesopotâmia ou do Antigo Egipto (Alves, 2011). Mais concretamente, e a título de exemplo, é possível verificar que na civilização egípcia, em documentos como “*The Instruction of Ptah Hotep*” são enfatizadas virtudes como a paciência, a honestidade, o autocontrolo e a justiça, consideradas essenciais para relações humanas harmoniosas (Takahashi & Overton, 2005).

Com base no alinhamento histórico feito por Alves (2011) e sabendo que a sabedoria desde sempre fez parte da preocupação do Homem manifestando-se em realidades tão distintas e multidimensionais tais como: (i) a Antiguidade Egípcia; (ii) a filosofia, espiritualidade e Cultura Oriental (Budismo, Taoismo, Hinduísmo); (iii) o pensamento sapiencial da Cultura Ocidental ou ainda (iv) a tradição teológica (que nos remete para o Antigo e Novo Testamento), é desta forma possível compreender a enorme dificuldade em definir e delimitar adequadamente este constructo. Ainda assim e de uma forma geral, a sabedoria tem sido conceptualizada nas mais diversas tradições culturais sobretudo como a capacidade de conduzir a vida da melhor forma. Senão vejamos, na Antiguidade Egípcia destaca-se, para além da “*Instrução de Ptah Hotep*” a

“Instrução de Hardjedef” que representa uma espécie de linha orientadora para o homem jovem que se deve reger pela modéstia, segurança, auto-controlo, honestidade, respeito para com os outros e bom comportamento moral.

Por sua vez, como referido por Alves (2011), o pensamento filosófico de Confúcio acabou por influenciar toda a cultura da Ásia Oriental na medida em que um dos princípios essenciais da sabedoria era precisamente a capacidade de dar um exemplo de vida, através da conduta mais correcta possível. Os seus ensinamentos tratavam essencialmente de questões morais e éticas, da prática do bem, das relações sociais e da sabedoria empírica sendo a sua doutrina baseada na retidão nativa – o homem nasce bom e inclinado para o bem. Já a prática budista considera a existência de três tipos de sabedoria: a sabedoria adquirida, a sabedoria intelectual e a sabedoria empírica sendo que é esta última, proveniente da experiência individual, da nossa realização pessoal da verdade, que possui a capacidade de provocar uma mudança na vida dos indivíduos, alterando a natureza da sua mente (Bercholz & Kohn, 1994; Levitt, 1999). Nesta linha, o exercício da sabedoria, ou *prajna*, conduz todos os que a praticam à iluminação sendo que só pelo seu desenvolvimento é possível atingir a verdade interior e libertarmo-nos de toda a ignorância e laços que nos prendem à contingência da vida.

No caso específico do Taoísmo tudo gira em volta do conceito de *“tao”* que significa *“caminho”* aproximando-se à concepção ocidental de *“Deus”*. A sabedoria taoista encerra o ensinamento de que precisamos aprender a liderarmo-nos, procurar o *“tao”* no nosso interior e, conseqüentemente o nosso *“próprio rumo de vida”* – o taoísmo envereda assim por uma abordagem particularmente mística que pretende resgatar o contacto entre o homem e o meio natural e transcendental que o rodeia. Mais acrescenta Cocagnac (2006, como citado em Alves, 2011) que a única grande recomendação da sabedoria secular da Índia é a de agir simples e puramente de acordo com o que nos aconselha o coração. O hinduísmo é uma religião particularmente ampla e complexa, compondo-se de um grande número de cultos e tendências filosóficas, envolvendo vários rituais e cerimónias de disciplina espiritual, bem como a crença e devoção a vários deuses. O caminho de sabedoria traçado pelo hinduísmo prende-se necessariamente com

o respeito pela antiguidade e tradição, pela confiança nos Livros Sagrados e pela crença em Deus.

Do ponto de vista das concepções ocidentais destaca-se naturalmente o pensamento sapiencial da cultura grega, apontada como a primeira a investigar sistematicamente a natureza da sabedoria. De acordo com o pensamento socrático, a sabedoria é a maior de todas as virtudes, ultrapassando como tal o domínio exclusivamente cognitivo. Do ponto de vista de Sócrates, os sábios poderiam inclusive ser iletrados uma vez que a sabedoria se relaciona com o carácter, o autocontrolo da razão e a procura incessante da harmonia, beleza e verdade (Marchand, 1994). Por sua vez, Platão encara a sabedoria como o conhecimento do Bem absoluto, sendo que o filósofo, que «deseja toda a sabedoria» vai além do amor por qualquer coisa no particular, preocupando-se antes com a capacidade para ver e compreender o Bem em si mesmo (Alves, 2011). A concepção aristotélica, por sua vez, está bastante vinculada à excelência, sendo considerado sábio aquele que se empenha na perfeição moral ou virtude através da qual o «*golden mean*» é encontrado e adoptado em todos os acontecimentos significativos de vida (Marchand, 1994). Não é possível ignorar no entanto o estoicismo romano e Marco Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) que, nos seus trabalhos enquanto filósofo, orador, escritor, advogado e político romano defendia que a felicidade, harmonia e sabedoria residem num estado de alma em que o Homem se torna capaz de ser indiferente às mudanças que estão a sua volta: a) por reconhecer a fugacidade de todas as coisas, por ser temente a Deus; b) por confiar na justiça que decorre dos seus actos; c) por estar certo de que age de acordo com a sua lógica; d) pelo conhecimento das causas físicas das coisas e) por respeitar a natureza e os preceitos dela decorrentes; f) por viver conforme o que é capaz de produzir (Gomes, 1998).

Do ponto de vista da tradição teológica, é perceptível pelos textos do Antigo Testamento que a sabedoria é totalmente personificada (identificada com o próprio Deus). Como mencionado por Alves (2011, p. 18) referindo-se aos textos sagrados “o princípio da sabedoria é Deus, que, quando comungada, enobrece os velhos, orienta os jovens, faz da mulher um tesouro e do lar um céu. Utilizando o conselho, a correcção e a

disciplina, a sabedoria bíblica procura tornar o homem perfeito, amado por Deus e apreciado pelos homens”.

Neste sentido, é possível afirmar-se que a sabedoria tem sido entendida nestes domínios do saber como um tipo de conhecimento que envolve uma procura e investimento no sentido de compreender o sentido e o significado da vida. De uma forma geral todas as tradições acima referenciadas reconhecem este tipo de conhecimento como «arte existencial» que se reflecte nos comportamentos, sendo partilhado por todas o pressuposto de que é necessário um determinado período de tempo para a aquisição da sabedoria.

1.2. A sabedoria na perspectiva da Psicologia

O estudo da sabedoria enquanto um domínio de investigação independente da psicologia tem, efectivamente, uma história bastante curta o que se pode justificar quer pelas dificuldades em medir o constructo quer pelo paradigma inicialmente dominante nesta matéria, que se focava essencialmente no declínio do indivíduo (Brugman, 2006).

Nesta linha, somente na década de 80 se assistiu ao início da investigação no âmbito da sabedoria uma vez que até à data esta apenas fazia parte de teorias mais amplas como sendo a Teoria Psicossocial de Erikson (Erikson, 1959, 1976) em que a sabedoria era encarada como o resultado bem-sucedido do último conflito psicossocial – integridade vs desespero de Eu - ou a Teoria do Raciocínio Moral de Kohlberg (Kohlberg, 1973) na qual, e ainda que implicitamente, a sabedoria surgia associada ao último estágio de desenvolvimento do raciocínio moral (Brugman, 2006). Os investigadores da sabedoria foram definindo progressivamente o seu lugar no âmbito da Psicologia a partir dos anos 80 do século XX (Gonçalves, 2010), tendo por base o paradigma contextualista e assumindo como pressupostos centrais o desenvolvimento como fenómeno co-extensivo à duração da vida, bem como a constante possibilidade de optimização de capacidades e potencialidades.

Se inicialmente surgia sobretudo como um ganho decorrente da idade, algumas investigações desenvolvidas nos últimos anos não corroboram totalmente este facto, afirmando que não se estabelece uma correlação linearmente positiva entre o avanço da

idade e o desenvolvimento da sabedoria (Ardelt, 1997; Assmann, 1994; Baltes & Freund, 2003; Jordan, 2005; Staudinger, 1999; Sternberg, 1990b como citado em Ardel, 2010).

Se, como vimos, esta foi uma característica mencionada ao longo da história, a verdade é que só recentemente e com a ênfase atribuída à perspectiva positiva sobre o desenvolvimento humano é que integrou o vocabulário da Psicologia passando a constituir-se como objecto de investigação. Foi aliás nos anos vinte do século passado que Stanley Hall (1844-1924) – primeiro Presidente da *American Psychological Association* (APA) – abordou o tema e tentou desenvolver um modelo de sabedoria nos idosos. O autor associou a sabedoria à emergência de uma atitude meditativa, calma e de imparcialidade, com o desejo de se extrair lições morais (Barros-Oliveira, 2006, como citado em Araújo, 2010).

Efetivamente o despertar da Psicologia para esta questão está, em grande medida, relacionado com o estudo dos adultos idosos. De facto, foi precisamente com o surgimento da Gerontologia enquanto ciência no início do séc. XX que surgiu o interesse por novos domínios de investigação, de entre os quais, a sabedoria (Gonçalves, 2010). De referir que uma das primeiras associações entre velhice e sabedoria foi levada a cabo por Erikson (1959, 1976) que a elegeu como a virtude a conquistar na velhice.

Assim sendo, a sabedoria passou a ser estudada, por um conjunto muito diverso de investigadores, que têm desenvolvido várias conceptualizações e seguido linhas de investigação bastante diferentes. A título de exemplo, analisemos a tabela abaixo.

Tabela 1

Definições do conceito de Sabedoria

Autor(es)	Definições
*Arlin (1990)	A sabedoria está intimamente associada à capacidade de identificar problemas, processo cognitivo fundamental para a reflexão e juízo.
*Baltes e Smith (1990)	A sabedoria é o domínio da pragmática fundamental da vida tal como o planeamento e revisão da vida. Requer um elevado conhecimento factual e processual acerca de assuntos e problemas da vida, conhecimento acerca de diferentes contextos de vida, valores e prioridades, assim como da sua imprevisibilidade.
*Birren e Fisher (1990)	A sabedoria é a integração de aspetos de ordem afetiva, conativa, e cognitiva, que se manifestam nas respostas humanas a problemas e tarefas da vida. A sabedoria é um equilíbrio entre valências opostas: emoções fortes e distanciamento; acção e

	inércia; conhecimento e dúvida. Tende a aumentar com a experiência e portanto coma idade mas não se encontra exclusivamente na velhice.
*Chandler e Holliday (1990)	Filosofia contemporânea dos limites da ciência conceptualização da sabedoria para um conhecimento do tipo tecnológico. Uma descrição mais rigorosa de sabedoria pode necessitar de descritores de competência tipo bem definidos, organizados e multidimensionais. Isto envolve recuperar conhecimento antigo e que foi esquecido.
*Csikszentmihalyi e Rathunde (1990)	Uma abordagem hermenêutica evolutiva que sugere que a sabedoria é um processo cognitivo holístico, virtude ou guia para a acção e um estado de espírito desejável.
*Kitchener e Brenner (1990)	A sabedoria é uma capacidade intelectual que permite estar consciente das limitações do conhecimento e do seu impacto no juízo e resolução de problemas pouco estruturados - características do Juízo Reflexivo.
*Kramer (1990)	A sabedoria é uma forma organísmica de integração de modos de pensamento relativista e dialéctico, afectos e reflexão; uma perspectiva da realidade desenvolvida no quadro da inter-relação destes elementos.
*Labouvie-vief (1990)	Um diálogo suave e equilibrado entre dois tipos de atributos: externos, objectivos, formas lógicas de processamento (<i>logos</i>); e internos, subjectivos, formas organísmicas (<i>mythos</i>).
*Meacham (1990)	A sabedoria é a consciência da falibilidade do conhecimento e um esforço pela busca de equilíbrio entre o saber e a dúvida. A idade não é um componente explícito de sabedoria, de facto pode perder-se com a idade. A idade está associada com mudanças na sabedoria, desde manifestações simples às mais profundas.
*Orwoll e Permuter (1990)	Um estudo personológico de sabedoria sugere que esta é um equilíbrio multidimensional ou integração da cognição e dos afectos, afiliação, e preocupações sociais. A essência da sabedoria está num elevado desenvolvimento da personalidade juntamente com competências cognitivas.
*Pascoal- Leone (1990)	A sabedoria é um processo de integração dialéctica de todos os aspetos da personalidade, incluindo o afecto, a vontade, a cognição e as experiências de vida.
*Robinson (1990)	Três definições históricas: (1) Gregos – Uma vida moral intelectual e prática vivida em conformidade com a verdade e com a beleza; (2) Cristãos – Uma vida vivida em busca do divino e da verdade absoluta; (3) Contemporânea – Uma compreensão científica das leis que regem o mundo.
*Sternberg (1990)	A sabedoria é um estilo metacognitivo mais a sagacidade. Saber que não se sabe tudo, perseguindo a verdade na medida em que esta seja possível de ser conhecida.
**Chandler (1990; 1991)	A Psicologia védica de Maharishi Mahesh Yogi... propõe que a fonte unificada de todo o conhecimento e experiência, incluindo os afectos e a cognição, é um campo transcendental de consciência pura (<i>o self</i>) que pode ser conhecido por experiência directa (autoconhecimento). A sabedoria é descrita como um estado de <i>enlightenment</i> no qual o auto-conhecimento estabilizado resulta numa personalidade totalmente integrada.
**Bates (1993)	Já não chega nem faz sentido continuar a olhar a sabedoria como um simples fenómeno, como uma espécie de entidade ou um corpo de conhecimento que nos ajuda a gerar uma determinada resposta. Agora a noção de sabedoria tem de incorporar um processo de chegada à verdade, que vá de encontro às necessidades e contextos individuais, comunitários ou nacionais.
**Brugman (2000)	A sabedoria é <i>expertise</i> na incerteza. Envolve componentes metacognitivas, afetivas e comportamentais.

**Randall e Kenyon (2001)	A sabedoria “normal” está relacionada com o encontrar de sentido na vida e no sofrimento (dimensão mística e espiritual). Tem a ver com a capacidade de o indivíduo aceitar, possuir e valorizar a sua própria vida e as suas histórias, incluindo o que não viveu e as histórias que não contou. Sabedoria “extraordinária” inclui seis dimensões: (1) a dimensão cognitiva que envolve um determinado nível de compreensão intelectual; (2) A dimensão prática e experiencial relaciona-se não apenas com ideias abstractas ou teorias mas com a vida do dia-a-dia; (3) os aspetos interpessoais da sabedoria implicam a percepção de uma história maior na qual vivemos; (4) a dimensão ético-moral que se preocupa com o que os gregos se referiam por “conhecer e fazer o bem”; (5) a expressão idiossincrática – tantas expressões de sabedoria quanto os seres humanos que existem; (6) a dimensão mística e espiritual da sabedoria extraordinária, a experiência especial e/ou <i>insight</i> na natureza dos cosmos e do lugar do Homem nele.
***Helson e Srivastava (2002)	Sabedoria como uma integração de vários traços cognitivos, afectivos e transcendentais.
***Takahashi e Overton (2002)	Sabedoria como uma compreensão cognitiva/afetiva crescente de habilidades analíticas e sintéticas, integrando-as numa maior refletividade.
***Ardelt (2003)	Sabedoria como uma integração das dimensões cognitiva, reflexiva e afectiva.
***Webster (2003)	São apontadas 5 dimensões (experiência, regulação emocional, reminiscência e reflexividade, abertura, humor) como características do protótipo de pessoa sábia.

Fonte: *Adaptado de Birren & Fisher (1990), **Birren & Svensson (2005) e ***Trowbridge (2005).

Embora como vimos, a sabedoria se assuma como uma preocupação central da humanidade, o facto é que a sua abordagem científica é ainda muito recente. Data de 1990 a obra “*Wisdom: It’s nature, origins and development*” da autoria de Robert Sternberg, cuja leitura é essencial na abordagem empírica deste constructo. Surge mais tarde, em 2005, o “*Handbook of Wisdom*” de Robert Sternberg e Jennifer Jordan, o que demonstra que, pese embora a abordagem empírica recente, os resultados das investigações são já de significativa importância justificando portanto a construção de um Manual.

Apesar de permanecer o desafio da operacionalização teórica e empírica do conceito, encontram-se inúmeros pontos de convergência entre os vários autores, nomeadamente na conceptualização da sabedoria enquanto abordagem integrativa e holística dos problemas e desafios humanos. A este propósito, Baltes (2003, como citado em Kunzmann & Baltes, 2005), após análises histórico-culturais do conceito de sabedoria, identifica sete características centrais que podem ser consideradas como linhas orientadoras para a investigação neste domínio: (1) diz respeito às importantes e difíceis questões sobre as estratégias de condução da vida; (2) implica a consciência acerca dos

limites do conhecimento e das incertezas do mundo; (3) representa verdadeiramente um nível superior de conhecimento, julgamento e aconselhamento; (4) constitui conhecimento com alcance extraordinário, profundidade, dimensão e equilíbrio; (5) envolve uma perfeita sinergia da mente e do carácter, uma perfeita orquestração do conhecimento e da virtude; (6) representa conhecimento usado em prol do bem-estar próprio e de outros, sendo, paradoxalmente, (7) difícil de definir e facilmente reconhecível quando manifestada.

De uma forma geral, a sabedoria é encarada como sendo qualitativamente diferente de outras formas de inteligência, incidindo sobre problemas particularmente complexos e mal-estruturados, de natureza interpessoal e intrapessoal (Marchand, 2005). É perspectivada como uma qualidade desejada e admirada, como algo muito estimável, uma marca especial e de excelência, difícil de definir, não só relacionada com a inteligência, mas com uma forte e indispensável dimensão ética e moral (Alves, 2011).

A sabedoria é, assim, uma virtude, uma força humana, “uma qualidade do ser humano, uma potência interior, uma força de alma cujo traço dominante é a excelência existencial. Ela é a potência que se manifesta através da abertura ao mundo, uma disponibilidade aos outros e uma bondade excepcional”, que nos torna pessoas melhores para nosso próprio benefício e para aqueles que nos rodeiam. É uma qualidade que pressupõe abertura ao outro, genuíno interesse e disponibilidade face aos outros, respeito pela diferença, aceitação do outro enquanto fonte de aprendizagem, e simultaneamente um significativo auto-conhecimento e uma relação positiva consigo mesmo (Alves, 2011, p.17).

Segundo Baltes (2004, p. 20), a sabedoria representa “a sinergia perfeita entre a mente e o carácter, a orquestração perfeita entre o conhecimento e a virtude, refletindo a visão de que é mais do que conhecimento ‘cognitivo’. Para a sabedoria emergir é necessário que os atributos cognitivos, sociais e motivacionais convirjam e formem um todo de excelência extraordinária”. Assim sendo, facilmente se percebe que a sabedoria é “a jóia e o cume da evolução cultural e da ontogénese humana” (Baltes & Staudinger, 2000, p.132), sendo encarada como o objectivo ideal do desenvolvimento humano (Marchand, 2005).

A sabedoria surge frequentemente associada a uma maturidade de pensamento que permita a integração de conhecimentos, a capacidade de reflexão e a relativização, remetendo conseqüentemente para um comportamento pautado pela procura do bem-estar individual e comum (Barros-Oliveira, 2006; Jordan, 2005; Kunzmann & Baltes, 2005 como citado em Araújo, 2010).

Segundo Sternberg (1990), a sabedoria é perspectivada como o elemento que confere humanidade e universalidade à pessoa, expressando-se na capacidade de articular os interesses próprios, dos outros e da comunidade, conseguindo assim uma visão mais integrada e de procura do bem comum, ao passo que para Jordan (2005) é encarada como «raro dom».

Enquanto constructo multidimensional tem sido conceptualizado a partir de diversos domínios, como sendo a capacidade de tomar decisões sobre a própria vida ou ajudar os outros a fazê-lo, lidar com questões de cariz social e espiritual, ser capaz de colocar questões sobre si próprio (Kramer, 1990). São igualmente encontradas relações significativas entre a sabedoria, a harmonia, a inteligência, o calor humano, a natureza, a espiritualidade (Barros-Oliveira, 2006), a experiência de vida, o controlo emocional, a reflexão, a satisfação, abertura de espírito ou simplicidade (Webster, 2003). O juízo moral é igualmente uma variável muito relacionada com a sabedoria (Sternberg, 2000), assim como a capacidade de emitir juízos de valor assertivos (Conley, 2003) ou dedicar parte de si e do seu tempo à espiritualidade (Janson, Reichler, King, Madsen, Camacho & Marchese, 2001; Ardelt, 2004). De facto, segundo advogam diversos autores, a sabedoria está também relacionada com a espiritualidade e com a capacidade de dar um maior sentido à vida. Vários estudos indicam também uma correlação positiva entre sabedoria, espiritualidade e religiosidade (Barros-Oliveira, 2006 como citado em Gonçalves, 2010).

De uma forma geral podemos assumir que a sabedoria tem sido associada, ao longo do tempo e dos distintos domínios onde se integra, a um misto de ideal sobre-humano e conhecimento puro (Alves, 2011). Mesmo sendo várias as correntes no estudo da sabedoria, o certo é que, depois de mais de um quarto de século de investigação, não existe ainda uma definição unanimemente aceite. Ainda assim parece aproximar-se um consenso geral acerca da definição de sabedoria, considerando-se que esta é uma

característica rara, invulgar e excecional (Araújo, 2010). No entanto, medir sabedoria é, como veremos posteriormente, uma outra questão (Ardelt, 2005).

1.3. Diferentes perspectivas teóricas sobre a sabedoria

A temática da sabedoria, sendo, como referido acima, relativamente recente no campo científico, tem suscitado o interesse de diferentes investigadores o que conduziu ao desenvolvimento de diferentes perspectivas. Interessa portanto distinguir aquelas que atribuem maior importância aos aspetos cognitivos e aquelas que valorizam, quer os aspectos cognitivos, quer os aspectos afectivos (Barros-Oliveira, 2006; Marchand, 2005).

Vários autores (e.g. Jordan, 2005; Baltes & Staudinger, 2000; Jordan, 2005; Sternberg, 2001) identificam, para além das abordagens filosóficas e histórico-culturais, duas abordagens ao estudo da sabedoria: as teorias implícitas e as explícitas.

As abordagens implícitas baseiam-se nas concepções populares sobre a sabedoria, procurando portanto conhecer como o conceito de sabedoria é utilizado no quotidiano e como é que as pessoas sábias são caracterizadas. Dos resultados das concepções implícitas sobre sabedoria, Baltes e Staudinger (2000) retiram as seguintes conclusões: (i) a sabedoria é um conceito com significado específico, partilhado e compreendido na generalidade das representações populares, distinguindo-se de outros conceitos como inteligência, criatividade ou maturidade; (ii) é considerada como um nível excepcional de funcionamento humano, relacionado com a excelência e os ideais do desenvolvimento humano; (iii) identifica um estado da mente e do corpo que inclui uma interacção dinâmica e balanceada de aspectos intelectuais, afectivos e motivacionais do funcionamento humano; (iv) está associada a altos níveis de competência pessoal e interpessoal e (v) envolve boas intenções, sendo usada para o bem-estar próprio e dos outros.

Os resultados dos estudos implícitos sobre sabedoria parecem funcionar como um importante ponto de partida para as abordagens explícitas, verificando-se mesmo sobreposição de resultados (Baltes & Staudinger, 1993, 2000 como citado em Araújo, 2010). Contudo, ao contrário das teorias implícitas, as abordagens explícitas focam-se nas manifestações comportamentais ou expressões da sabedoria, oferecendo uma teoria

formal sobre a sabedoria que permita a sua conceptualização e medida. Nas principais referências no estudo psicológico da sabedoria, encontram-se os trabalhos da equipa de Paul Baltes, o trabalho de Monika Ardelt e o de Robert Sternberg.

1.3.1. Teorias Implícitas (subjectivas) de Sabedoria

As teorias implícitas de sabedoria, também designadas por *lay perceptions* (Hershey & Farrell, 1997), *folk conceptions* (Sternberg, 2000), *folk ideas* (Montgomery, Barber & McKee, 2002) ou *underlying structure of perceptions* (Clayton & Birren, 1980), são concepções de sabedoria que as pessoas detêm ao nível do senso comum numa determinada cultura/sociedade. Essencialmente, os autores que foram seguindo esta linha de investigação procuraram identificar, de acordo com a opinião popular, quais os atributos que as pessoas sábias manifestam.

Acredita-se portanto ser possível, através da análise das concepções dos sujeitos de um dado grupo/sociedade, aceder ao seu universo simbólico colectivo e à forma como uma dada cultura/sociedade emprega o termo sabedoria, como as pessoas julgam os outros em relação à sabedoria e ainda como as pessoas olham para os seus próprios comportamentos, sentimentos e pensamentos, enquanto sábios ou não sábios.

Os investigadores que estudam empiricamente a sabedoria no quadro das teorias implícitas, examinam as representações individuais dos sujeitos sobre o que constitui a sabedoria ou o ser-se sábio. Questões como “O que é a sabedoria?” ou “Quais os traços de uma pessoa sábia?” enquadram-se portanto neste tipo de abordagem. A resposta dada pelos sujeitos a estas questões é considerada informação importante para a consolidação teórica e conceptual de sabedoria (Marchand, 2001; Sternberg, 1985).

De acordo com Bluck e Glück (2005) é possível distinguir, no âmbito das teorias implícitas de sabedoria, três grandes linhas de pesquisa. A linha de investigação mais antiga corresponde aos estudos sobre os descritores da sabedoria. Nestas investigações, solicita-se aos sujeitos, que indiquem quais as características que identificam a sabedoria e as pessoas sábias. Numa segunda linha, é pedido aos participantes que refiram experiências pessoais de sabedoria. Na terceira linha de investigação, são apresentados aos sujeitos materiais, como textos e vídeos, que contêm informação manipulada

experimentalmente, sendo-lhes pedido que avaliem estes materiais tendo em consideração o conceito de sabedoria.

Bluck e Glück (2005), numa revisão de cinco teorias implícitas de sabedoria (Clayton & Birren, 1980; Hershey & Farrell, 1997; Holliday & Chandler, 1986; Jason, Reichler, King, Madsen, Camacho & Marchese, 2001; Sternberg, 1985), identificam cinco aspectos considerados essenciais para a sabedoria: capacidade cognitiva, *insight*, atitude reflexiva, interesse e preocupação com os outros e ainda competências pragmáticas.

Por sua vez, Sternberg (1990) numa análise comparativa dos conceitos de sabedoria, inteligência e criatividade, identificou em diferentes grupos, os seguintes indicadores de sabedoria: elevada capacidade de raciocínio, juízos excepcionais, uso expedito da informação, perspicácia, elevada capacidade de aprendizagem a partir da partilha de ideias e da interacção com o meio ambiente e sagacidade - considerada o indicador específico de sabedoria.

Evidência adicional provém do estudo de Heckhausen, Dixon e Baltes (1989) que, focando-se nas crenças dos sujeitos relativamente ao desenvolvimento na idade adulta, identificaram que os sujeitos esperavam, com o aumentar da idade, mais mudanças indesejáveis do que positivas, com excepção de duas características identificadas como altamente desejadas e esperadas – “dignidade” e “sabedoria”. De acordo com os resultados deste estudo os sujeitos têm a expectativa de que a sabedoria comece a aumentar pelos 55 anos e a decrescer, se alguma vez, mesmo no final da vida.

No estudo de Jason e colaboradores (2001), a maioria dos participantes referiu ter utilizado como critérios para nomear determinada pessoa como sábia: a sua capacidade para orientar, liderar ou o seu *insight*/espiritualidade. Ser inteligente e amar foram também critérios frequentemente mencionados.

Acresce ainda, ao nível das teorias implícitas, o facto de a idade ser considerada como uma variável relacionada com sabedoria. Dito de outro modo, existem evidências que demonstram que as teorias implícitas dos sujeitos variam de acordo com a sua idade (Clayton & Birren, 1980; Knight & Parr's, 1999; Bluck & Gluck, 2005), bem como do grupo ocupacional/profissão a que pertencem e da cultura/sociedade em que estão inseridos (Birren & Svensson 2005; Sternberg, 1986; Takahashi & Overton, 2005).

Assim sendo, as teorias implícitas dos idosos são diferentes das de pessoas de outras idades. Tendencialmente, e como é referenciado por Clayton e Birren (1980) e ainda por Perlmutter, Adams, Nyquist e Kaplan (1988, como citado em Orwoll & Perlmutter, 1990) os idosos são mais críticos em relação à ideia de que a sabedoria vem com a idade e não se consideram mais sábios do que outros grupos etários. Parece, portanto, que as teorias implícitas dos idosos se revelam mais cépticas em relação à idade do que em outros grupos etários - a idade não traz necessariamente sabedoria. Para além disso, Clayton e Birren (1980) sugerem que os adultos idosos têm uma compreensão mais diferenciada sobre o que é a sabedoria. Também em Knight e Parr's (1999), num estudo de natureza experimental, os adultos idosos mostraram-se mais sensíveis na identificação de comportamentos de sabedoria atribuindo-lhe um valor maior do que o que aconteceu com participantes de outras faixas etárias (Bluck & Glück, 2004).

Parecem existir também diferenças na forma como cada grupo etário atribui peso/valor a diferentes constituintes de sabedoria o que, na perspectiva de Glück, Bluck, Baron e McAdams (2003) poderá estar relacionado com a preferência dada a aspetos de sabedoria relacionados com as tarefas preponderantes de cada idade. Se os adultos idosos valorizaram mais a “compreensão”, a “empatia” (Clayton & Birren, 1980) e a “sagacidade” enquanto constituintes de sabedoria, outros grupos etários atribuem maior valor a outras dimensões (Knight & Parr's, 1999, como citado em Bluck & Glück, 2005).

Clayton e Birren (1980, como citado em Vandenplas-Holper, 2000) realizaram uma investigação com o objectivo de evidenciar a estrutura subjacente da sabedoria, cujos participantes correspondiam a jovens, pessoas de meia-idade e sujeitos de idade adulta avançada. Foi possível concluir que a representação de sabedoria era mais diferenciada à medida que a idade aumentava (Barros-Oliveira, 2006). Quanto aos atributos das pessoas sábias, Gonçalves (2011) identifica a experiência, pragmatismo, compreensão e conhecimento, definindo três dimensões: cognitiva (conhecimento, experiência, inteligência, pragmática, atenção), reflexiva (introspecção, intuição) e afectiva (compreensão, empatia, paz, gentileza). A definição e operacionalização do modelo de Ardelt (2003) aproxima-se em muito desta organização, como veremos de forma mais detalhada posteriormente.

Numa outra investigação, Holliday e Chandler (1986, como citado em Gonçalves, 2011) tinham como objectivo esclarecer a concepção de sabedoria do ponto de vista de jovens, pessoas da meia-idade e de idade adulta avançada. Os investigadores solicitavam que os participantes indicassem os termos mais representativos da pessoa sábia. Os termos mais indicados, foram num segundo momento submetidos a nova amostra de pessoas, pertencentes aos mesmos grupos de idade. Os sujeitos precisavam avaliar em que medida os atributos referidos eram característicos de pessoas sábias. Deste estudo emergiram cinco factores: entendimento notável, juízo seguro e aptidão para a comunicação, competência geral, capacidades relacionais e discipção social. Tal como no estudo de Clayton e Birren (1980) acima referenciado sobressai também aqui a ideia da sabedoria como constructo multidimensional.

Takahashi e Bordia (2000, como citado em Gonçalves, 2011) compararam as teorias implícitas em amostras constituídas por Australianos, Americanos, Indianos e Japoneses. Os autores encontraram semelhanças nos participantes Australianos e Americanos. Para estes sujeitos, o adjetivo “sábio”, é semanticamente similar a “experiente” e “conhecedor”. Já os Indianos e o Japoneses consideram que a palavra semanticamente similar a “sábio” seria “prudente”, seguindo-se os termos “idoso” e “experiente”. Nos quatro grupos culturais tornar-se sábio é visto como altamente desejável. Pelo contrário, envelhecer é encarado como não desejável. A investigação concluiu aliás que, no grupo dos jovens, ninguém queria ser velho (Sternberg, 2009). Com base nos interessantes dados desta investigação, parece verificar-se que nas culturas ocidentais o termo surge mais relacionado com aspetos cognitivos, enquanto nas conceptualizações orientais a abordagem é mais integrada e mais orientada para a virtude.

Tendo agora em conta a segunda linha de investigação acima referida (Bluck & Glück, 2005) – recorde-se que se enquadram nela os estudos que analisam a presença da sabedoria na vida dos sujeitos – verificamos que Paulhus, Wehr, Harms e Strausser (2002, como citado em Bluck & Glück, 2005) realizaram um estudo no qual era pedido aos sujeitos que indicassem as pessoas mais sábias, mais inteligentes e mais famosas. As quinze pessoas identificadas como mais sábias foram (por ordem decrescente) Gandhi,

Confúcio, Jesus Cristo, Martin Luther King, Sócrates, Madre Teresa, Rei Salomão, Buda, Papa, Oprah Winfrey, Winston Churchill, Dalai Lama, Ann Landers, Nelson Mandela e a Rainha Elisabeth. Oprah Winfrey foi ainda nomeada como mais inteligente e Jesus Cristo e Nelson Mandela foram indicados como mais famosos. Resultados estes que não deixam de ser curiosos exigindo portanto uma análise mais aprofundada. Entre os diversos estudos realizados no âmbito das teorias implícitas, parece não existir consenso nos resultados. No entanto, as pessoas nomeadas como sábias são, essencialmente, de maior idade e do sexo masculino.

A propósito da idade, Perlmutter e colaboradores (1988) verificaram, num outro estudo, que 78% dos participantes associavam a sabedoria à idade. Nesta investigação, as pessoas consideradas sábias tinham, maioritariamente, mais de cinquenta anos de idade. E têm sido diversos os estudos, cujo resultado vai nesse sentido, mostrando que a relação entre a sabedoria e a idade é fortemente considerada pelas pessoas. Contudo, apesar da “idade cronológica ser vista como necessária, não é considerada como condição suficiente da sabedoria” (Bluck & Glück, 2005, p. 99). Relativamente ao género, os estudos indicam um predomínio dos homens em termos das pessoas nomeadas como sábias, resultado este bem patente num estudo de Jason e colaboradores (2001) em que 66% das pessoas consideradas sábias eram homens (Bluck & Glück, 2005). Relativamente aos vínculos afectivos das pessoas escolhidas como sábias com os participantes nos estudos, Sowarka (1989, como citado em Bluck & Glück, 2005) verificou que as mulheres indicam maioritariamente familiares, enquanto os homens indicam sobretudo indivíduos do contexto profissional.

Existem ainda outros estudos que se centram em narrativas autobiográficas, procurando momentos em que uma conduta sábia se tenha manifestado (Bluck & Glück, 2005). Pretende-se, neste caso, que os sujeitos indiquem momentos em que sentiram que o seu comportamento foi sábio. Ao entrevistarem sujeitos acerca dos momentos sábios da sua vida, verificaram que eram identificados momentos em que haviam tomado decisões importantes, reagido a eventos negativos e em que estavam implicadas estratégias de gestão da vida. Quanto aos eventos negativos, a percepção era a de que se tornaram positivos, devido à atitude sábia. De um modo geral, nesta linha de

investigação, os estudos indicam que os leigos encontram uma forte relação entre sabedoria e idade e sabedoria e género (sendo a sabedoria mais associada aos homens). Os estudos indicam ainda que o sábio é encarado como alguém capaz de guiar e aconselhar os outros (Gonçalves, 2011).

Na terceira linha de investigação das teorias implícitas, surgem portanto os estudos experimentais. Nestes, é pedido aos participantes que julguem a sabedoria de um determinado indivíduo, sobre a qual recebem algumas informações prévias. De referir que diferentes grupos de participantes recebem informação diferente, sendo que as características geralmente manipuladas são a idade e o género.

A investigação de Knight e Parr (1999, como citado em Bluck & Glück, 2005) insere-se neste grupo. Os investigadores distribuíram doze vinhetas/cartões, cada uma com a idade e duas características de sabedoria ou de criatividade. Independentemente das características que lhes eram atribuídas foram as pessoas de maior idade, as que foram mais vezes nomeadas sábias. Os resultados desta investigação, não estão, no entanto, de acordo com os anteriormente obtidos por Hira e Faulkender (1997, como citado em Bluck & Glück, 2005). Estes investigadores filmaram quatro actores – um jovem, uma jovem, um homem de idade avançada e uma mulher de idade avançada – a ler textos que correspondiam a respostas identificadas como sábias, e que foram depois classificados de acordo com o nível da sua sabedoria. Os resultados são interessantes e curiosos, pois foi o homem de idade avançada e a jovem mulher, aqueles que de forma significativa foram considerados sábios. Os investigadores consideram que a componente não-verbal pode ter tido uma forte influência nestes resultados.

Desta feita, os resultados nestas investigações têm-se apresentado como inconsistentes, indicando que nem a idade nem o género são características suficientes para designar alguém como sábio (Fernandes, 2007). No entanto, é necessário ter em conta que se trata de uma linha de investigação mais recente, relativamente às anteriormente referidas e que para além da idade, outros critérios poderão ser introduzidos, como é o caso das expressões faciais, a capacidade de escutar ou a capacidade de aconselhar (Bluck & Glück, 2005).

Assim sendo e em jeito de síntese global, Baltes e Staudinger (2000) resumem em cinco aspetos as principais conclusões decorrentes dos diversos estudos realizados no âmbito das teorias implícitas: (1) a sabedoria é um conceito com um sentido específico e que difere de outros conceitos, como sendo a inteligência, a maturidade ou a criatividade; (2) é encarada como um nível excepcional do desenvolvimento humano; (3) integra aspetos intelectuais, afectivos e motivacionais; (4) está associada a níveis elevados de competências pessoais e interpessoais, nomeadamente a capacidade de escuta e aconselhamento; (5) envolve boas intenções, sendo usada para o bem – quer para o próprio, quer para os outros.

1.3.2. Teorias explícitas: conceptualização e medida

O campo das teorias explícitas desenvolveu-se, como já foi referido, a partir das teorias implícitas, sendo assim designadas pois vão para além daquilo que são as opiniões das pessoas. Abordam essencialmente a questão de como conceptualizar a sabedoria com base na teoria psicológica e, conseqüentemente de como investigar empiricamente as suas manifestações (Staudinger & Glück, 2011b).

Baltes e Staudinger (2000) e ainda Baltes, Glück e Kunzmann (2002) consideram que as teorias explícitas sobre a sabedoria podem ser divididas em três grupos: (1) conceptualizações da sabedoria como uma característica pessoal ou uma disposição da personalidade; (2) conceptualizações de sabedoria de tradição neo-piagetiana, de pensamento pós-formal e dialéctico; (3) conceptualização de sabedoria como um sistema de mestria, relacionado com o sentido e condução da vida – perspectiva na qual se incluem os referidos autores.

Dentro das teorias explícitas, podemos ainda diferenciar linhas de investigação diferentes, pelo peso que os autores atribuem à cognição e ao afecto. Em termos teóricos, conceptualizações que integram afecto e cognição são mais completas. Contudo, as investigações tornam-se mais difíceis de operacionalizar, pelo que a investigação se encontra mais desenvolvida ao nível das conceptualizações que se centram mais na cognição (Marchand, 2005). Nesta linha de pensamento é possível afirmar que a definição da sabedoria como uma variável latente composta por três

dimensões (cognitiva, reflexiva e afectiva) tal como foi proposta por Ardelit (2003) se aproxima de um «tipo ideal» sendo portanto extremamente rara de ser encontrada na realidade. O que a autora propõe com a sua escala de medida é a possibilidade de avaliar quão perto uma pessoa se aproxima desse mesmo ideal.

Tendencialmente, os investigadores que abordam empiricamente a sabedoria, no quadro das teorias explícitas, procuram essencialmente medir de forma clara, válida e fidedigna, níveis de sabedoria. Partem agora de questões como: “Quão sábio é este indivíduo?”; ou “Quão sábio é este indivíduo em comparação com aquele?”. Para responder a estas questões devem ser capazes, *à priori*, de definir e operacionalizar o conceito de sabedoria para que depois o possam medir objectivamente e com rigor. As dificuldades existentes, primeiro em definir sabedoria e depois em construir instrumentos de medida suficientemente sensíveis, válidos e fidedignos, têm afastado muitos investigadores deste tipo de abordagens, sendo estas por isso, ainda residuais, comparativamente às das teorias implícitas (Marchand, 2005; Kunzmann & Baltes, 2005).

De facto, e tal como afirmam Staudinger e Glück (2011a), os investigadores estão bem conscientes de que estudar empiricamente um constructo tão complexo e rico em termos de conteúdo como a sabedoria é um enorme desafio. Ainda assim, a investigação no âmbito das teorias explícitas de sabedoria tem feito progressos notáveis ao construir algumas medidas de sabedoria (analisadas seguidamente), quer como características de personalidade, características de pensamento adulto, ou medidas de desempenho em tarefas de vida existenciais e com um elevado nível de incerteza. Efectivamente, uma parte destas abordagens é mais fortemente orientada para o processo (e.g. sabedoria como um característica do pensamento adulto), ao passo que outras se centram essencialmente nos resultados (e.g. sabedoria como um padrão de características de personalidade ou como a capacidade de resolver problemas).

1.3.3. A distinção entre sabedoria geral e pessoal

Para além das possíveis categorizações acima referenciadas, Staudinger e Glück (2011b) sugerem que a pesquisa psicológica no âmbito da sabedoria beneficia com a diferenciação de duas linhas de investigação – a sabedoria pessoal e a sabedoria geral

(Staudinger 1999; Staudinger, Dörner & Mickler, 2005). Esta distinção está relacionada com a utilização da primeira ou terceira pessoas, ou seja, quando se fala em sabedoria pessoal referimo-nos a uma visão sobre a vida com base na experiência pessoal, ao passo que a sabedoria geral se refere à visão da vida baseada na perspectiva de um observador.

A sabedoria pessoal refere-se à percepção dos indivíduos sobre si mesmos, sobre as suas próprias vidas; a sabedoria geral relaciona-se por sua vez com a compreensão dos indivíduos acerca da vida em geral, a partir do ponto de vista do observador, isto é, quando não estão pessoalmente envolvidos. Sabendo que os autores originais não procedem à sua conceptualização de sabedoria tendo em linha de conta esta distinção é, por vezes, bastante difícil proceder a esta categorização que, segundo Staudinger e Glück (2011b) se baseia fundamentalmente na ênfase relativa colocada ou na sabedoria pessoal, ou na sabedoria geral.

De referir que os dois tipos de sabedoria não têm necessariamente de coincidir. Dito de outro modo, uma pessoa pode ser sábia relativamente à vida e problemas de outras pessoas, podendo ser procurada para dar conselhos, no entanto a mesma pessoa não tem necessariamente de ser sábia sobre a sua própria vida e os seus próprios problemas. Para testar esta afirmação, os dois tipos de sabedoria precisam ser conceptualizados e medidos de forma independente (Staudinger & Glück, 2011b).

Se as abordagens voltadas para a sabedoria pessoal são geralmente baseadas na tradição de pesquisa da personalidade e desenvolvimento da personalidade, a investigação da sabedoria geral tem normalmente uma ligação mais forte com a capacidade de dar bons conselhos ou de ter uma visão particularmente clara da vida, ou ainda com uma abordagem de *expertise* (por exemplo, Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim, Baltes & Staudinger, 1993; teoria de equilíbrio de sabedoria de Sternberg; Sternberg, 1998).

Como tentativa de ilustração desta categorização, atente-se sobre a tabela 2:

Tabela 2

Distinção entre Sabedoria Pessoal e Sabedoria Geral

Autores		Sabedoria Pessoal	Sabedoria Geral
Medidas de Auto-relato			
Ardelt	Três componentes: cognitivo, reflexivo e afectivo	X	
Erikson/Whitbourn e	Integridade do ego (em oposição ao desespero)	X	
Helson & Wink	Elevado crescimento pessoal/ reduzido ajustamento	X	
Levenson et al.	Transcendência individual	X	
Ryff	Crescimento pessoal (dimensão do bem-estar psicológico)	X	
Webster	Cinco componentes: experiência de vida, regulação emocional, reminiscência/ reflexividade, abertura e humor	X	
Medidas de Desempenho			
Dörner & Staudinger	Maturidade do auto-conceito	X	
Loevinger	Desenvolvimento do ego (nível integrado)	X	
Labouvie-Vief	Elevada complexidade do afecto/ reduzida optimização do afecto	X	
Mickler & Staudinger	Ser consciente do potencial individual e, simultaneamente considerar o bem-estar dos outros e da sociedade	X	
Paradigma de sabedoria de Berlim	<i>Expertise</i> nas pragmáticas fundamentais da vida		X
Perspectiva Neo-Piagetiana	Estádio pós-formal de desenvolvimento cognitivo (e.g. julgamento reflexivo, pensamento dialético)		X
Sternberg	Aplicação do conhecimento tácito no sentido de maximizar o bem comum através do balanceamento/equilíbrio de interesses		X

Fonte: Staudinger & Gluck (2011b).

1.3.3.1. Abordagens ao estudo da sabedoria geral

Das teorias que mais peso atribuem aos aspectos cognitivos, destaca-se a de Baltes e colaboradores, do *Max Planck Institute for Human Development and Education* de Berlim (Marchand, 2005). Esta perspectiva é muito orientada para a vida prática e para as estratégias de resolução dos problemas mais difíceis e importantes da vida real, assumindo a sabedoria no seu sentido mais pragmático.

O Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim baseia-se no modelo dual de inteligência: (1) a inteligência fluida diz respeito ao conjunto de capacidades básicas como

a atenção, a memória e as capacidades de raciocínio, dependentes sobretudo das influências biológicas; (2) a inteligência cristalizada, a qual corresponde às capacidades e processos intelectuais, como a compreensão verbal e a capacidade para raciocinar sobre problemas da realidade adquiridos através das experiências (Baltes, 1997). De acordo com esta conceptualização, assume-se que a inteligência fluida, mais relacionada com a resolução de tarefas abstractas e com o processamento rápido da informação remete mais para o geral e universal e, portanto decresce a partir do fim da adolescência (porque dependente de mecanismos neurológicos), ao passo que a inteligência cristalizada, uma forma de inteligência pragmática que está ao serviço da resolução de problemas das questões da vida quotidiana, aponta mais para o particular e contextual, logo, permanece constante ou aumenta, ao longo da vida – desde que exista um ambiente enriquecido e que as capacidades fluidas não sofram declínio patológico acentuado.

Assim, neste modelo, a inteligência fluida remete-nos para a inteligência mecânica (processamento de informação básico; inteligência universal, biológica, dependente das diferenças genéticas e independente dos conteúdos), enquanto a inteligência cristalizada nos direcciona para a inteligência pragmática (saber factual e processual, dependente sobretudo dos conteúdos, da cultura e das experiências e, portanto menos sensível às mudanças de natureza fisiológica).

O Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim define sabedoria como expertise nas pragmáticas fundamentais da vida (e.g., Baltes & Staudinger, 2000), isto é, como a capacidade de perceber e discernir de uma forma profunda a essência da condição humana bem como as formas e meios de planeamento, gestão e compreensão da vida. O termo “*expertise*” representa a sabedoria como um conjunto de conhecimentos e capacidades que só podem ser adquiridos através da experiência e da prática. Assim sendo, a *expertise* nas pragmáticas fundamentais a vida implica conhecimento factual rico (conhecimento acerca da natureza humana, desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, variações nos processos e resultados desenvolvimentais, relações interpessoais e normas sociais), conhecimento processual rico (estratégias e heurísticas para lidar com o significado e conduta da vida – por exemplo, heurísticas para aconselhar ou lidar com conflitos de vida), contextualismo desenvolvimental (considerar

os problemas de vida em relação aos vários domínios da vida – por exemplo, educação, família, trabalho, amigos, lazer, bem-estar da sociedade, etc.), relativismo de valores e prioridades de vida (ter conhecimento e saber lidar com as diferenças interindividuais em termos de valores e, simultaneamente ser capaz de promover a otimização e equilíbrio do indivíduo e o bem comum), bem como reconhecimento e gestão da incerteza. Este último critério baseia-se na ideia de que o Ser Humano jamais é capaz de saber tudo quanto é necessário para tomar a melhor decisão no presente, prever perfeitamente o futuro ou ter total certeza acerca da forma como as coisas aconteceram no passado. Uma pessoa sábia está consciente desta incerteza, tendo desenvolvido estratégias de lidar com ela.

A incerteza, bem como a dialética entre o conhecimento e a dúvida são características da sabedoria que desempenham um papel importante quer nas concepções de sabedoria mais antigas (e.g., Sócrates: A verdadeira sabedoria implica saber que nada se sabe), quer nas mais recentes (e.g., Brugman, 2006; Meacham, 1990). Nestes termos, o processo de envelhecimento traduz-se, por um lado, por perdas a nível da inteligência mecânica, mas por outro lado, por ganhos associados à inteligência pragmática (Marchand, 2005). Nesta linha de pensamento, a sabedoria assume-se como um protótipo da inteligência pragmática, sendo assumida por Kunzmann e Baltes (2005) como uma conquista dos adultos e dos idosos, resultante sobretudo das experiências de vida.

O Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim procura também explicar como e porquê se desenvolve a sabedoria. Aponta-a como um produto cultural e social, mais do que individual (Baltes & Staudinger, 2000), daí a importância do trabalho em equipa e da participação na vida da comunidade – a nível local, nacional ou internacional. Os autores defendem ainda três processos organizativos pelos quais se pode chegar à sabedoria: (1) o planeamento da vida (*life planning*), que lida com questões relacionadas com a concretização dos objectivos e ambições da vida; (2) a gestão da vida (*life management*), que envolve a forma de lidar com problemas e obstáculos do ciclo de vida e (3) a revisão da vida (*life review*), mais tarde renomeada como interpretação de vida (*life interpretation*), que lida com a busca de sentido para o passado, o presente e a antecipação do futuro.

Baltes e Staudinger (2000) referem também que alguns processos e condições ontogenéticas podem facilitar o desenvolvimento da sabedoria, nomeadamente algumas (1) características pessoais gerais, como a saúde mental ou o estilo cognitivo; (2) contextos experienciais específicos à obtenção de um nível de experiência nas pragmáticas fundamentais da vida, como o contacto com um mentor ou experiência em assuntos relacionados com a condução da vida; e ainda (3) alguns contextos macroestruturais associados a experiências relacionadas com a sabedoria, como a idade, a paternidade ou o contexto profissional (por exemplo, os psicólogos clínicos apresentam elevados níveis de sabedoria; Baltes e colaboradores, 1995).

De facto, a sabedoria requer a interacção da inteligência, estilo cognitivo e personalidade mas, como constructo, vai para além desta conjugação, ocupando um espaço único (Staudinger, Lopez & Baltes, 1997). Para avaliar a sabedoria, o Grupo de Berlim utiliza o método de “pensar em voz alta” (*thinking aloud*) sobre dilemas de vida, cuja solução requer a capacidade para lidar com a incerteza e a complexidade. Neste procedimento, os participantes são confrontados com problemas de vida complexos, tais como o seguinte: "Imagine que um bom amigo lhe diz que não é capaz de continuar a viver e decidiu cometer suicídio. O que pensa sobre o assunto e como o poderia ajudar a lidar com esta situação?" É então pedido aos participantes que “pensem em voz alta” sobre o problema apresentado, sendo as suas respostas gravadas e posteriormente transcritas. Para quantificar a qualidade do desempenho, um painel de juízes, seleccionados para o efeito e devidamente treinados, avalia os protocolos dos entrevistados de acordo com os cinco critérios de sabedoria acima enumerados.

A investigação indica que os resultados obtidos são confiáveis e permitem ter uma aproximação da quantidade e qualidade de sabedoria associada ao conhecimento e às capacidades de uma determinada pessoa. De referir que a indicação da validade externa deste paradigma foi obtida a partir de um estudo realizado com indivíduos considerados sábios de acordo com as teorias implícitas/subjetivas de sabedoria, na medida em que estes indivíduos apresentaram *scores* de sabedoria mais elevados do que o grupo de controlo, emparelhados por idade e experiência profissional (Baltes, Staudinger, Maercker & Smith, 1995).

De referir ainda que a metodologia utilizada por Baltes e colaboradores tem também sido adoptada por alguns investigadores para além do *Max Planck Institute*. Helena Marchand é um exemplo disso quando, em 1998, desenvolveu um estudo em Portugal utilizando dilemas de sabedoria e comparando os desempenhos de jovens adultos, adultos de meia-idade e idosos que exerciam a profissão docente e outras profissões não ligadas à docência. Em consonância com os resultados da equipa de Baltes, também Marchand encontrou poucas respostas de sabedoria. Todavia, ao contrário do que seria esperado, Marchand encontrou um número mais elevado de respostas de sabedoria no grupo de adultos de meia-idade e não nos mais idosos (Marchand, 2005).

Existem, no entanto, críticas de que o que é medido com este método é apenas o conhecimento relacionado com a sabedoria, e não a sabedoria *per se* (Ardelt, 2004; Coleman & O'Hanlon, 2004). O grupo de Berlim já referira, contudo, que a investigação em sabedoria é multifacetada, assumindo mesmo que "*wisdom may be beyond what psychological methods and concepts can achieve*" (Baltes & Staudinger, 2000, p. 123).

Assim sendo e em jeito de síntese, Baltes e a sua equipa têm investigado sobre factores e processos que possam ser considerados antecedentes, correlações e consequências do desenvolvimento do conhecimento relacionado com a sabedoria. Estes estudos têm produzido evidências de várias ordens destacando-se, segundo Kunzmann e Baltes (2005) e Marchand (2005), os seguintes resultados: (1) ainda que muitos adultos estejam a caminho da sabedoria, muito poucos se aproximaram de níveis elevados de sabedoria tal como é medida por Baltes e colaboradores, logo, níveis elevados de sabedoria são raros; (2) o final da adolescência e início da idade adulta é o período da vida onde parecem estar fundados os alicerces para que a sabedoria possa emergir e, por consequência os contributos do desenvolvimento da inteligência nesta fase são particularmente importantes, mais do que na meia-idade ou no final da adultez; (3) os estudos preditivos de sabedoria sugerem que nem a inteligência académica nem os traços de personalidade desempenham um papel importante no desenvolvimento de sabedoria na adultez, sendo geralmente a experiência de vida, a prática e treino profissional, bem como algumas preferências motivacionais como um interesse em compreender os outros que parecem ter mais influência; (4) o aumento da idade não é

uma condição suficiente para o desenvolvimento de elevados níveis de sabedoria, ainda assim, os adultos idosos estão entre os que melhores desempenhos têm em relação a tarefas de sabedoria; (5) o desempenho de sabedoria, tal como é medido por Baltes e colaboradores, pode ser melhorado por intervenções sociais relativamente simples, como por exemplo o levar os participantes a imaginar que estão a viajar sobre uma nuvem à volta do mundo focando-os em aspetos de natureza intercultural e tolerância faz com que expressem níveis mais elevados de sabedoria valorizando especialmente o relativismo e a tolerância.

Um outro exemplo, apresentado por Marchand (2005) sugere que, se depois de apresentados os dilemas de sabedoria fosse dado aos participantes a oportunidade de discutirem o problema colocado com alguém da sua confiança, alguém com quem habitualmente discutem problemas de vida difíceis ou se lhes fosse dado tempo para pensarem sozinhos sobre o problema, os desempenhos de sabedoria eram superiores. Ou seja, o diálogo social ou interno aumenta a performance de sabedoria, o que indica que os adultos têm um potencial latente para melhorar as suas respostas a tarefas de sabedoria do e que este pode ser activado; (6) os adultos dão respostas com níveis mais elevados de sabedoria quando os dilemas apresentados são relevantes para o seu grupo etário; (7) os psicólogos clínicos, nomeadamente os mais velhos têm desempenhos mais elevados do que outros profissionais, indicando que os factores idade e natureza da actividade profissional exercem um papel importante nos desempenhos em dilemas de sabedoria e, para além disso, (8) os adultos nomeados como sábios pelos seus pares, exercem ou exerceram, geralmente, profissões de ajuda ou cargos de liderança e têm ou tiveram experiências de vida excepcionais.

A título de exemplo, analise-se a tabela 3, da qual constam algumas das investigações desenvolvidas pelo Grupo de Berlim.

Tabela 3

Caracterização dos principais estudos desenvolvidos pelo Grupo de Berlim

Autor Data	Objectivos	Método	Participantes	Resultados
Staudinger (1989)	Explorar aspetos positivos do envelhecimento, particularmente em relação ao modelo da sabedoria.	Método “pensar em voz alta”; Dilemas de revisão de vida.	63 mulheres alemãs, divididas em 3 grupos etários (25-35, 42- 55, 65-75 anos)	Inexistência de diferenças em função do grupo etário; As pontuações mais baixas são obtidas nos casos em que a idade da personagem era significativamente diferente da participante.
Smith & Baltes (1990)	Teste empírico do modelo. Comparar diferentes grupos etários.	Método “pensar em voz alta”; Quatro tarefas de planeamento da vida (situações fictícias), segundo cinco critérios.	60 profissionais alemães, de ambos os sexos, de 3 grupos etários (25-35, 40-50, 60-81), com níveis educacionais e de inteligência semelhantes.	De modo geral, o desempenho do grupo mais jovem foi mais elevado, seguindo-se o de meia-idade; Alguns idosos tiveram um desempenho equivalente aos jovens; Apenas cerca de 5% de respostas foram consideradas sábias (igualmente distribuídas pelos grupos etários); A idade da personagem influenciou os resultados.
Staudinger, Smith & Baltes (1992)	Explorar a influência da idade e da experiência profissional nas pontuações de sabedoria.	Método “pensar em voz alta”; Dilema de revisão de vida – utilização de personagem jovem ou idosa.	43 mulheres (21 entre os 25-35 e 22 entre os 65-82); 17 psicólogas clínicas (9 jovens); 26 elementos no grupo de controlo (12 jovens)	As psicólogas clínicas pontuaram mais alto em todos os cinco critérios e independentemente da idade; Os idosos do grupo de controlo tiveram resultados equivalentes às participantes jovens.
Smith, Staudinger & Baltes (1994)	Comparar desempenhos de diferentes grupos etários; Testar o impacto da profissão – psicologia clínica.	Método “pensar em voz alta”; Dilema de planeamento da vida.	60 mulheres alemãs, 12 psicólogas clínicas, divididas em 2 grupos etários; Grupo de controlo; Pontuações semelhantes a nível de inteligência fluida e níveis de educação entre o grupo de estudo e o grupo de controlo.	As psicólogas clínicas tiveram desempenhos superiores ao grupo de controlo; As pontuações obtidas no grupo das psicólogas não sofreram alterações entre grupos etários; A idade da personagem influenciou os resultados.

Autor Data	Objectivos	Método	Participantes	Resultados
Baltes, Staudinger, Maercker & Smith (1995)	Comparar as pontuações de pessoas nomeadas sábias com as psicólogas clínicas, para saber se o modelo favorecia este grupo profissional.	Método “pensar em voz alta”; Dois dilemas de vida, um dos quais pretendia representar o “tipo mais difícil de problema de vida”.	Foram nomeadas 14 pessoas consideradas sábias ou com experiência de vida (41-80 anos) e 15 psicólogas clínicas (60-79 anos); 2 grupos de controlo, 20 jovens e 20 idosos, igual número de homens e mulheres. Educação semelhante.	Os nomeados sábios e as psicólogas clínicas tiveram pontuações semelhantes e, em ambos os casos, as pontuações foram superiores às do grupo de controlo dos jovens e idosos; Desempenho médio estável entre os 25 e 80 anos.
Staudinger & Baltes (1996)	Explorar o efeito do aconselhamento no desempenho de tarefas de sabedoria.	Método “pensar em voz alta”; Três situações de vida, difíceis e hipotéticas.	148 mulheres (com idades entre os 20-70 anos), numa amostra tão geral e diversificada quanto possível.	O aconselhamento resulta em pontuações mais elevadas. Ter tempo adicional para pensar pode facilitar o desempenho.
Staudinger, Maciel, Smith & Baltes (1998)	Testar o poder preditivo, nas pontuações de sabedoria, de factores de personalidade e inteligência.	Método “pensar em voz alta”; Dois problemas de vida hipotéticos; Desempenho num conjunto de medidas cognitivas.	90 mulheres alemãs (36 psicólogas clínicas, idades 26-82 anos) e 54 mulheres do grupo de controlo, com educação equivalente (28-75 anos).	O maior factor preditivo foi a profissão. Nenhuma das medidas de inteligência e de personalidade teve a mesma importância.
Pasupathi & Staudinger (2001)	Estudar a relação entre sabedoria, raciocínio moral e características de personalidade.	Método “pensar em voz alta”; Três situações de vida, e hipotéticas; Desempenho num conjunto de medidas mentais.	220 cidadãos alemães (41% mulheres), amostra heterogénea.	Cerca de 38% das participantes com pontuações mais altas de raciocínio moral tiveram também as pontuações mais elevadas nas tarefas de sabedoria; Modesta correlação entre as pontuações de raciocínio moral e de sabedoria aparentemente devem-se a factores de personalidade

Autor Data	Objectivos	Método	Participantes	Resultados
Pasupathi, Staudinger & Baltes (2001)	Examinar as diferenças entre adolescentes e jovens adultos, em relação ao conhecimento relacionado com a sabedoria.	Método “pensar em voz alta”; Seis situações de vida, hipotéticas e respeitantes a questões da própria adolescência.	146 alemães (14-20 anos, 54% do sexo feminino), 58 jovens adultos (21-37 anos), 50% do sexo masculino.	As pontuações médias mostraram um aumento por volta dos 24 anos, a partir dessa idade, as pontuações nivelaram-se. Os adolescentes tiveram pontuações mais baixas do que os adultos em todas as tarefas e critérios. As adolescentes do sexo feminino pontuaram mais alto do que os masculinos. Não existiram diferenças de género nos adultos.
Kunzmann & Baltes (2003)	Explorar a relação entre o conhecimento relacionado com a sabedoria, o afecto, a orientação para os valores e as estratégias de gestão de conflitos.	Método “pensar em voz alta”; Três problemas hipotéticos; Diversas medidas mentais.	293 participantes, (93 com idades entre os 15-20, 93 entre os 30-40 e 107 entre os 60-70), 50% do sexo feminino.	As pontuações elevadas no conhecimento relacionado com a sabedoria, correlacionam-se positivamente com pontuações elevadas em envolvimento afectivo e cooperação.
Staudinger & Pasupathi (2003)	Estuda e compara a correlação entre sabedoria, funcionamento cognitivo, personalidade e o interface entre a personalidade e a cognição, características de adolescentes e adultos.	Método “pensar em voz alta”; Dois problemas de vida; Conjunto de medidas mentais.	O mesmo grupo de adolescentes estudados em Pasupathi, Staudinger & Baltes (2001). 145 adultos alemães (idade entre os 35-75 anos), heterogéneos em relação à idade, estatuto socioeconómico e educação.	Conhecimento relacionado com a sabedoria mais elevado nos adultos do que nos adolescentes. Nos adolescentes verificou-se uma correlação positiva entre a idade e o conhecimento relacionado com a sabedoria; nos adultos, a correlação não é significativa. Nos dois grupos, correlações positiva entre o conhecimento relacionado com a sabedoria e inteligência cristalizada, abertura, criatividade e raciocínio moral.

Fonte: Adaptado de Trowbridge (2005).

Sternberg, autor bem conhecido no âmbito da inteligência, destaca-se também nos estudos sobre a sabedoria. Em 1990, publicou uma obra pioneira sobre o tema, intitulada *“Wisdom: Its nature, origins, and development”*, na qual apresentou não só o resultado das investigações por ele conduzidas, como reuniu ainda artigos de diversos especialistas. Enfatizando os aspetos cognitivos da sabedoria, Sternberg defende que ela

pressupõe um estilo metacognitivo que dá, aos sábios, a noção de que o seu conhecimento é limitado, isto é, a ideia de que “ninguém sabe tudo” (Marchand, 2005, p. 138). Nesta linha, os sujeitos sábios apreciariam a ambiguidade e encará-la-iam como fazendo parte da vida.

De acordo com o modelo de Sternberg (1998), a sagacidade apresenta-se como a principal característica da sabedoria, sendo o que de facto a distingue – quer da criatividade, quer da inteligência. Tal atributo é caracterizado pelas competências cognitivas, mas também por competências comportamentais e relacionais. Assim, o indivíduo sagaz compreende de um modo profundo os outros e os seus problemas, aceita opiniões diferentes, tem consciência de que aprende de forma contínua com os outros e é verdadeiramente interessado nas pessoas (Marchand, 2005).

Concebe-se que a sabedoria requer conhecimento, mas trata-se de um conhecimento informal, muito provavelmente obtido na escola da vida. A sabedoria requer um pensamento analítico, não o tipo de pensamento desenvolvido na escola, mas um pensamento direccionado para a resolução de dilemas do mundo real (Sternberg, 2001). Trata-se de um conhecimento de tipo processual, muito relacionado com a consecução de objectivos e claramente adquirido pelas experiências de vida (Alves, 2011).

O pensamento sábio pressupõe a identificação de problemas, a formulação de estratégias para os resolver, a utilização de recursos que permitam resolver o problema e a verificação do sucesso da solução. Trata-se de acções, comuns a muitos tipos de situações e até a outros tipos de pensamentos não sábio. O que faz a distinção da sabedoria é o balanceamento feito entre os diferentes interesses e a acção pelo bem comum (Sternberg, 2001).

Sternberg (2001) defende que, ao falarmos de sabedoria, não estamos a ter em conta respostas certas e objectivas. Estamos sim, a referir-nos a uma inteligência prática, reflexiva e a soluções que se baseiam na procura do bem comum.

O autor apresentou, ainda, uma nova perspetiva sobre a sabedoria, denominada Teoria Equilibrada de Sabedoria (*the balance theory of wisdom*). Nesta perspetiva, a sabedoria é definida pela utilização de conhecimento tácito e explícito, mediado por

valores, com vista à realização de um bem comum, graças ao balanceamento entre interesses intrapessoais, interpessoais e extrapessoais, imediatos ou de curto prazo, bem como interesses a longo prazo (Sternberg, 2001). O conceito central é o conhecimento tácito, um aspecto da inteligência prática. Para este especialista, a sabedoria é uma inteligência prática, mas que não é meramente aplicada para benefício do próprio: “a sabedoria não diz respeito a maximizarmos os nossos próprios interesses” (Sternberg, 2005, p. 344), supõe igualmente o respeito pelos interesses dos outros.

Este equilíbrio entre os vários interesses nem sempre está presente, tratando-se neste caso de insensatez. Segundo Sternberg a insensatez diz respeito a um “desequilíbrio nestes elementos” (Sternberg, 2005, p. 345). O autor defende que a sabedoria, dada a sua importância, deve ser ensinada nas escolas, uma vez que reconhece que esta última está sobretudo direccionada para o desenvolvimento da memória e de competências analíticas – necessárias para a vida escolar e para o sucesso na vida profissional, mas claramente insuficiente como forma de preparação para uma vida equilibrada. Segundo Sternberg (2001, p. 227), “o conhecimento pode ser usado, quer para o bem, quer para o mal, devendo as escolas ajudar os alunos a usá-lo para o bem e não para o mal”. Para o autor, mais importante do que ensinar o que pensar, é ensinar como pensar.

Nesse sentido, Sternberg (2001) formulou dezasseis fundamentos para o ensino da sabedoria, que passam pela leitura de autores clássicos da filosofia e da literatura, pela reflexão sobre escritos de pessoas consideradas sábias, pelas discussões em grupo sobre as leituras realizadas, pelo encorajamento dos estudantes a desenvolver o pensamento crítico e o pensamento dialéctico, a trabalhar para o bem comum e a distinguir os seus próprios interesses, dos interesses dos outros, entre outros princípios.

Esta última posição de Sternberg não é pacífica e tem sido alvo de diversas críticas. Se Sternberg (2001) afirma que ensinar sabedoria nas escolas é o mais sábio que se pode fazer, Paris (2001), por exemplo, considera que a teoria de Sternberg se baseia em investigações realizadas com adultos e que por isso não há provas de que seja útil ou possível ensinar sabedoria na escola. O autor defende que se trata de uma teoria vaga e inconclusiva.

Sternberg (2009, p. 1042) defende ainda que, por vezes, as pessoas consideradas inteligentes e com conhecimentos estão susceptíveis a cair em algumas falácias. Nas suas palavras, “as pessoas podem ser inteligentes, mas não serem sábias”. Da mesma forma, Sternberg é da opinião que as pessoas insensatas têm tendência a cair em algumas armadilhas: 1) egocentrismo; 2) onisciência; 3) onipotência; 4) invulnerabilidade; 5) optimismo irrealista (acreditam que tudo lhes correrá bem, independentemente de acções menos correctas). Segundo o autor, estas pessoas sentem que estão acima de tudo e que nada as pode tocar ou afectar, o que as leva a tomar atitudes pouco ponderadas e a agir no sentido contrário à sabedoria. Assim, as pessoas que manifestam estas tendências são consideradas insensatas, sendo a insensatez definida como um desequilíbrio entre os interesses intrapessoais, interpessoais e extrapessoais e um falhanço radical da sabedoria.

Nesta linha, Sternberg (2003) define a sabedoria como a aplicação da inteligência de sucesso (*successful intelligence*) e da criatividade, mediadas por valores, para um bem comum. Para tal são necessários dois equilíbrios. O primeiro entre o interesse sobre si próprio (interpessoal), o interesse dos outros (interpessoal) e o interesse relativo ao contexto onde se vive (extrapessoal). O segundo equilíbrio processa-se entre os vários tipos de resposta ao contexto ambiental, nomeadamente, entre a definição desses contextos, a sua selecção e a adaptação a estes.

Para Sternberg (2003), a sabedoria manifesta-se numa série de processos, muitas vezes de natureza cíclica. Estes processos são metacomponentes do pensamento, um conceito desenvolvido nos seus estudos sobre a inteligência, que incluem o reconhecimento da existência de um problema, a definição da sua natureza, a representação de informação sobre o problema, a formulação duma estratégia para resolver o problema, a alocação de recursos para a sua solução e a monitorização da solução do problema ou a avaliação através da retro-informação respeitante à solução. A ênfase é, pois, posta no conhecimento tácito, não implicando tal ênfase que o conhecimento formal não seja também importante, embora no caso da sabedoria ocupe um lugar secundário.

No entanto se recuarmos algumas décadas, facilmente se identifica o avanço que foi dado nos últimos anos relativamente ao conceito de sabedoria. Senão vejamos, foi precisamente com origem na controvérsia em torno da insuficiência do estágio do pensamento formal (Piaget, 1955) para a explicação da estrutura do pensamento do adulto e com base na crítica dos neo-Piagetianos que surgiram, na década de 70, um conjunto de propostas teóricas de autores como Labouvie-Vief (1990) ou Riegel (1975), com o objectivo prioritário de expandir a concepção piagetiana das operações formais (Marchand, 2001). Não aceitando que o estágio das operações formais constituísse o nível de equilíbrio final foi reclamada a existência de um 5º estágio que melhor explicasse o pensamento do adulto (Marchand, 2001). Neste sentido, os investigadores têm sugerido que o desenvolvimento cognitivo não está completo quando o adolescente desenvolve o estágio das operações lógico-formais, uma vez que este não é suficiente para lidar com a complexidade da experiência humana. Assim sendo, a visão neo-piagetiana constata que as verdades universais tendencialmente associadas à lógica formal dificilmente podem ser identificadas nos problemas mais complexos e mal-estruturados com que os seres humanos se vêm confrontados diariamente. Estes (e.g. conflitos interpessoais) são frequentemente caracterizados pela presença de múltiplas verdades, objectivos incompatíveis, contradições e elevados níveis de incerteza (Staudinger & Glück, 2011a).

Neste sentido, saber lidar com a ambiguidade é essencial para o pensamento pós-formal e, conseqüentemente para a sabedoria. Nas concepções do pensamento pós-formal situa-se a cognição dialéctica (isto é, a integração de contradição; Riegel, 1975) bem como a integração da cognição e emoção (Labouvie-Vief, 1990). As concepções neo-piagetianas de sabedoria têm sido frequentemente estudadas nos estádios iniciais da pesquisa psicológica (e.g., Arlin, 1990; Kitchener e Brenner, 1990; Kramer, 1983; Labouvie-Vief, 1990; Pascual-Leone, 1990) tendo-se constatado que os pensadores pós-formais são menos suscetíveis a vieses cognitivos, revelando também níveis mais elevados de desenvolvimento moral (Staudinger & Glück, 2011a).

De uma forma geral, o que parece ser sugerido é que a sabedoria é uma rara combinação de atributos e que o desenvolvimento cognitivo é apenas um dos aspetos

desta combinação. Dito de outro modo, as abordagens ao estudo da sabedoria geral estão tendencialmente associadas à investigação na área da cognição, isto é, mantém o foco central nos dilemas de vida (que são um dos domínios centrais da sabedoria), no entanto, a noção clássica de cognição amplia-se para incluir aspectos emocionais e motivacionais. As medidas de desempenho “importadas” da pesquisa cognitiva foram mantidas e aplicadas com sucesso a um fenómeno tão complexo como a sabedoria, o que enriqueceu significativamente o conhecimento acerca do mesmo (Staudinger & Glück, 2011b).

1.3.3.2. Abordagens ao estudo da sabedoria pessoal

Os modelos de sabedoria pessoal diferem dos modelos de sabedoria geral sobretudo pelo facto de enfatizarem especialmente os eventos difíceis e negativos de vida (e.g., Ardel 2005, Kramer 2000) – temas centrais em constructos relacionados como sendo o crescimento ou stress pós-traumático. Todavia assumem igualmente a importância da aprendizagem decorrente das mudanças socio-emocionais e dos desafios associados à experiência de vida individual para progredir no caminho da sabedoria pessoal. Assim sendo, a sabedoria pessoal aproxima-se das noções de "maturidade" e "crescimento pessoal", podendo portanto encontrar-se concepções de sabedoria pessoal na psicologia da personalidade, clínica e do desenvolvimento (Staudinger & Glück, 2011b).

Tendo em conta que as abordagens ao estudo da sabedoria pessoal deram origem quer a medidas de auto-relato, quer a medidas baseadas no desempenho, procede-se seguidamente a uma análise mais detalhada das mesmas. Assim sendo, e começando por estas últimas, foquemo-nos nas abordagens de Loevinger, Labouvie-Vief, Mickler e Staudinger e de Dörner e Staudinger.

No sentido de estruturar o desenvolvimento da personalidade num modelo similar ao do desenvolvimento cognitivo de Piaget, Loevinger concebeu os estádios do desenvolvimento do ego como uma sucessão progressiva em direcção à maturidade psicológica que engloba quatro dimensões essenciais: controlo do impulso, estilo interpessoal, preocupações conscientes e estilos cognitivos. O modelo compreende oito

estádios (impulsivo, auto-protecção, conformismo, auto-consciência, tomada de consciência, individualização, autonomia e integridade) que são caracterizados por formas de maturação crescente das referidas quatro dimensões. A investigação demonstra que a maioria dos adultos pode ser classificada como estando associada aos terceiro, quarto e quinto estádios, sendo que o estádio da auto-consciência é característico da adolescência e vida adulta e, o último estádio, o da integridade, raramente é observado nas amostras que têm sido avaliadas (Staudinger & Glück, 2011b).

O nível do ego de Loevinger (Loevinger & Wessler, 1978) é medido pela codificação do conteúdo de auto-descrições padronizadas. Verificou-se uma relação positiva com a resiliência pessoal, integridade interpessoal, regulação das necessidades ou mestria nas tarefas socioemocionais e de impulso-controlo, bem como com indicadores de saúde mental (Cohn & Sternberg, 2004; Manners & Durkin, 2000). Curiosamente, os níveis do ego estão também positivamente correlacionados com o número de consultas psiquiátricas e sessões psicoterapêuticas feitas ao longo da vida. Não está, no entanto, claro se a psicoterapia facilita o avanço no desenvolvimento ou se a capacidade para identificar as ambiguidades da vida aumentam a sua disposição para procurar psicoterapia (Dörner, 2006). Para além disso, verificou-se também uma relação quadrática positiva entre neuroticismo e nível do ego, uma relação quadrática negativa entre conscienciosidade e nível de ego e relações lineares positivas entre a abertura à experiência, extroversão, amabilidade e nível de ego (Staudinger & Glück, 2011b).

Em suma, este padrão de resultados em torno da medida de desenvolvimento do ego de Loevinger sugere que as características centrais da sabedoria pessoal (mas também geral), tais como tentar avançar para além do que é conhecido, procurar ver mais claramente a realidade e transcender normas sociais existentes não surge sem que haja custos associados. Parece que ser confrontado com a complexidade da própria vida não conduz necessariamente a uma maior felicidade, ou seja, pode eventualmente despertar maiores preocupações e auto-crítica, bem como a percepção de que é necessário um maior desenvolvimento pessoal (Staudinger & Glück, 2011b).

Por sua vez, da combinação da teoria cognitiva de Piaget com constructos psicanalíticos e ideias da teoria da vinculação adulta, Gisela Labouvie-Vief propôs

modelos desenvolvimentais do *self* bem como modelos de compreensão emocional (e.g., Labouvie-Vief 1982, Labouvie-Vief & Hakim-Larson, 1989). Neste sentido, as suas publicações mais recentes têm-se centrado no desenvolvimento e/ou maturação do *self* e regulação emocional. Nesta abordagem, a autora desenvolveu um conceito de crescimento ou maturidade que combina a optimização do afecto, isto é, a tendência para restringir o afecto a valores positivos, com complexidade afectiva (amplificação do afecto na procura de diferenciação e objectividade). De referir que no seu conceito de maturidade, a procura pela complexidade e diferenciação é essencial, sendo combinada com, ou melhor, limitada pela optimização do afecto positivo em toda e qualquer situação. Simultaneamente, a procura pelo afecto positivo relaciona-se com a capacidade de experienciar eventos e outras pessoas de uma forma aberta e diferenciada. Combinando as duas dimensões (dicotómicas), complexidade do afecto e optimização do afecto, surgem quatro tipos de “personalidade” (Staudinger & Glück, 2011b).

Labouvie-Vief e Medler (2002) esperavam que os indivíduos com elevados níveis em ambas as dimensões apresentassem também um melhor desempenho em outros aspectos do ajustamento psicológico. E, de facto, este grupo demonstrou elevados níveis de ego, elevada inteligência fluida e padrões de *coping* adaptativo (excluindo estratégias regressivas e repressivas). Comparativamente, indivíduos com elevada optimização afectiva e reduzida complexidade afectiva apresentaram os segundos melhores resultados no afecto positivo, sendo no entanto caracterizados por estilos de *coping* repressivos e, de alguma forma, uma menor capacidade intelectual. Por sua vez, os indivíduos com elevada complexidade afectiva e reduzida optimização afectiva apresentam os resultados mais reduzidos nos estilos de *coping* repressivos e, pelo contrário os resultados mais elevados relativamente à capacidade intelectual, sendo portanto considerados como o grupo mais aberto e “realista”. Por fim, os indivíduos com níveis reduzidos em ambas as dimensões demonstram também os níveis mais baixos de funcionamento ao longo dos diferentes indicadores. Assim sendo, parece que o “tipo complexo” (elevada complexidade afectiva e, por sua vez, baixa optimização do afecto) se aproxima daquilo a que se tem vindo a chamar de sabedoria pessoal (Staudinger & Glück, 2011b).

Para além disso, a medida de maturidade do auto-conceito baseia-se, naturalmente, na literatura produzida no âmbito do auto-conceito (Dörner & Staudinger, 2010) que identifica cinco facetas do auto-conceito tidas como indicadores significativos da sabedoria pessoal: complexidade do auto-conceito, integração do auto-conceito, equilíbrio do afecto, auto-estima e orientação para os valores. Colocou-se a hipótese de que somente a integração destes cinco componentes seria capaz de reflectir uma operacionalização apropriada da sabedoria pessoal. De referir que os primeiros três componentes são medidos com base numa versão adaptada da medida de auto-conceito de Linville que pede aos participantes para identificarem aspectos pessoais e, conseqüentemente, para se descreverem tendo em conta os referidos aspectos pessoais utilizando 20 adjectivos positivos e 20 adjectivos negativos. Por sua vez, a auto-estima é medida utilizando a Escala de auto-estima de Rosenberg e a orientação para valores é medida com uma versão breve do Questionário de orientação de valores de Schwartz. Assim sendo, os resultados obtidos vão de encontro às hipóteses colocadas, pois a maturidade do auto-conceito está fortemente correlacionada com outras medidas de sabedoria pessoal, especialmente com o desenvolvimento do ego de Loevinger. No entanto, não foram encontradas associações significativas nem com a inteligência fluida, nem com a inteligência cristalizada (Dörner & Staudinger, 2010) o que se pode dever à ausência de um componente de resolução de problemas no paradigma de medição, em contraste com as outras medidas de desempenho no âmbito da sabedoria pessoal apresentadas anteriormente (Staudinger & Glück, 2011b).

Por fim, uma outra medida de desempenho, desenvolvida por Mickler e Staudinger (2008) no âmbito da sabedoria pessoal, tem por base o Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim adaptando-se porém ao conceito de crescimento da personalidade no sentido de minimizar a variância associada ao método e na tentativa de estabelecer uma relação entre sabedoria geral e pessoal. Este instrumento de medida baseia-se também num dos pressupostos centrais da psicologia do desenvolvimento – a dialética entre assimilação e acomodação que promove o crescimento (as nossas expectativas precisam de ser continuamente desafiadas por novas experiências, precisamos emancipar o nosso pensamento e sentimentos, precisamos transcender as

estruturas com a qual fomos socializados; e.g., Chandler & Holliday, 1990, como citado em Staudinger & Glück, 2011b).

Os cinco critérios que foram definidos para o índice de sabedoria pessoal baseiam-se, portanto, na literatura sobre o desenvolvimento e crescimento da personalidade. O primeiro critério básico diz respeito ao auto-conhecimento, isto é, ao profundo conhecimento sobre si mesmo. Isto porque uma pessoa sábia deve estar consciente das suas competências, emoções e objectivos, bem como do sentido que atribui à sua vida. Por sua vez, o segundo critério implica a disponibilidade de recursos para o crescimento e regulação pessoal (e.g., formas de expressar e regular emoções ou desenvolver e manter relações sociais significativas). Neste sentido, o humor é considerado um exemplo de uma heurística importante na medida em que pode ajudar a lidar com situações difíceis e desafiadoras (Staudinger & Glück, 2011b).

Mais concretamente, o primeiro meta-critério implica a capacidade do indivíduo para reflectir e perceber as possíveis causas do seu comportamento e/ou sentimentos. De referir que estas causas podem estar relacionadas com a idade, com situações específicas ou com características pessoais. Assim sendo, relacionar o *self* implica também a consciência acerca da dependência dos outros. Por sua vez, o segundo meta-critério diz respeito ao relativismo pessoal, sendo que indivíduos com níveis superiores são capazes de se avaliarem a si mesmos e aos outros com um distanciamento significativo. Têm a capacidade de avaliar o seu comportamento de uma forma crítica e, simultaneamente demonstram aceitar-se como são. Revelam também tolerância pelos valores e estilos de vida dos outros – desde que não tragam prejuízo para si mesmos ou para os outros. Por fim, o terceiro meta-critério corresponde à capacidade de tolerar a ambiguidade, o que implica reconhecer e ser capaz de gerir as incertezas na sua própria vida e desenvolvimento. Reflecte-se no reconhecimento de que a vida é constituída por eventos incontroláveis e imprevisíveis, tais como a morte ou a doença. Implica também a disponibilidade de estratégias para lidar com a incerteza, seja através da abertura à experiência, confiança básica ou o desenvolvimento de soluções flexíveis (Staudinger & Glück, 2011b).

Tal como acontece com o Paradigma de Sabedoria Geral da equipa de Berlim, a sabedoria pessoal é medida por um procedimento de “pensar em voz alta” na resolução de um problema existencial complexo. De referir que esta medida de desempenho demonstrou boa validade convergente (Mickler & Staudinger, 2008), bem como uma correlação positiva com outras medidas de crescimento pessoal, tais como as escalas de crescimento pessoal e propósito de vida de Ryff ou a escala de desenvolvimento do ego de Loevinger. No que diz respeito à validade discriminante, a sabedoria pessoal demonstra uma sobreposição significativa com medidas de sabedoria geral. Tal como seria de esperar para uma medida de maturidade pessoal, não foram encontradas correlações com indicadores de bem-estar subjectivo, tais como a satisfação com a vida ou emoções positivas ou negativas.

Para além destas abordagens é pertinente referir, neste momento que, vários modelos teóricos de sabedoria pessoal foram adaptados para medidas de auto-relato, até porque a sabedoria é aqui considerada como uma característica da personalidade ou como uma atitude/perspectiva do *self* (Staudinger & Glück, 2011b). São particularmente destacadas neste documento a Escala Tri-dimensional de Ardelit (3D-WS), a Escala de auto-relato de Webster (SAWS), bem como a medida de Levenson no âmbito da sabedoria como transcendência pessoal.

De facto, algumas medidas de sabedoria são baseados na tradição Eriksoniana da teoria do desenvolvimento da identidade. Ou seja, Erikson (1959, como citado em Staudinger & Glück, 2011b) conceptualizou a sabedoria como o ponto final ideal do desenvolvimento da identidade, alcançado através do domínio de uma série de crises ao longo do ciclo de vida. A última crise de identidade (identidade versus desespero) implicaria a plena aceitação da forma como a vida decorreu o que resultaria na virtude da sabedoria. A este propósito, alguns investigadores, tal como Walaskay, Whitbourne e Nehrke (1983; 1984, como citado em Staudinger & Glück, 2011b) desenvolveram escalas de auto-relato cuja finalidade seria medir a realização de cada um dos estádios de desenvolvimento da identidade de Erikson.

Também Carol Ryff investigou os estádios de desenvolvimento propostos por Erikson (e.g. Ryff & Heincke, 1983). A autora caracterizou a sabedoria como uma

integração de todas as facetas do *self*, coordenação de opostos e a transcendência de interesses pessoais em benefício de aspectos colectivos/universais. Mais recentemente integrou o seu trabalho numa complexa conceptualização do bem-estar psicológico (Ryff & Keyes 1995; Ryff & Singer, 2006), por considerar fundamentais os aspectos eudamónicos/psicológicos de bem-estar (Ryan & Deci, 2001; Waterman, 1993), ou seja, a autora destaca a importância da obtenção do bem-estar pela percepção do potencial individual para o crescimento. Nesta linha, desenvolveu uma Escala de medida que avalia seis componentes distintos do bem-estar psicológico, entre os quais, crescimento pessoal e propósito de vida. De facto, as subescalas de crescimento pessoal e propósito de vida de Ryff demonstram algumas das mais fortes correlações com o desempenho associado à sabedoria pessoal e geral (Glück & Baltes, 2006; Mickler & Staudinger, 2008; Staudinger, Lopez & Baltes, 1997, como citado em Staudinger & Glück, 2011b).

Por sua vez, Helson e Srivastava (2001), com base nos trabalhos de Wink e Helson (1997; Helson & Wink, 1987) que distinguem a sabedoria prática e transcendente, assumiram que o domínio ambiental e o crescimento pessoal (desenvolvimento intrapsíquico) dificultam por vezes o desenvolvimento um do outro. Partindo deste pressuposto e cruzando estas duas dimensões ao longo de um estudo longitudinal, os autores verificaram que os dois grupos com um elevado domínio ambiental registaram um aumento no ajustamento e sucesso na vida, ao passo que dos dois grupos com um elevado crescimento pessoal era expectável um crescimento ao nível da sabedoria pessoal, no entanto apenas um dos grupos – o que se caracterizava por reduzido domínio ambiental e elevado crescimento pessoal – registara este crescimento (Helson & Srivastava, 2001). Assim sendo, esta evidência renova a importância de diferenciar o ajustamento e crescimento pessoal (e.g., Staudinger & Kunzmann 2005, como citado em Staudinger & Glück, 2011b).

Jeffrey Webster (2003, 2007) desenvolveu, a partir de uma revisão teórica da literatura existente, uma escala de auto-relato de sabedoria, a *Self-Assessed Wisdom Scale* (SAWS) que avalia cinco dimensões inter-relacionadas. É necessário que estas dimensões operem de uma forma holística para o desenvolvimento da sabedoria, sendo cada parte necessária, mas não suficiente. Aliás, o autor define a sabedoria como “*the*

competence in, intention to, and application of critical life experiences to facilitate the optimal development of self and others” (Webster, 2007, p. 164).

A partir desta revisão, Webster (2007) propõe cinco componentes da sabedoria, corroborando o seu carácter multidimensional: (1) *Experiência de vida*: a sabedoria não se desenvolve no nada, é preciso experienciar situações difíceis, superar problemas complexos, negociar crises. Assim sendo e devido a este requisito, a sabedoria é frequentemente associada à idade, ou seja, acredita-se que quanto mais velha uma pessoa, maior a probabilidade de ter adquirido conhecimento à custa da experiência. Contudo, não é qualquer experiência que permite o desenvolvimento da sabedoria, mas sim experiências difíceis, moralmente desafiadoras e que requerem (e suscitam) alguma profundidade para se lidar com elas; (2) *Regulação emocional*: a sensibilidade afectiva ou regulação emocional são elementos chave da sabedoria. Sendo um conceito próximo da inteligência emocional (Goleman, 1996) e intra-pessoal (Gardner, 1983), envolve a capacidade de entender e sentir as pequenas distinções, as misturas e complexidades de todo o largo espectro das emoções e afectos humanos; (3) *Reminiscência e reflexividade*: quer nas concepções clássicas quer nas modernas conceptualizações da sabedoria como um constructo psicológico, o conhecimento de si próprio é um elemento fundamental da sabedoria. A reflexão sobre a vida passada e presente é uma condição necessária para o desenvolvimento de uma série de funções psicológicas, incluindo formação e manutenção da identidade, compreensão de si mesmo, e *coping* adaptativo. A revisão de vida é apontada como necessária para a sabedoria, como estando relacionada com a capacidade de dar um sentido à vida vivida, de reconhecer os erros, as limitações, mas também os sucessos e as forças; (4) *Abertura*: um sábio é tudo menos rígido e inflexível. A literatura aponta a abertura como uma característica da sabedoria. Baltes, Staudinger, Maercker e Smith (1995) referem a abertura à experiência como um dos mais poderosos preditores da sabedoria, pela capacidade de explorar opções, de aceitar e ponderar outras perspetivas, de entender a complexidade do mundo; (5) *Humor*: Webster aponta o humor como uma das componentes da sabedoria menos referida. O autor alega, contudo, que já Erikson referia a sua importância e dizia não acreditar num sábio que não conseguisse rir. O humor permite lidar com situações difíceis, compreender a natureza

complexa, por vezes arbitrária, da vida, e também, trazer uma nova perspectiva sobre a vida e suas vivências. Contudo, o humor cáustico e sarcástico pode apenas servir para magoar, pelo que há que diferenciar entre os tipos de humor que fazem parte da sabedoria.

Contrastando as dimensões da sabedoria postuladas por Webster (2003), existem paralelos óbvios entre as quatro primeiras componentes e dimensões das outras teorias. Senão vejamos, a componente abertura tem muito em comum com o relativismo de valores e o propósito de vida dos autores do grupo de Berlim, assim como a reminiscência e revisão de vida partilham um espaço conceptual com as características reflexivas da sabedoria encontradas na teorização de Ardelts seguidamente analisada. Apenas o humor parece isolado, constituindo-se como um acrescento singular de Webster às teorizações da sabedoria.

A SAWS de Webster (2003) é constituída por 40 itens – avaliados numa escala de resposta *Likert* de seis pontos. Este instrumento de medida demonstrou boas propriedades psicométricas (Webster, 2007), para além de terem sido encontradas correlações positivas com medidas de generatividade e integridade do ego e, pelo contrário, correlações negativas com indivíduos com vinculação evitante (mas não com vinculação ansiosa).

Por fim, Levenson, Jennings, Aldwin e Shiraishi (2005; Le & Levenson, 2005) introduziram uma medida de sabedoria como transcendência pessoal com base na definição do filósofo Trevor Curnow (1999). Este identifica quatro pressupostos centrais, quer na filosofia europeia, quer asiática: auto-conhecimento, desvinculação, integração e transcendência pessoal. Efectivamente, Curnow (1999) não foi o único a destacar a importância da auto-transcendência para a sabedoria (e.g. Kohut, 1978; Labouvie-Vief, 2003; Mickler & Staudinger, 2008; Orwoll & Perlmutter, 1990).

Levenson e colaboradores (2005) referem que os quatro pressupostos apontados por Curnow podem ser conceptualizados como estádios desenvolvimentais. Dito de outro modo, o auto-conhecimento pode ser entendido como a consciência do *self* naquilo que são os papéis, relações e crenças/valores individuais; a desvinculação refere-se à consciência da transitoriedade dos aspectos externos do *self*; a integração significa

superar a separação entre os diferentes "eus interiores", isto é, aceitar e integrar todas as facetas do *self*; por fim, a transcendência pessoal refere-se à independência do *self* face a definições externas e à dissolução de barreiras mentais entre o *self* e os outros. Os autores argumentam que a “transcendência pessoal é equivalente à sabedoria e implica a dissolução de obstáculos (criados pelo próprio indivíduo) à empatia, compreensão e integridade” (Levenson et al., 2005, p. 129). Desenvolveram, neste sentido, o Inventário Adulto de Transcendência Pessoal (*Adult Self-Transcendence Inventory*, ASTI; Levenson, Jennings, Aldwin & Shiraishi, 2005). Verifica-se que a primeira versão do ASTI estava negativamente relacionada com o neuroticismo e positivamente relacionada com a abertura à experiência, conscienciosidade, amabilidade, bem como à prática de meditação.

Por sua vez, Monika Ardelt (e.g., 2003, 2004), com base nas teorias implícitas e explícitas de sabedoria, define a mesma como a integração de características cognitivas, reflexivas e afetivas da personalidade. Ardelt (2000, 2004a, 2004b) tem deixado claro que considera redutor definir sabedoria como perícia (*expertise*), defendendo que a sabedoria abrange a pessoa na totalidade, não podendo existir independentemente do indivíduo nem limitar-se ao conhecimento intelectual ou teórico. Para uma melhor compreensão deste modelo referir que a dimensão cognitiva se refere ao desejo de conhecer a verdade e atingir um nível profundo de compreensão da vida, sobretudo em dimensões intrapessoais e interpessoais. Esta dimensão inclui o conhecimento e aceitação dos aspectos negativos e positivos da natureza humana, assim como as limitações do conhecimento e a incerteza. Para tal, é necessário desenvolver a componente reflexiva, que abrange a auto-análise, a auto-consciência, o *insight*, e a capacidade de olhar para os fenómenos de diferentes perspectivas. A transcendência da própria subjectividade através da auto-reflexão reduz o egocentrismo da pessoa, permitindo *insights* mais profundos sobre o seu comportamento e motivações e os dos outros, e conduzindo a uma compreensão mais profunda da vida. Daqui resulta a componente afectiva deste modelo, ou seja, a capacidade da pessoa se descentrar de si mesma e ser capaz de lidar com os outros de forma construtiva, empática e com compaixão.

Ardelt (2004) defende que esta definição de sabedoria se aproxima de um “tipo ideal” que raramente se encontra na realidade, sendo possível avaliar quão perto uma pessoa se aproxima desse ideal. Para medir a sabedoria, desenvolveu uma escala tri-dimensional de auto-administração, a *Three-Dimensional Wisdom Scale (3D-WS)*, baseada na operacionalização de cada uma das dimensões do seu modelo, que permitem avaliar a variável latente sabedoria. A sua investigação incidiu, inicialmente, sobretudo sobre população idosa e os resultados apontam para uma relação positiva e significativa com bem-estar geral, mestria, objectivos de vida e saúde subjectiva, e para uma relação negativa com sintomas depressivos, evitamento e medo da morte, e sentimentos de pressão económica. Para além disso, os participantes com maior pontuação na 3D-WS eram também os tendencialmente mais identificados como sábios pelos outros participantes.

Ardelt (2004a) considera, assim, que as três dimensões apresentadas são necessárias mas também suficientes para a sabedoria. Assume ainda que os sábios possuem outras características pessoais, como autonomia, maturidade e integridade, ou saúde psicológica, mas que resultam da integração cognitiva, reflexiva e afectiva. Acrescenta que a sabedoria tem de ser compreendida ao nível experiencial, e, criticando a ênfase no conhecimento intelectual pela equipa de Baltes e Sternberg, afirma que esse conhecimento tem de ser experienciado e ter um efeito transformador na pessoa, num determinado contexto, para ser designado de sabedoria. Segundo a autora, os idosos com maiores níveis de sabedoria têm uma maior tendência para se sentirem realizados com as suas vidas, independentemente das suas circunstâncias objectivas porque estão mais capacitados do que outros idosos para lidar com as vicissitudes da vida.

Para estudar os antecedentes de sabedoria, a autora utilizou informação recolhida num estudo de investigação longitudinal realizado na Califórnia em 1968/69 a 120 idosos brancos, estudo este de *follow-up*, 40 anos depois de uma primeira abordagem dessa amostra em 1928/29. Nesta investigação, conduzida para avaliar a relação entre os estilos de vida e as características da personalidade dos idosos, os investigadores do *Institute Of Human Development* de Berkeley utilizaram os questionários *Ego Rating Scale* (Haan, 1969) e o *California 100-iten, Q-short* (Block, 1971). A autora verificou que nestes

questionários existiam itens que descreviam atributos e características de uma pessoa sábia. Uma análise factorial confirmatória desses itens demonstrou que as características cognitivas, reflexivas e afetivas de personalidade poderiam constituir factores efectivos da variável latente sabedoria (Ardelt, 2004a). Desta forma conseguiu estudar a relação entre os níveis de sabedoria destes sujeitos e informação relativa à sua vida e desenvolvimento psicológico. Verificou, pela análise secundária dessa informação, que a existência de ambientes sociais estruturados no início da adultez tinha um impacto positivo nos níveis de sabedoria na velhice (40 anos mais tarde) (Ardelt, 2004a). Verificou também que muitos dos idosos estudados e com níveis de sabedoria relativamente mais elevados haviam conseguido desenvolver-se psicologicamente durante a experiência da Grande Depressão (década de 30 do séc.XX, EUA), ao passo que a saúde mental dos idosos que apresentavam menores níveis de sabedoria e que haviam passado pelos mesmos ambientes de adversidade, havia declinado logo após a grande recessão económica.

Embora a sua definição de sabedoria derive essencialmente dos estudos das teorias implícitas de sabedoria de Clayton e Birren (1980), o modelo tridimensional de sabedoria que desenvolveu é compatível com outras teorias implícitas assim como teorias explícitas, sobretudo da tradição oriental de sabedoria (Ardelt, 2003).

Na sua perspetiva e em consonância com Takahashi e Overton (2005), enquanto as teorias explícitas que conceptualizam a sabedoria numa perspetiva mais ocidental se focam sobretudo no conhecimento e na capacidade analítica, as teorias explícitas que conceptualizam sabedoria numa perspetiva mais orientais, tendem a enfatizar a importância do equilíbrio entre os aspetos cognitivos, reflexivos e afectivos do sujeito.

Embora as três dimensões: cognitiva, reflexiva a afetiva, sejam consideradas igualmente preponderantes para a emergência da sabedoria (Ardelt, 2003), é possível depreender, pela forma como define cada uma delas, a importância do desenvolvimento da dimensão reflexiva para o desenvolvimento do indivíduo nas restantes dimensões.

Tabela 4

Operacionalização do Modelo Tri-dimensional de sabedoria de Ardelt

	Definição	Operacionalização
Cognitiva	Compreensão da vida e desejo de conhecer a verdade, i.e., de compreender o significado profundo dos fenómenos e acontecimentos, particularmente nos assuntos intrapessoais e interpessoais. Aceitação dos aspetos positivos e negativos da natureza humana, dos limites do conhecimento e da imprevisibilidade da vida.	Itens de classificação devem avaliar: - Habilidade e capacidade para compreender profundamente os fenómenos; -Conhecimento dos aspetos positivos e negativos da natureza humana; -Conhecimento das ambiguidades e incertezas da vida; -Habilidade para tomar decisões importantes apesar da incerteza da vida.
Reflexiva	Percepção dos fenómenos e acontecimentos através de múltiplas perspetivas. Auto – consciência e auto-conhecimento.	Itens de classificação devem avaliar: - Habilidade e capacidade de olhar para os fenómenos de múltiplas perspetivas; -Ausência de subjectividade e projecções (i. e., a tendência para culpar outras pessoas, ou circunstâncias, dos seus próprios sentimentos ou de situações).
Afetiva	Harmonia e compaixão com os outros.	Itens de classificação devem avaliar: -Presença de emoções e comportamentos positivos em relação aos outros; -Ausência de emoções e comportamentos negativos, em relação a outros.

Fonte: Ardelt (2004b).

A 3D-WS (Ardelt, 2003) apresenta-se como um questionário de auto-resposta, concebido inicialmente para avaliar, em populações de sujeitos idosos (+52 anos) e de uma forma alargada, a variável latente sabedoria. Posteriormente foi utilizada com jovens adultos, tendo sido concluído que este instrumento de medida é apropriado para medir sabedoria, não só em amostras de adultos mais velhos, como também de adultos mais jovens (Ardelt, 2010).

Como já foi referido, as variáveis componentes da sabedoria neste instrumento de medida correspondem directamente às três dimensões que o compõem: cognitiva, reflexiva e afectiva. De referir que cada dimensão é, por sua vez, constituída por um conjunto de itens que se organizam e distribuem ao longo de duas escalas de resposta: uma primeira de tipo *Likert* de 1 (concordo totalmente) a 5 (discordo totalmente) e uma segunda escala que vai de 1 (totalmente verdadeiro) a 5 (não verdadeiro). O cálculo do

nível de Sabedoria de um sujeito a partir deste questionário é feito então pela média das médias obtidas pelos sujeitos em cada uma das três dimensões. É fundamental referir que as três dimensões têm de estar simultaneamente presentes para que a pessoa seja considerada sábia (Ardelt, 2003).

Para uma descrição um pouco mais específica é importante salientar que os 14 itens da 3D-WS que pertencem à dimensão cognitiva (itens 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13 e 15 da primeira escala e os itens 7, 10, 13, 16, 19 e 23 da segunda escala) avaliam a capacidade e a vontade dos sujeitos para compreenderem uma situação ou fenómeno, bem como o conhecimento que têm da ambiguidade e incerteza associadas à natureza humana e à vida em geral. Por sua vez, a dimensão reflexiva – assumida como um pré-requisito para o desenvolvimento da dimensão cognitiva da sabedoria – é avaliada pelos itens 6 e 10 da primeira escala e pelos itens 1, 3, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 22 e 24 da segunda escala. Estes avaliam o quanto os sujeitos tentam superar a subjectividade, encarando os fenómenos de diferentes perspectivas e em que medida evitam culpar outras pessoas ou circunstâncias pela sua situação. Por fim, os itens que integram a dimensão afectiva (itens 2, 4, 8, 12 e 14 da primeira escala e os itens 2, 4, 6, 9, 12, 15, 18 e 21 da segunda escala) avaliam a presença de emoções positivas e comportamentos positivos em relação aos outros, assim como sentimentos e acções compassivas e a ausência de indiferença, emoções negativas e comportamentos negativos para com os outros (Ardelt, 2003).

Do ponto de vista metodológico, Ardel (2003) optou por avaliar a validade de constructo, preditiva, discriminante, conteúdo e convergente, bem como a fiabilidade da 3D-WS –através do *alfa de Cronbach*, da correlação entre indicadores, análise factorial confirmatória e ainda pelo teste-reteste – no sentido de desenvolver e validar a escala. A amostra do estudo era constituída por 180 adultos com idades compreendidas entre os 52 e os 87 anos de idade tendo todos os procedimentos empíricos indicado que a 3D-WS é uma escala válida, segura e promissora na avaliação de sabedoria de pessoas mais velhas. Os itens em cada dimensão demonstraram-se suficientemente bem correlacionados entre si, com valores de *alfa de Cronbach* de .78 para a dimensão cognitiva, .75 para a dimensão reflexiva e .74 para a dimensão afectiva, num primeiro momento, e de .85, .71 e .72, respectivamente, num segundo momento, o que confirma a

consistência interna das três dimensões. As dimensões cognitiva, reflexiva e afectiva da 3D-WS demonstraram correlações significativas entre si com uma variância de .30 e .50, enquanto a análise factorial confirmatória se revelou estatisticamente significativa, com valores unificados que variam entre .50 e .84. Referir também que, neste estudo, a 3D-WS demonstrou, não só elevada fiabilidade interna e teste-reteste, mas também elevada validade de constructo, preditiva, discriminante, conteúdo e convergente.

No estudo de 2010, Ardelt verificou que a fiabilidade e a validade de construto da 3D-WS eram similares, quer para a amostra de jovens, quer para a amostra dos adultos mais velhos. Os valores do *alfa de Cronbach* foram de .71, .75 e .66, respectivamente, para a amostra de jovens e de .78, .75 e .74, respectivamente, para a amostra dos adultos mais velhos. Relativamente ao *alfa de Cronbach* da média das três dimensões verificou-se que os valores se situaram entre os .72 para a amostra de jovens e os .66 para a amostra dos adultos mais velhos. De referir também que as dimensões cognitiva, reflexiva e afectiva da escala demonstraram estar significativamente correlacionadas entre si, situando-se os valores entre os .44 e .48 para a amostra de jovens e entre os .30 e .50 para a amostra dos adultos mais velhos.

Alves (2011), numa tentativa de validar a 3D-WS para a população portuguesa, verificou, após uma análise de componentes principais (ACP), a emergência de 11 factores com valores próprios superiores a 1 que, no seu conjunto, explicaram 52.34% da variância total. Posteriormente, a análise foi forçada a três factores com rotação *Oblimin*, que explicaram apenas 25.97% da variância total, sendo que os itens não se distribuíram pelos factores da forma que seria prevista. O autor concluiu que os factores 1 e 3 demonstravam uma correlação significativa entre si, porém baixa ($r = .26$). Assim, e perante os resultados obtidos na análise psicométrica, foram tentadas outras soluções factoriais, no entanto não foi possível definir uma estrutura factorial consistente e, conseqüentemente, entendeu que a utilização da 3D-WS trabalhada desta forma não seria adequada para a população portuguesa.

Neste sentido, pretende-se com este estudo, empreender uma nova tentativa de tradução e validação da 3D-WS através de uma análise factorial confirmatória da estrutura factorial da versão original da escala com adultos portugueses.

Embora os instrumentos de auto-administração sejam práticos e fáceis de utilizar, a validação dos itens das escalas pode colocar alguns problemas. De facto, as medidas de auto-relato são influenciadas pela inadequação dos «auto-julgamentos» dos indivíduos. A título de exemplo, se a sabedoria implica auto-reflexão e auto-crítica, auto-julgamentos favoráveis em escalas de auto-relato podem ser negativamente correlacionadas com a sabedoria. Uma pessoa ingénua (naïve) com elevada auto-estima pode ter melhores resultados numa escala de medida de auto-relato do que uma pessoa sábia que se tenta avaliar o mais correctamente possível face a um *standard*/padrão elevado.

À parte disto e, numa tentativa de analisar de uma forma geral os modelos teóricos acima descritos, conclui-se que estes são, na sua generalidade, bastante semelhantes, entendendo a sabedoria como o conhecimento generalizado sobre a natureza humana e sobre o percurso de vida. Na generalidade, os autores concordam que o conceito de sabedoria integra vários elementos comportamentais, desde o conhecimento objectivo de vida proporcionado pela cognição, até aos tipos de conhecimento mais subjectivos, associados ao afecto e motivação.

A sabedoria pode ser entendida, se levarmos em consideração as teorias acima descritas, como a capacidade de fazer julgamentos acertados em temas relacionados com a vida e com a conduta humana e de seleccionar os melhores meios para os fins pretendidos, sendo, genericamente, caracterizada por prudência e bom senso, uma personalidade madura.

A sabedoria pode ser analisada com base em três componentes essenciais: o desenvolvimento da sabedoria, os traços de uma pessoa sábia e os produtos/resultados do processo, sendo que uma pessoa sábia deve ser capaz de alcançar um equilíbrio entre os três aspetos do comportamento envolvidos no conceito de sabedoria – a cognição, o afecto e a motivação – bem como de pesar aquilo que conhece e desconhece, resistir à emoção e manter-se simultaneamente interessada e seleccionar cuidadosamente o momento ideal para agir.

O aspecto mais premente que distingue estas conceptualizações é o facto de algumas delas, como sendo as da autoria de Baltes e colaboradores e de Sternberg e colaboradores, não terem em particular atenção os temas do afecto e motivação,

cingindo-se à envolvente cognitiva da sabedoria. Para além disso, poucos são aqueles que destacam a importância do contexto em que o indivíduo se desenvolve (somente a teoria dos cinco critérios da sabedoria de Baltes), uma vez que este assume um papel extremamente significativo na estimulação, motivação e socialização do indivíduo – factores que interferem na obtenção de sabedoria. Ou seja, para que esta possa ser atingida é necessário incentiva-la, criando ambientes promotores de sabedoria e estimulando a reflexão.

A sabedoria pode ser entendida como o objectivo ideal do desenvolvimento humano, porém são raras as pessoas que manifestam sabedoria. Isto porque este conceito abrange uma série de sectores, ou seja, implica o domínio de conhecimentos acerca de factos e procedimentos, assim como uma susceptibilidade ao contexto, à incerteza e ao relativo, coordenando a mente, personalidade e emoção.

Neste sentido, é fundamental conseguir perceber até que ponto as pessoas se aproximam ou não do conceito de sabedoria pelo que são essenciais procedimentos de avaliação que permitam fazer esta distinção. Através do presente estudo e acreditando nas potencialidades da 3D-WS como um instrumento adequado para o fazer, decidiu-se proceder à análise factorial confirmatória da estrutura factorial da versão original da 3D-WS com adultos portugueses.

CAPÍTULO II
MÉTODO

2. Método

No presente capítulo abordam-se os aspectos metodológicos que estão na base do processo de validação da escala de medida 3D-WS para a população portuguesa.

2.1. Participantes

Considerando que o objectivo do presente estudo é proceder à validação da 3D-WS, recorreu-se à análise factorial confirmatória (AFC) da estrutura factorial da versão original da 3D-WS junto de adultos portugueses, tendo sido determinado um *N* de 300 participantes como mínimo necessário para a condução deste tipo de procedimento estatístico, conforme as recomendações de Kline (2010) e de Muthén e Muthén (2002). Do ponto de vista metodológico, pretendeu-se uma distribuição minimamente equilibrada de cerca de 100 participantes entre os três grupos etários (jovens adultos entre os 18 e os 34 anos; adultos meia-idade entre os 35 e os 54 anos e idosos com mais de 55 anos de idade). Ter uma idade inferior a 18 anos foi o único factor de exclusão na selecção dos participantes, por se considerar como critério a maioridade em termos sociais. A selecção dos participantes para esta investigação foi realizada no sentido de obter uma amostra o mais diversificada e representativa possível, para que os objectivos do estudo não ficassem comprometidos. Ou seja, tentou-se que a amostra tivesse características semelhantes à amostra inicial dos estudos de validação do instrumento original (Ardelt, 2003) em termos de idade, género e habilitações literárias, acrescentando-se-lhe no entanto dados de sujeitos com menores habilitações académicas no sentido de tornar a amostra um pouco mais heterogénea e mais aproximada à realidade portuguesa.

Ardelt (2003), nos EUA, seleccionou adultos com mais de 52 anos de idade, sendo as variáveis tidas em conta a raça, género e o estatuto sócio-económico. Mais concretamente, a sua amostra era constituída por um total de 180 adultos, com idades compreendidas entre os 52 e os 87 anos ($DP = 8.02$) com uma idade média de 71 anos. Dos participantes, 73% eram mulheres, 72% brancos, 61% casados, 30% viúvos e 78% reformados. Em termos de habilitações literárias, verifica-se que 29% tinham um diploma

de ensino médio, 17% frequentaram o ensino superior, 13% possuíam um bacharelato e 31% uma pós-graduação.

Do ponto de vista estatístico, foram seguidas as recomendações de Kline (2010) e de Muthén e Muthén (2002) para a determinação da amostra para a condução AFC. De acordo com Kline (2010), uma amostra com menos de 100 participantes é considerada *pequena*, entre 100 a 200 participantes como *média* e mais de 200 participantes como *grande*. Este autor sustenta que um número superior a 200 participantes parece ser aceitável para o teste da maioria dos modelos factorais. No entanto, outros autores alertam que um ponto de corte no tamanho amostral pode não ser aplicável a todas as situações e depende de muitos factores, tais como o tamanho do modelo factorial, a existência de *missing data* ou a força das associações entre os indicadores ou os constructos latentes (Brown, 2006; Muthén & Muthén, 2002). Mais concretamente, Muthén e Muthén (2002) demonstraram empiricamente que para testar o seu modelo factorial com adequado poder estatístico eram necessários 150 participantes, quando os dados apresentavam uma distribuição normal e não havia *missing values*. No entanto, o número de participantes requeridos aumentou para 175 na presença de *missing values* aleatórios, para 265 face a dados que não cumpriam na totalidade os pressupostos da distribuição normal e aumentava ainda para 315 perante a existência de *missing values* e de uma não-distribuição normal dos dados (Muthén & Muthén, 2002). Dessa forma, apesar de uma amostra de pelo menos 200 participantes ser adequada para conduzir uma AFC, pretendeu-se prevenir a possibilidade da não distribuição normal dos dados e a possível existência (e em que percentagem) de *missing values*, factores que não podem ser controlados *a priori* e que poderiam eventualmente reduzir significativamente o poder estatístico das análises caso o número de participantes fosse aproximadamente de 200.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Ficha Sociodemográfica. No sentido de caracterizar a população em estudo de uma forma abrangente foi desenvolvida uma Ficha Sociodemográfica cujas variáveis tidas em consideração incluem o género, a idade, o estado civil e a escolaridade. Para

além destes elementos, importa também analisar a profissão predominantemente exercida ao longo da carreira profissional, o facto de estar ou não reformado e há quantos anos, bem como o facto de o indivíduo reconhecer, ou não, que no exercício da sua profissão, tem (ou tinha) a responsabilidade de tomar decisões que afectam (ou afectavam) a vida de outras pessoas. De referir que quando o indivíduo dava nesta questão uma resposta afirmativa, lhe eram pedidos exemplos que ilustrassem esta situação.

2.2.2. Escala Tri-Dimensional de Sabedoria. Foi administrada a versão portuguesa da *Three-dimensional Wisdom Scale* (3D-WS; Ardelt, 2003) composta por 39 itens, subdivididos em duas subescalas. A escala de resposta da primeira subescala é de tipo *Likert* de 1 (concordo totalmente) a 5 (discordo totalmente) e a da segunda subescala vai de 1 (totalmente verdadeiro) a 5 (não verdadeiro). Os itens estão organizados em três dimensões (cognitiva, reflexiva e afectiva) e demonstraram estar suficientemente bem correlacionados entre si, com valores de *alfa de Cronbach* de .78 para a dimensão cognitiva, .75 para a dimensão reflexiva e .74 para a dimensão afectiva, num primeiro momento, e de .85, .71 e .72, respectivamente, num segundo momento, o que confirma a fiabilidade da medida das três dimensões para teste-reteste. O cálculo do nível de sabedoria dos participantes é feito pela média das médias obtidas pelos sujeitos em cada uma das três dimensões de sabedoria que a escala operacionaliza.

2.2.3. Crescimento Pessoal e Propósito/Objectivos de Vida. O Crescimento Pessoal e Propósito/Objectivos de Vida foram avaliados com as subescalas da versão portuguesa da *Psychological Well-Being Scale – 18 items* de Ryff e Keyes (SPWB-18 items; 1995; versão portuguesa de Novo, Duarte-Silva & Peralta, 1997).

A subescala de Crescimento Pessoal foi administrada no sentido de avaliar a percepção pessoal acerca do desenvolvimento, crescimento pessoal, interesse pelo aperfeiçoamento e enriquecimento pessoal, bem como a abertura a novas experiências. A escala de resposta da subescala é de tipo *Likert*, de 1 a 6 (de “discordo completamente”

a “concordo completamente”). Os itens negativos foram recodificados para que os *scores* mais elevados reflectam uma elevada percepção de crescimento pessoal.

A subescala de Propósito/objectivos de Vida faz parte da SPWB-18 items (Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo et al., 1997), tendo sido administrada com a finalidade de identificar os objetivos a atingir, aspirações e metas a alcançar, e quão convictamente tais metas direcionam o comportamento e dão um sentido significativo à vida dos participantes. De forma semelhante, a modalidade de resposta é de tipo *Likert*, de 1 (Discordo Completamente) a 6 (Concordo completamente). Um elevado propósito de vida reflecte-se em elevados *scores*. A versão portuguesa de todas as subescalas da SPWB-18 items demonstrou validade e fiabilidade satisfatórias (Novo et al., 1997).

No estudo de Ryff e Keyes (1995) verificou-se que os 18 itens da SPWB-18 items continuam a satisfazer os critérios psicométricos, sendo que cada item apenas se correlaciona forte e positivamente com a sua própria escala. As inter-correlações entre a escala são modestas, variando entre .13 (e.g., *Purpose in Life and Autonomy*) e .46 (e.g., *Self-Acceptance and Environmental Mastery*). A consistência interna varia entre baixa a moderada, de .33 (*Purpose in Life*) a .56 (*Positive Relations With Others*).

A versão portuguesa da SPWB-18 items de Novo e colaboradores (1997) demonstrou valores de *alfa de Cronbach* de .37 quer para a subescala de Crescimento Pessoal, quer para a de Propósito/objectivos de vida (Fernandes, Vasconcelos-Raposo & Teixeira, 2010), ao passo que no presente estudo os valores encontrados foram de .53 e .70, respectivamente.

2.3. Tradução e adaptação da 3D-WS para a língua portuguesa

Após o consentimento pela autora para a tradução e validação para Portugal da 3D-WS (Ardelt, 2003), foram seguidas as orientações da *International Test Commission* (Hambleton, 1994; Hambleton, Merenda & Spielberger, 2005) para a tradução e adaptação de instrumentos psicométricos. Para a tradução e adaptação portuguesa da 3D-WS foi adoptado o método de *traduções independentes* (Gudmundsson, 2009).

Em conformidade com este método, procedeu-se a três traduções independentes e paralelas por dois investigadores do projecto. De acordo com as orientações

documentadas na literatura, os tradutores qualificados são aqueles que apresentam fluência em língua portuguesa e língua inglesa e/ou conhecimento especialista no conteúdo científico do constructo avaliado pela medida. Estas traduções foram posteriormente comparadas para avaliar o seu grau de consistência. Após a discussão e resolução das inconsistências entre as traduções, foi criada uma versão única da escala. Um terceiro investigador da equipa que cumpria os critérios de fluência em ambas as línguas e de conhecimento especialista no domínio comparou a versão final da tradução com a versão original da escala e discutiu sugestões de melhoria e alterações com os dois tradutores iniciais da versão portuguesa. Finalmente, esta versão foi discutida em grupo por investigadores na área da sabedoria, envelhecimento e psicologia do desenvolvimento a fim de gerar consenso sobre as alterações necessárias para alcançar a versão final da escala em língua portuguesa, a qual foi posteriormente administrada aos participantes (Anexo 1).

2.4. Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados orientou-se pelos princípios éticos propostos pela *Associação Americana de Psicologia* (American Psychological Association, 2002, 2010). Mais concretamente, o presente projecto de investigação foi aprovado pela Comissão Científica do Mestrado em Gerontologia Social do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e os procedimentos de consentimento informado foram aplicados. Assim, foram apresentados aos participantes os objectivos do estudo, a descrição daquilo em que consistia a participação e informou-se claramente sobre a confidencialidade, privacidade e anonimato dos participantes, bem como a possibilidade de os mesmos poderem desistir a qualquer momento. Estas informações foram apresentadas por escrito num formulário de consentimento informado que, depois de lido e analisado, foi assinado pelos participantes.

Dois métodos de recolha de dados foram utilizados. Preferencialmente, os instrumentos foram entregues em mãos aos participantes, sendo que eram posteriormente recolhidos por um membro da equipa de investigação. Em casos de reduzida alfabetização dos participantes, os instrumentos foram aplicados directamente

pelo investigador (i.e., hétero-administração) que questionou, questão a questão, o participante. Este método de recolha de dados foi utilizado em situações em que o participante demonstrou vontade de participar mas que, manifestamente, apresentava limitadas ou nenhuma competências de literacia. Mais concretamente, este procedimento foi adoptado com cerca de 4.4% da amostra total.

Os protocolos de investigação foram aplicados em Instituições do Ensino Superior (Instituto Politécnico de Viana do Castelo e Universidade do Porto), em instituições direccionadas para o envelhecimento (Academia Sénior do IPVC, Universidade Sénior de Viseu, Academia Sénior do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo e Residência Assistida Bella Vida – Viana do Castelo) e também através de uma série de contactos informais desenvolvidos pelos membros da equipa de investigação. Este último método de recrutamento de participantes foi essencialmente utilizado para recrutar participantes de meia-idade e séniores. A recolha de dados decorreu entre os meses de Março e Junho, obtendo-se um total de 310 protocolos de investigação. Todavia, dois destes protocolos foram excluídos em virtude do elevado número de respostas omissas (mais de metade da 3D-WS incompleta), logo, foi considerado um total de 308 protocolos.

2.5. Procedimentos de análise de dados

Para aferir da sensibilidade dos resultados, procedeu-se à análise da distribuição das respostas dos participantes para todos os itens da escala. A sensibilidade da escala é aferida caso todas as categorias de resposta estejam representadas. Com a finalidade de examinar a validade de constructo foi conduzida uma análise factorial confirmatória (AFC; AMOS 18.0) na amostra total a fim de testar a estrutura factorial da 3D-WS original. O método de estimação utilizado foi o de máxima verosimilhança. A qualidade do ajustamento da estrutura factorial foi avaliada pelos seguintes indicadores: o teste do chi-quadrado, (χ^2) de ajustamento, o Turkey-Lewis index (TLI), o comparative fit index (CFI), e o root-mean-square error of approximation (RMSEA) com um intervalo de confiança de 90%. Uma estatística χ^2 de ajustamento não significativa, valores no TLI e CFI superiores a .90, e um valor de RMSEA inferior a .08 são indicadores de um bom ajuste do modelo factorial testado aos dados (Bollen & Long, 1993). No entanto, a estatística χ^2 não foi

considerada como um dos principais indicadores de ajustamento do modelo, dado que a sua não significância é afectada pela dimensão amostral (Hu & Bentler, 1999; Kline, 2010).

A fiabilidade da escala foi avaliada através da análise da consistência interna, medida pelo *alfa de Cronbach* (α) e pela correlação corrigida item-total da escala. No que respeita à consistência interna, valores de *alfa de Cronbach* que variem entre .60 e .70 são considerados aceitáveis e um valor igual ou superior a .70 assegura uma boa fiabilidade da escala (Nunnally & Bernstein, 1994). No que diz respeito à validade, e tendo em consideração que uma medida possui validade convergente se medidas independentes do mesmo constructo convergem ou estão altamente correlacionadas, evidências/provas de validade convergente são dadas por fortes e significativas correlações entre diferentes medidas do mesmo constructo.

Em se tratando do desenvolvimento e validação da medida, evidência da validade convergente é tradicionalmente fornecida por relações entre uma nova medida que está a ser desenvolvida e medidas já existentes. No entanto, é evidente que podem ocorrer problemas em gerar evidência da validade convergente no desenvolvimento das medidas quando não estão disponíveis medidas alternativas. Isto acontece frequentemente em constructos que ainda não foram estudados previamente ou então que já tenham sido estudados mas que usem métodos “*ad hoc*” ou operacionalização inadequadamente desenvolvida. De facto, quando não estão previamente disponíveis escalas validadas para fornecer a necessária variedade numa medida, por vezes são utilizadas medidas de outros domínios, tal como a Psicologia.

Há vários métodos estatísticos para examinar a validade convergente. Lehmann (1988) enumera três: (1) o Multitrait-multimethod matrix (MTMM) approach; (2) a análise de factores e (3) um método que analisa conjuntamente o modelo de medida (validade convergente e discriminante) e o modelo estrutural (Bagozzi, 1980; Jöreskog & Sörbom, 1979). De referir que esta última abordagem exige alguma teoria prévia, por conseguinte as relações entre constructos têm de ser especificadas.

Dos três métodos enunciados por Lehmann (1988) optou-se por utilizar o segundo pelo facto de a análise factorial ser uma técnica estatística utilizada para identificar um número relativamente pequeno de factores que podem ser usados para identificar

relacionamentos entre um conjunto de muitas variáveis inter-relacionadas entre si. Ou seja, a análise factorial estuda os inter-relacionamentos entre as variáveis, num esforço para encontrar um conjunto de factores (em menor número que o conjunto de variáveis originais) que exprima o que as variáveis originais partilham em comum. Assim, foram analisadas as relações entre as variáveis utilizando o coeficiente de correlação como medida de associação entre cada par de variáveis. A matriz de correlações poderá permitir identificar subconjuntos de variáveis que estão muito correlacionadas entre si no interior de cada subconjunto, mas pouco associados a variáveis de outros subconjuntos. Neste caso a aplicação da análise factorial permitir-nos-á concluir se é possível explicar este padrão de correlações através de um menor número de variáveis - os factores. Mais concretamente, foram calculadas correlações de Pearson entre as subescalas e o total da 3D-WS e as medidas seleccionadas para avaliar a validade convergente. Assim, correlações positivas moderadas a elevadas e significativas entre as subescalas e total da 3D-WS com as subescalas de Crescimento Pessoal e Propósito/Objectivos de Vida da escala de bem-estar psicológico (SPWB-18 items; Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo et al., 1997) são indicativas de validade convergente. Com a excepção da Análise Factorial Confirmatória (AFC), todas as restantes análises estatísticas foram conduzidas com recurso ao *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS® - versão 20.0).

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3. Apresentação dos Resultados

3.1. Descrição dos resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos na presente investigação. Após a caracterização sociodemográfica dos participantes, procede-se à análise das características psicométricas da versão portuguesa da 3D-WS, nomeadamente quanto à sensibilidade dos resultados (verificação das frequências de resposta, média e desvio-padrão dos itens da 3D-WS), validade de constructo (saturações dos itens da AFC), validade convergente (verificação da correlação com os itens das Subescalas de propósito/objectivos de vida e crescimento pessoal da SPWB-18 items; Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo, Duarte-Silva & Peralta, 1997) e ainda a análise da fiabilidade da 3D-WS-19 (verificação dos valores de consistência interna das Subescalas Cognitiva, Reflexiva e Afectiva da 3D-WS na versão original e da 3D-WS-19 na versão portuguesa, bem como das correlações dos itens das subescalas e alfa de Cronbach das subescalas com a retirada de cada item da 3D-WS-19).

3.2. Caracterização sociodemográfica dos participantes

Como se pode observar na Tabela 1, a amostra total é constituída por 308 indivíduos, sendo 210 do sexo feminino (68.2%) e 98 do sexo masculino (31.8%), com idades compreendidas entre os 18 e os 91 ($M = 49.08$; $DP = 19.65$). Em termos de habilitações literárias, verifica-se que a maioria dos participantes do estudo possui o 10-12º de escolaridade (30.1%), seguindo-se a frequência de estudos universitários (28.7%), do 1º ciclo do ensino básico (11.5%), e da formação pós-graduada (10.1%). De igual modo, verifica-se que 15.2% dos sujeitos possui entre o 5 e o 9º anos de escolaridade e 4.4% é analfabeta ou sabe apenas ler e/ou escrever.

Da amostra total, verifica-se que mais de metade dos sujeitos é casada ou vive em união de facto (57%), estando os restantes 43% da amostra total solteiros, viúvos ou divorciados (para uma análise detalhada, ver tabela 5). Em termos profissionais, mais de um quarto da amostra total enquadra-se no grupo definido pela Classificação Portuguesa das Profissões (CPP, 2010) enquanto Especialistas das actividades intelectuais e científicas (25.9%). Os estudantes representam 21.8 % da amostra, os trabalhadores dos serviços

peçoais, de protecção e segurança e vendedores 12.6 % e o pessoal administrativo 11.6%, sendo que os restantes participantes se distribuem pelos restantes grupos com uma menor representatividade. De referir que os grupos “estudantes” e “doméstica” não fazem parte da CPP (2010), no entanto a sua representatividade na amostra justificou a criação específica destas duas categorias.

Dos 308 sujeitos que constituem a amostra do estudo, 107 encontravam-se reformados no momento da recolha de dados representando portanto 35.7% dos participantes. Para além disso, aproximadamente metade da amostra total (40.5%) referiu ter ou já ter tido a responsabilidade de tomar decisões, em termos profissionais, que afectam (afectavam) a vida de outras pessoas, sendo este um dos indicadores relevantes da vida adulta que pode contribuir para a complexidade cognitiva (Bastos, Faria & Moreira, 2012).

Tabela 5

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Características	Jovens adultos (18-34 anos) <i>n</i> = 80		Adultos meia- idade (35-54 anos) <i>n</i> = 98		Idosos (+55 anos) <i>n</i> = 130		Total dos participantes <i>N</i> = 308	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%
Idade M (dp)	22.10 (3.95)		46.29 (6.16)		67.79 (8.42)		49.08 (19.65)	
min-max	18-33		35-54		55-91		18-91	
Género (% de mulheres)	66	82.5	59	60.2	85	65.4	210	68.2
Escolaridade								
Não sabe ler nem escrever	--	--	--	--	5	4.1	5	1.7
Sabe ler e/ou escrever	--	--	1	1.0	7	5.8	8	2.7
1-4º anos de escolaridade	--	--	3	3.1	31	25.6	34	11.5
5-6º anos de escolaridade	--	--	16	16.7	4	3.3	20	6.8
7-9º anos de escolaridade	--	--	10	10.4	15	12.4	25	8.4
10-12º de escolaridade	33	41.8	28	29.2	28	23.1	89	30.1
Estudos Universitários	34	43.0	25	26.0	26	21.5	85	28.7
Formação Pós-graduada	12	15.2	13	13.5	5	4.1	30	10.1

Estado Civil								
Solteiro(a)	71	88.8	8	8.2	10	7.9	89	29.4
Casado(a)	6	7.5	74	76.3	87	69.0	167	55.0
União de facto	2	2.5	4	4.1	--	--	6	2.0
Divorciado(a)	1	1.3	9	9.3	5	4.0	15	5.0
Viúvo(a)	--	--	2	2.1	24	19.0	26	8.6
Profissão								
Profissões das forças armadas	1	1.3	1	1.1	1	.8	3	1.0
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	--	--	5	5.3	7	5.9	12	4.1
Especialistas das actividades intelectuais e científicas	12	15.0	27	28.4	37	31.1	76	25.9
Técnicos e profissões de nível intermédio	2	2.5	7	7.4	3	2.5	12	4.1
Pessoal administrativo	--	--	17	17.9	17	14.3	34	11.6
Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	3	3.8	20	21.1	14	11.8	37	12.6
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta e protecção e segurança e vendedores	--	--	--	--	3	2.5	3	1.0
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	--	--	4	4.2	15	12.6	19	6.5
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	--	--	3	3.2	1	.8	4	1.4
Trabalhadores não qualificados	--	--	1	1.1	3	2.5	4	1.4
Estudante	62	77.5	2	2.1	--	--	64	21.8
Doméstica	--	--	8	8.4	18	15.1	26	8.8
Reformado								
Sim	--	--	2	2.0	105	80.8	107	35.7
Não	80	100.0	96	98.0	25	19.2	201	65.3
Responsabilidades profissionais por outros								
Sim	18	24.7	44	46.8	57	44.9	119	40.5
Não	55	75.3	50	53.2	70	55.1	175	56.8

3.3. Características psicométricas da versão portuguesa da 3D-WS

3.3.1. Sensibilidade dos resultados

No sentido de avaliar a sensibilidade dos resultados, procedeu-se à análise da distribuição das frequências de resposta aos itens da 3D-WS (Tabela 6). Esta análise demonstrou que todas as categorias de resposta estavam representadas em todos os itens da 3D-WS, com a exceção do item B5 ('Tento sempre ter em conta todos os lados de um problema'), em que a categoria de resposta ('Totalmente verdadeiro') não foi assinalada por nenhum participante. Por conseguinte, este item, em conformidade com as recomendações de Kline (2010), foi eliminado nas análises subsequentes, uma vez que, ao contrário do que verificado com os restantes itens, não demonstrou sensibilidade na distinção dos participantes.

Tabela 6

Análise das frequências de resposta aos itens da 3D-WS

Itens	Escala de resposta				
	1	2	3	4	5
A1	9	83	78	92	46
A2	87	133	58	23	7
A3	14	83	29	129	53
A4	49	93	58	71	37
A5	12	61	60	133	42
A6	28	93	70	87	30
A7	13	35	32	145	83
A8	40	122	52	78	16
A9	21	90	44	117	36
A10	10	53	86	133	26
A11	8	30	47	102	121
A12	13	95	64	106	30
A13	18	102	79	93	16
A14	13	28	32	149	86
A15	15	61	52	131	49
B1	1	17	56	153	80
B2	1	10	39	175	82
B3	7	38	94	132	35
B4	25	66	93	78	46
B5	0	15	44	168	80
B6	3	15	71	148	69
B7	33	126	75	56	18
B8	35	64	65	96	48
B9	2	24	23	105	154

B10	26	70	97	78	37
B11	40	118	73	64	13
B12	5	21	57	130	95
B13	26	80	78	103	21
B14	23	65	64	107	49
B15	18	32	78	140	40
B16	4	53	82	114	55
B17	6	21	57	139	85
B18	12	27	44	126	99
B19	17	75	84	96	36
B20	5	46	57	128	72
B21	41	117	63	69	18
B22	17	40	73	96	82
B23	15	50	78	107	58
B24	25	84	81	95	23

Por sua vez, a tabela 7 apresenta a análise descritiva da versão portuguesa da 3D-WS, sendo apresentados os valores obtidos na média e desvio padrão, para a amostra total, dos itens que compõem o instrumento. Salienta-se que os itens B1, B2, B3, B5 e B6 apresentam valores de desvio-padrão elevados (valores entre 5.92 e 8.31), o que sugere que estas categorias não evidenciam uma distribuição normal, demonstrando uma assimetria negativa.

3.3.2. Validade de constructo

Na presente versão portuguesa, foi testado o modelo de três factores proposto pela versão americana da 3D-WS. Os indicadores da qualidade do ajustamento demonstraram que este modelo apresentava um desadequado ajustamento aos dados, $\chi^2(626) = 2591.5$, $p < .001$, TLI = .35, CFI = .39, RMSEA = .10. Como apresentado na Tabela 8, as saturações dos itens nos factores correspondentes variaram entre .18 e .65 na dimensão cognitiva, entre .09 e .70 na dimensão reflexiva e entre .08 e .53 na dimensão afectiva. Por seu lado, as correlações entre os três factores foram significativas ($p < .001$), mais especificamente de .67 entre a dimensão cognitiva e reflexiva, .80 entre a dimensão cognitiva e afectiva e .67 entre a dimensão reflexiva e afectiva.

Tabela 7

Estatísticas descritivas obtidas na versão portuguesa 3D-WS.

	Média	Desvio-Padrão
A1	3.27	1.10
A2	2.12	.98
A3	3.40	1.18
A4	2.85	1.27
A5	3.43	1.07
A6	2.99	1.15
A7	3.81	1.09
A8	2.70	1.13
A9	3.18	1.17
A10	3.36	.97
A11	3.96	1.08
A12	3.14	1.09
A13	2.96	1.03
A14	3.87	1.05
A15	3.44	1.12
B1	3.62	5.92
B2	3.73	5.92
B3	2.82	8.30
B4	3.17	1.17
B5	3.68	5.92
B6	3.20	8.31
B7	2.68	1.07
B8	3.19	1.25
B9	4.25	.94
B10	3.10	1.13
B11	2.65	1.07
B12	3.94	.95
B13	3.04	1.09
B14	3.30	1.18
B15	3.49	1.03
B16	3.53	1.01
B17	3.90	.95
B18	3.88	1.07
B19	3.19	1.10
B20	3.70	1.03
B21	2.70	1.13
B22	3.61	1.17
B23	3.46	1.12
B24	3.02	1.10

Tabela 8

Saturações dos itens da AFC.

Item	Cognitiva	Factor Reflexiva	Afectiva
A1	.18		
A5	.35		
A13	.35		
B19	.38		
B16	.39		
A11	.40		
B7	.42		
B13	.45		
A7	.47		
B10	.47		
B23	.48		
A15	.56		
A3	.65		
A9	.65		
B20		.04 [†]	
B3		.12	
B1		.16	
B17		.27	
A6		.35	
B24		.42	
B11		.52	
A10		.55	
B22		.59	
B14		.66	
B8		.70	
B6			.00 [†]
A2			.08 [†]
A12			.08 [†]
B2			.15
A4			.25
B12			.33
A8			.37
A14			.39
B4			.39
B21			.41
B9			.43
B15			.45
B18			.53

Nota. AFC conduzida com 38 itens, uma vez que o item B5 foi eliminado por demonstrar baixa sensibilidade.

[†] *n.s.* Todos os itens $p < .001$.

O ‘fraco’ ajustamento dos dados traduz que o modelo testado não é apropriado para explicar a matriz correlacional dos itens nesta amostra (Marôco, 2010). Por conseguinte, atendendo ao desajustamento da estrutura factorial aos dados, procedeu-se à respecificação do modelo factorial. Para o efeito, procedeu-se, primeiramente, à eliminação dos itens, cuja saturação foi inferior a .30 (Kline, 2010), a fim de reavaliar a qualidade do ajustamento do modelo. Nesse sentido, foram eliminados os seguintes itens: um item na dimensão cognitiva, quatro itens da dimensão reflexiva e cinco itens da dimensão afectiva (Tabela 8). Apesar da eliminação destes dez itens, o modelo factorial revelou níveis desadequados de ajustamento, $\chi^2(296) = 657.8, p < .001, TLI = .75, CFI = .77, RMSEA = .06$

Posteriormente, procedeu-se à análise dos índices de modificação (IM) desta última estrutura factorial testada. Os IM “estimam a redução (conservadora) da estatística χ^2 do modelo, se um parâmetro fixo ou uma restrição de igualdade entre parâmetros for libertado; se erros de medida forem correlacionados [...] depois de considerada a restimação do modelo e a variação dos graus de liberdade associada” (Marôco, 2010, p. 55).

No entanto, a literatura sustenta que a modificação de um modelo tendo por base as alterações estimadas pelos IM deve ser conduzida apenas quando existir uma forte sustentação teórica para estas modificações (Byrne, 2001; Kline 2010). A introdução de trajectórias e correlações entre erros no modelo deve considerar a interpretabilidade dessas novas adições (Arbuckle, 2008; Marôco, 2010). Mais concretamente, tal como defende Marôco (2010, p. 55) “a adição de uma nova trajectória ou correlação entre erros pode melhorar consideravelmente o ajustamento mas, sem uma explicação sensata ou teoricamente defensável, o ganho substantivo associado ao novo modelo é, no mínimo, dúbio”. Esta adição de novas trajectórias (i.e., associar um item de uma dimensão na versão original a outra dimensão no modelo factorial testado) ou de correlação entre erros parece ser particularmente crítica no teste confirmatório de soluções factoriais de instrumentos.

A proposta de uma nova trajectória entre o item e outra dimensão se, do ponto de vista estatístico, pode melhorar a qualidade do ajustamento, do ponto de vista

metodológico-conceptual pode ser problemático, uma vez que significa que o item satura no actual modelo factorial numa dimensão diferente daquela para qual foi originalmente desenvolvido (i.e., o item pode não estar a medir a dimensão para o qual foi desenhado e incorporado na escala) ou, por outro lado, co-satura numa outra dimensão de tal forma significativa que a adição desta nova trajectória permitiria reduzir a estatística de χ^2 e melhorar o ajustamento do modelo. Por consequência, a estimação de novas trajectórias entre itens e outras dimensões pode significar que o item não está a medir com rigor o que seria teoricamente esperado que medisse (Field, 2009). Neste sentido, procedeu-se a uma análise cuidada das propostas de adição de trajectórias entre itens e outras dimensões latentes fornecidas pelos IM. Consequentemente, procedeu-se à eliminação dos itens cuja adição de uma nova trajectória a outra dimensão latente foi estimada pelos IM como forma de melhorar o ajustamento do modelo.

Assim, foram eliminados nove itens (A5; A6; A11; A13; B12; B13; B16; B19; B24), sendo, de seguida, avaliada a qualidade do ajustamento deste novo modelo factorial. Os índices de qualidade do modelo revelaram um bom ajustamento do modelo aos dados χ^2 , CFI = .93, TLI = .91, RMSEA = .04. Na Figura 1 apresenta-se a organização final dos itens por dimensões, a saturação dos itens e a intercorrelação entre as dimensões cognitiva, reflexiva e afectiva. As análises subsequentes de fiabilidade e validade convergente foram baseadas nesta solução factorial que passará a ser designada por 3D-WS-19.

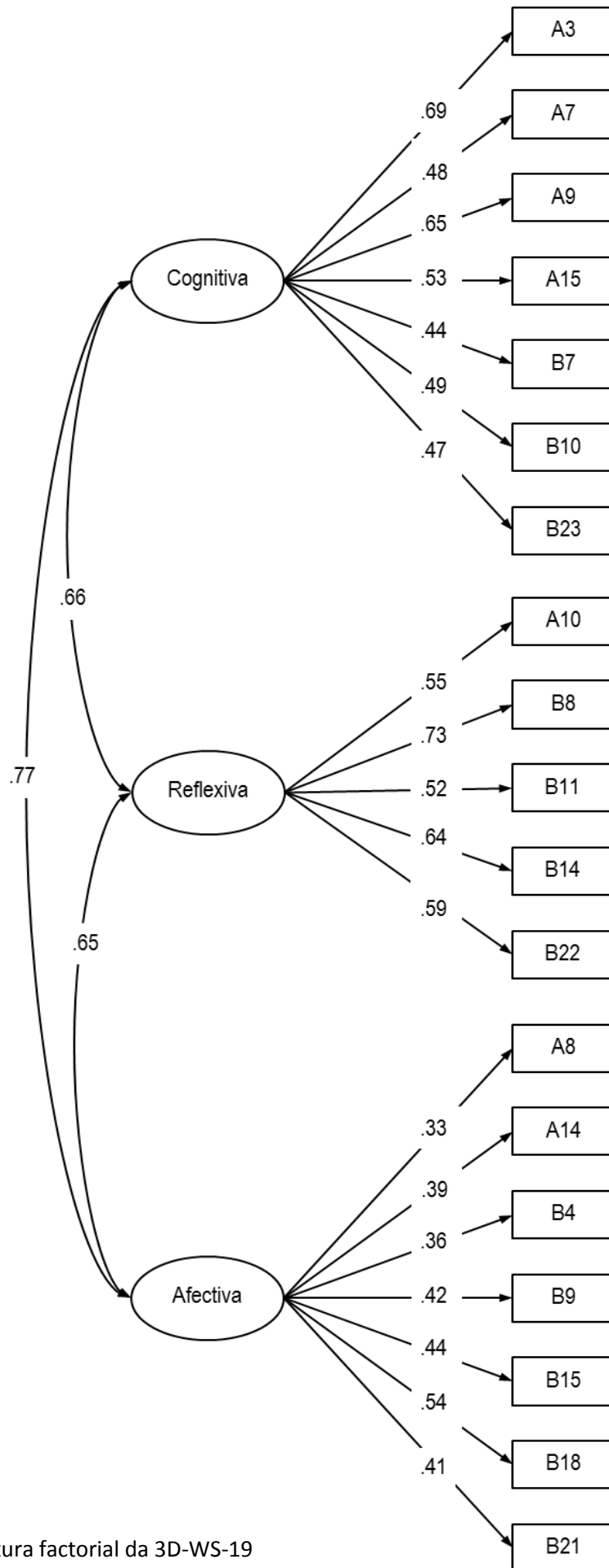


Figura 1. Estrutura factorial da 3D-WS-19

3.3.3. Fiabilidade da 3D-WS-19

A consistência interna da versão portuguesa da 3D-WS-19, avaliada através do *alfa de Cronbach*, demonstrou valores de .73, .74 e .60 para as subescalas cognitiva, reflexiva e afectiva, respectivamente (Tabela 9). No que diz respeito ao total de 3D-WS-19, o *alfa de Cronbach* foi de .83. Na Tabela 10, encontram-se representados os valores de consistência interna da versão original norte-americana e os valores encontrados no presente estudo. Assim sendo, é possível verificar que os valores da versão portuguesa (3D-WS-19) se aproximam da versão original, à excepção da Subescala Afectiva cujo alfa é um pouco mais baixo mas, ainda assim, considerado aceitável (Almeida & Freire, 2003).

Nesta linha, o mesmo coeficiente foi calculado em função da retirada de cada um dos itens de cada escala. Foi também calculado o valor da correlação de cada item com o total da sua respectiva subescala, concluindo-se portanto que todos os itens se encontram correlacionados com o total.

Tabela 9

Valores de consistência interna das Subescalas Cognitiva, Reflexiva e Afectiva da 3D-WS na versão original e da 3D-WS-19 na versão portuguesa

Escalas	<i>alfa de Cronbach</i> (versão original)		<i>alfa de Cronbach</i> (versão portuguesa)
	Teste	re-teste	
Subescala Cognitiva	.78	.85	.73
Subescala Reflexiva	.75	.71	.74
Subescala Afectiva	.74	.72	.60
3D-WS-19	--	--	.83

Tabela 10

Numeração dos itens da 3D-WS e na 3D-WS-19, correlações dos itens das subescalas e alfa de Cronbach das subescalas com a retirada de cada item da 3D-WS-19

Subescalas	Itens – versão original	Itens – itens versão portuguesa 3D-WS-19	Correlação do item com o total	<i>Alfa da subescala com a retirada do item</i>
Cognitiva	A3	A1	.56	.66
	A7	A2	.40	.78
	A9	A4	.56	.66
	A15	A7	.41	.70
	B7	B2	.37	.71
	B10	B5	.38	.71
	B23	B12	.39	.71

	A10	A5	.44	.72
	B8	B3	.62	.65
Reflexiva	B11	B6	.45	.71
	B14	B7	.53	.69
	B22	B11	.48	.70
	A8	A3	.31	.56
	A14	A6	.33	.55
	B4	B1	.34	.55
Afectiva	B9	B4	.28	.57
	B15	B8	.32	.56
	B18	B9	.37	.54
	B21	B10	.24	.59

3.3.4. Validade convergente

Em relação à validade convergente, foi calculada a correlação de Pearson entre as subescalas e total da 3D-WS-19 e as subescalas de Crescimento Pessoal e Propósito/objectivos de Vida da Escala de Bem-Psicológico (SPWB-18 items; Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo et al., 1997). Tal como hipotetizado, foram encontradas correlações positivas, significativas e moderadas entre as subescalas e o total 3D-WS-19 e a subescala de Propósito/Objectivos de Vida da SPWB-18 items e entre subescalas e o total 3D-WS-19 e a subescala de Crescimento Pessoal da SPWB-18 items (Tabela 11).

Tabela 11

Descrição das Escalas de medida e respectivas correlações

	M	DP	Amplitude	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. 3D-WS-19 Subescala Cognitiva	23.09	4.88	11 - 35	--					
2. 3D-WS-19 Subescala Reflexiva	16.11	3.98	5 - 25	.508	--				
3. 3D-WS-19 Subescala Afectiva	21.37	3.59	10 - 29	.509	.445	--			
4. 3D-WS-19 total	60.58	10.16	35 - 85	.861	.795	.774	--		
5. SPWB-18 items Subescala crescimento pessoal	14.41	2.53	5 - 18	.389	.506	.445	.543	--	
6. SPWB-18 items Subescala propósito/objectivos de vida	13.99	3.06	4 - 18	.349	.447	.441	.489	.636	--

Nota. $r \geq .16 p < .001$

$r \leq .15 p > n.s.$

DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO

DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO

Embora no capítulo anterior tenham sido introduzidos alguns comentários aos resultados obtidos, este ponto foi especialmente reservado para a sua discussão mais detalhada. Neste espaço de discussão, surge portanto o momento de sistematizar as principais contribuições desta dissertação, verificando se os objectivos propostos foram alcançados.

Considerando as diversas posições epistemológicas que foram desenvolvidas no estudo da sabedoria e a que demos destaque na revisão da literatura, retoma-se neste momento a procura de Ardelt por um conceito representativo da força dos adultos mais velhos e, muito particularmente, da sua satisfação com a vida apesar de circunstâncias adversas. Tendo a autora concluído que a chave para o bem-estar subjectivo na velhice poderia residir na sabedoria (Ardelt, 2005 como citado em Sternberg & Jordan, 2005) e tendo-se baseado nos trabalhos de Clayton e Birren (1980), mantém a sua operacionalização de sabedoria enquanto integração de qualidades da personalidade cognitivas, reflexivas e afectivas (e.g., Ardelt, 2003) até à data. A autora defende que a sabedoria abrange a pessoa na sua totalidade não podendo existir independentemente do indivíduo, ou seja, não pode ser limitada ao domínio intelectual ou cognitivo pois implica o ser humano como um todo. Nesta linha de pensamento, a sabedoria é definida no seu modelo como uma variável latente passível de ser avaliada por uma medida estandardizada (Benedikovicová & Ardelt, 2008).

No seu modelo, Ardelt (2003, 2004a) refere que a dimensão cognitiva inclui a capacidade para compreender a vida e o mais profundo significado dos acontecimentos, especialmente do ponto de vista intra e interpessoal. Implica a consciência dos aspectos positivos e negativos do ser humano, dos limites do conhecimento e ainda da imprevisibilidade e incerteza da própria vida. No entanto, esta capacidade para compreender os fenómenos com a necessária profundidade implica olhá-los de diferentes perspectivas e, para isso, a dimensão reflexiva é fundamental. De facto, esta dimensão é apresentada pela autora como um pré-requisito para o seu modelo. Exige introspecção e autoconhecimento resultando portanto num maior discernimento e numa diminuição da subjectividade, projecção e auto-centração. Por sua vez, a diminuição da

auto-centração e a maior compreensão dos aspectos positivos e negativos da natureza humana irão, provavelmente, aumentar a compaixão para com os outros – característica da dimensão afectiva. Nesta linha, pode entender-se que a componente reflexiva é essencial neste modelo pois estimula o desenvolvimento dos restantes elementos da sabedoria (Ardelt, 2000).

Nesta linha, e apesar do paradigma dominante no âmbito da investigação em sabedoria estar associado ao trabalho conduzido por Baltes e colaboradores (e.g. Baltes & Staudinger, 2000; Baltes & Smith, 2008) no *Max Planck Institute* em Berlim, surgiram recentemente duas escalas de medida de sabedoria que enfatizam qualidades da personalidade dos indivíduos sábios, ao invés da sofisticação cognitiva de decisões artificiais baseadas em dilemas hipotéticos. Uma destas medidas é, precisamente, a 3D-WS, composta por 39 itens seleccionados a partir de 20 medidas previamente existentes – cujo objectivo não era medir sabedoria – aos quais foram posteriormente acrescentados novos itens com a finalidade de avaliar este constructo.

Como já foi referido, a AFC realizada por Ardel (2003) evidenciou uma solução factorial assente em três dimensões – dimensão cognitiva, reflexiva e afectiva compostas por 14, 12 e 13 itens, respectivamente. O *score* médio para cada uma das dimensões é calculado, sendo que a média destas três dimensões representa o *score* de sabedoria do participante. Os resultados demonstraram correlações positivas entre a sabedoria e sentido de mestria, bem-estar geral e propósito de vida e correlações negativas com sintomas depressivos, sentimento de pressão económica, evitamento e medo da morte (Ardelt, 2003).

Analisando agora o comportamento psicométrico da 3D-WS no presente estudo, e após ter sido testada a sensibilidade dos itens da 3D-WS e verificado que, na distribuição das frequências de resposta, apenas a categoria de resposta (‘Totalmente verdadeiro’) do item B5 (‘Tento sempre ter em conta todos os lados de um problema’) não foi assinalada por nenhum participante, optou-se por eliminar o mesmo das análises seguintes (Field, 2009). Apesar do trabalho rigoroso de tradução e adaptação da escala, uma das razões mais plausíveis da não sensibilidade do item B5 pode ser o facto de ser desajustado da compreensão da população em estudo. Nesta linha, e no sentido da clarificação dos itens,

sugere-se o recurso a outros procedimentos, tais como a reflexão falada dos itens em pequeno grupo (Almeida & Freire, 2003).

O passo seguinte deste estudo consistiu na análise da estrutura factorial da escala através do modelo de três factores proposto pela versão americana da 3D-WS. Numa primeira fase, os indicadores da qualidade do ajustamento demonstraram que este modelo apresentava um desadequado ajustamento aos dados. Consequentemente, procedeu-se à respecificação do modelo factorial pela eliminação dos itens cuja saturação foi inferior a .30 (um item na dimensão cognitiva, quatro itens da dimensão reflexiva e cinco itens da dimensão afectiva; Kline, 2010). Todavia, o modelo factorial revelou ainda níveis desadequados de ajustamento, pelo que se procedeu à análise dos índices de modificação (IM). Após uma observação atenta das propostas de adição de trajectórias entre itens e outras dimensões latentes fornecidas pelos IM, foi metodologicamente decidido eliminar os itens cuja adição de uma nova trajectória a outra dimensão latente foi estimada pelos IM como forma de melhorar o ajustamento do modelo. Os índices de qualidade do novo modelo factorial revelaram um bom ajustamento do modelo aos dados, resultando desta solução factorial a 3D-WS-19.

Por conseguinte, as saturações dos itens em cada um dos três factores da 3D-WS-19 mostraram-se adequadas. Por seu lado, as correlações entre os três factores foram significativas, mais especificamente de .66 entre a dimensão cognitiva e reflexiva, .77 entre a dimensão cognitiva e afectiva e .65 entre a dimensão reflexiva e afectiva. Tendo em conta estas elevadas inter-correlações entre os factores, considera-se que investigação futura deverá testar modelos factoriais alternativos, uma vez que tais valores podem indiciar um constructo uni-dimensional ou a existência de factores latentes de segunda ordem (Kline, 2010; Lamela et al., in press).

No que diz respeito à fiabilidade, os valores de *alfa de Cronbach* obtidos para as subescalas e total da 3D-WS-19 foram adequados, aproximando-se globalmente dos valores de consistência interna encontrados na versão americana (Ardelt, 2003). Todavia, deve referir-se que o valor de consistência interna da subescala afectiva é um pouco mais baixo mas, ainda assim, considerado aceitável (Almeida & Freire, 2003). Na mesma linha, os valores da correlação de cada item com o total da sua respectiva subescala

demonstraram que a solução factorial é parcimoniosa, dado que globalmente, os níveis de consistência interna das subescalas não aumentariam com a eliminação de itens individuais, com a excepção do item A7 da subescala cognitiva que, com a sua eliminação, o *alpha de Cronbach* seria de .78. No entanto, foi decidida a manutenção do item na subescala por razões teóricas. Assim sendo, as análises demonstram que a 3D-WS-19 é uma medida válida e fiável da variável latente sabedoria.

Em relação à validade convergente, verificaram-se, tal como esperado, correlações positivas, significativas e moderadas entre as subescalas, o total da 3D-WS-19 e a subescala de Propósito/Objectivos de Vida da SPWB-18 items e entre as subescalas, o total 3D-WS-19 e a subescala de Crescimento Pessoal da SPWB-18 items. Estes resultados são compatíveis com os obtidos por Ardel (2011) na medida em que as três subescalas da 3D-WS e a escala total estavam positivamente correlacionadas com todas as subescalas da SPWB (Ryff, 1989), variando os valores entre .25 e .52. Curiosamente, as correlações entre a 3D-WS-19, o Crescimento Pessoal e Propósito/Objectivos de Vida da SPWB-18 items são maiores do que as correlações entre as três dimensões de sabedoria e respectivas subescalas, o que sugere que características cognitivas, reflexivas e afectivas de personalidade tendem a resultar em associações mais fortes com estes factores do que com qualquer uma das dimensões de sabedoria individualmente.

Considerando os resultados obtidos com a versão portuguesa da 3D-WS, as características psicométricas obtidas sugerem que esta versão reduzida, a 3D-WS-19, permite avaliar o construto para a qual foi contruída. De salientar no entanto que a 3D-WS já tinha sido utilizada numa amostra portuguesa por Alves (2011), muito embora a estrutura factorial original não tenha sido confirmada. Mais especificamente, na análise psicométrica do instrumento e, após várias tentativas de soluções factoriais, os resultados obtidos não permitiram encontrar uma estrutura factorial consistente, concluindo portanto uma desadequação da escala para a população portuguesa.

Na mesma linha, Taylor e colaboradores (2011), num estudo com população australiana, verificaram que a 3D-WS não reproduzia a estrutura factorial hipotetizada por Ardel (2003), sendo que muitos dos itens originais saturavam em outro factor e 15

dos 39 itens (38.4%) não saturavam em nenhum dos três factores. Para além disso, a associação positiva com uma medida de desejabilidade social (BIRD, Paulhus, 1984) sugere que alguns dos itens da 3D-WS podem sofrer de algum viés nas respostas. De facto, e ao contrário de outros instrumentos de medida do mesmo construto (e.g. *Self-Assessed Wisdom Scale, SAWS*; Webster, 2003) a 3D-WS não foi inicialmente construída utilizando técnicas analíticas factoriais.

De uma forma geral, medir a sabedoria através de questionários auto-administrados não é uma tarefa fácil e muito menos consensual. Todavia, a 3D-WS foi utilizada de forma bem-sucedida com amostras americanas de adolescentes (Bailey & Russell, 2008) e jovens adultos de diferentes condições socioculturais (Ardelt, 2010; Benedikovicová & Ardel, 2008; Ferrari, Kahn, Benayon & Nero, 2011).

Após a análise e adaptação da estrutura factorial da 3D-WS para a população adulta portuguesa da qual resultou a 3D-WS-19, uma medida válida e fiável, é adequado agora reflectir sobre o constructo que lhe está subjacente, bem como a constituição/organização do próprio instrumento de medida.

No âmbito da sabedoria pessoal e, muito particularmente, das abordagens que a entendem como uma característica da personalidade ou como um padrão de características de personalidade, a teoria e operacionalização do modelo de Ardel (2003) coloca, logo à partida, várias e distintas questões. Antes de mais e assumindo que a sabedoria representa, neste domínio, a capacidade de olhar e compreender profundamente a própria vida e os próprios problemas, e não tanto a vida e os problemas dos outros, é fundamental perceber se a sabedoria diz respeito a qualidades da personalidade, se é uma característica da personalidade, se é um conjunto de características, se é uma consequência e/ou se está correlacionada de alguma forma com outras características da personalidade.

A autora apresenta as dimensões cognitiva, reflexiva e afectiva como qualidades da personalidade, todavia, a forma como as dimensões são definidas, operacionalizadas e inter-relacionadas coloca algumas dúvidas. A autora refere também que a dimensão reflexiva é um pré-requisito para o desenvolvimento da dimensão cognitiva, potenciando

simultaneamente a dimensão afectiva. Consequentemente, se olharmos para a forma como a autora define as referidas dimensões, é claro que as mesmas não se assemelham a qualidades da personalidade, mas sim a aspectos correlacionados com características da personalidade. Se se pensar na Teoria da personalidade dos '*Big Five*' (Costa & McCrae, 1992) verifica-se que o traço de personalidade 'abertura à experiência' tem sido continuamente identificado como um importante aspecto correlacionado com a maturidade da personalidade, indexado por constructos tais como os níveis do desenvolvimento do ego, o crescimento pessoal, o propósito de vida e a sabedoria (Compton, Smith, Cornish & Qualls, 1996; Mickler & Staudinger, 2008; Schmutte & Ryff, 1997; Staudinger et al., 1997, como citado em Mühlig-Versen, Bowen & Staudinger, 2012).

A sabedoria é considerada uma marca de maturidade psicológica e o cume do desenvolvimento humano, evoluindo de uma forma dinâmica e dialética à medida que as experiências de vida e as suas avaliações tomam rumos cada vez mais satisfatórios (Taylor et al., 2011). Consequentemente, se a sabedoria pessoal descreve uma personalidade madura, considera-se que o auge do crescimento da personalidade (e.g., Erikson, 1982; Helson & Wink, 1987; Helson & Srivastava, 2001) tem o crescimento pessoal como indicador subjectivo dos esforços individuais de crescimento com fim de atingir uma personalidade madura (Ryff, 1989).

Mais especificamente, o crescimento da personalidade ou maturidade implica mudanças no sistema de personalidade (ao nível da cognição, emoção e motivação) que visam a transcendência de determinadas circunstâncias (dentro de si mesmo, dos outros e da sociedade) para a realização do bem comum, para si e para os outros (Staudinger & Kessler, 2009; Staudinger & Glück, 2011b), sendo que a sua análise pode ser levada a cabo através de critérios subjectivos e objectivos. O aspecto subjectivo do crescimento da personalidade está indexado às experiências individuais e ao grau de esforço em direcção ao crescimento pessoal, pela transcendência de determinadas circunstâncias e esforços no sentido de um bem maior (Staudinger & Bowen, 2010). A dimensão de crescimento pessoal da conceptualização de bem-estar psicológico de Ryff (1989) descreve, tipicamente, o aspecto subjectivo da maturidade psicológica. De um ponto de vista mais

“objectivo”, o crescimento da personalidade pode ser medido pela forma como o indivíduo demonstra sabedoria pessoal. Dito de outro modo, a sabedoria pessoal tem sido operacionalizada pela codificação das respostas dos indivíduos a problemas complexos de acordo com cinco critérios específicos: os dois critérios básicos devem demonstrar um profundo e equilibrado autoconhecimento, bem como o desenvolvimento de estratégias de crescimento e auto-regulação, sendo que os três meta-critérios: inter-relação do *self*, auto-relativismo e tolerância de ambiguidade exigem processos de reflexão mais complexos, sendo por isso mais difíceis de adquirir (Mickler & Staudinger, 2008).

Assim, assume-se que a sabedoria está associada a uma maturidade da personalidade e esta está, por sua vez, relacionada com o conceito de crescimento pessoal (que se refere à intensidade com que um indivíduo procura a maturidade da personalidade; e.g., Ryff, 1989). São assumidas como facetas de um *self* maturo a auto-estima, auto-complexidade, integração e orientação para valores – fundamentais para o crescimento da personalidade. Para esclarecer esta questão, é importante pensar no conceito de maturidade pessoal. Este está associado à abertura à experiência e a indicadores de sabedoria pessoal tais como o crescimento pessoal ou o desenvolvimento do ego. A este acrescenta-se ainda o conceito de maturidade social, definido por medidas de adaptação tais como a satisfação com a vida, a mestria ambiental ou relações sociais positivas (Staudinger et al., 2005).

Nesta linha de pensamento e tal como referido anteriormente, as correlações entre a 3D-WS-19 e o Crescimento Pessoal da SPWB-18 items (Ryff & Keyes, 1995; versão portuguesa de Novo et al., 1997) são maiores do que as correlações entre as três dimensões de sabedoria e respectivas subescalas, o que sugere que características de personalidade cognitivas, reflexivas e afectivas tendem a resultar em associações mais fortes com este factor do que com qualquer uma das dimensões de sabedoria individualmente. De facto e, de acordo com Staudinger, Dörner e Mickler (2005), há razões para assumir que é na relação dinâmica que se estabelece entre conhecimento pessoal e conhecimento geral e julgamento/bom senso acerca da vida que reside a essência e o potencial para o desenvolvimento da sabedoria. Mais afirmam, com base nas

pesquisas sobre auto-regulação (e.g., Carver & Scheier, 1989; Karoly, 1993) e processos terapêuticos, que é significativamente mais difícil compreender a própria vida do que as dificuldades e problemas dos demais e que as pessoas que desenvolvem a sabedoria pessoal não têm capacidade e/ou motivação para pensar nos problemas para além das suas circunstâncias específicas ou mesmo aconselhar.

Se tomarmos em consideração que a 3D-WS demonstra correlações positivas e significativas com a mestria, bem-estar subjectivo, propósito de vida, saúde subjectiva, educação e ocupação (profissional) e, por seu lado, relações negativas com sintomas depressivos, evitamento e medo da morte e sentimentos de pressão económica percebemos claramente a aproximação aos conceitos de maturidade pessoal e social.

Para além disso, parece haver uma incongruência entre a definição do conceito e a sua operacionalização na 3D-WS. Ou seja, Ardelt (2003) dá especial ênfase à dimensão reflexiva aquando da sua definição, apresentando-a como um pré-requisito, no entanto a 3D-WS trata as três dimensões de igual forma. Portanto, se o seu desenvolvimento é, do ponto de vista teórico, fundamental e prioritário, a 3D-WS deveria ser capaz de o evidenciar. Seria expectável que a dimensão reflexiva constituísse um factor de segunda ordem.

Acresce ainda o facto ter sido utilizada uma amostra de conveniência, pelo que a representatividade dos dados e generalização dos resultados podem ser colocadas em causa, no entanto acredita-se que a 3D-WS-19 seja capaz de avaliar de forma válida a população adulta portuguesa, sobretudo numa óptica de rastreio (“*screening*”) das características associadas à sabedoria. Aliás, se a sabedoria representa a capacidade de fazer bons julgamentos em assuntos importantes da vida, assumindo um compromisso genuíno com o bem-estar dos indivíduos e da sociedade como um todo, faz sentido que esta característica seja parte integrante dos responsáveis pelas decisões que guiam o futuro da humanidade, no sentido de trabalharem em conjunto em benefício das gerações seguintes. Dito de outro modo, parece-nos razoável, sobretudo num mundo em permanente mudança, ouvir quem mais demonstra ter capacidades e conhecimentos para aconselhar e encaminhar os demais, logo, a utilização da 3D-WS-19 pode revelar-se

útil na identificação e auscultação dos indivíduos com uma experiência de vida significativa que possa contribuir para esclarecer e orientar as restantes gerações.

No entanto, e sabendo que as respostas às medidas de auto-relato pelo próprio indivíduo podem conter uma variância de respostas que não representa as suas emoções, pensamentos e comportamentos genuínos, antes as suas auto-percepções, o preenchimento do protocolo de investigação pelos participantes pode sofrer de alguns vieses. Dito de outro modo, instrumentos de auto-preenchimento tendem a reflectir um somatório de avaliações do indivíduo acerca dos seus comportamentos actuais, crenças e valores acerca de si próprio (Lindquist & Barrett, 2008), logo, os resultados obtidos poderão conter algum viés resultante de processos de memória, que são selectivos e idiossincráticos. Acresce ainda o facto de uma parte da amostra (4.4%) ter preenchido o protocolo em formato de hetero-administração uma vez que não sabiam ou tinham dificuldades de leitura e/ou escrita, o que poderá ter tido implicações na compreensão dos itens das escalas de medida pelos participantes.

Para além disso, outras questões se colocam quando se pensa nas limitações a este projecto de investigação. Desde logo, o carácter transversal deste estudo que não permite avaliar a estabilidade temporal da solução factorial. Adicionalmente, ainda que acreditemos nas potencialidades da 3D-WS-19, quer pelas análises estatísticas realizadas, quer pela sua dimensão (dos 39 itens originais apenas se mantiveram 19 itens, os considerados mais robustos para a medida da sabedoria), considera-se pertinente que futuras investigações contemplem, por isso, a utilização de *designs* longitudinais em que a história desenvolvimental do sujeito seja tida em conta, permitindo deste modo a realização de análises estatísticas de cariz preditivo mais robustas.

Nesta fase do processo de investigação, mantendo a ideia inicial de que a medição da sabedoria constitui um grande desafio, quer pela complexidade do constructo, quer pelo facto de a sabedoria ser uma característica rara, quer ainda pelos instrumentos/técnicas de avaliação utilizadas, não é possível deixar de recomendar outras trajectórias, outras metodologias de investigação e, à semelhança do que vem sendo indicado por outros investigadores, a utilização de outros desenhos metodológicos. Isto porque se tratando de um constructo complexo para o qual é fundamental a

experiência e história de vida dos indivíduos, faz todo o sentido utilizar desenhos de investigação que acompanhem a(s) mesma(s) coorte(s) ao longo de um período significativo de tempo.

Acresce ainda a dificuldade em medir sabedoria apenas com um instrumento de auto-administração pois para além da subjectividade inerente às respostas dadas pelos participantes, sabemos igualmente que a sabedoria se manifesta em comportamentos não-verbais e sociais e que a investigação associada à intervenção demonstra claramente que as pessoas possuem muito mais sabedoria do que aquilo que é possível avaliar com os procedimentos de investigação utilizados (Baltes & Smith, 2008). Consequentemente, a subjectividade, percepção pessoal, auto-julgamento e mesmo a deseabilidade social podem fazer questionar os resultados obtidos. Mais sabemos, e parafraseando Sternberg (2004, p. 287), que “a mesma pessoa ou acto pode ser prudente (*wise*) num dado contexto, e pode ser imprudente (*foolish*) num outro. Por exemplo, gracejar acerca dum líder numa democracia ou numa ditadura”.

Recomenda-se assim a utilização de outras técnicas de avaliação do construto, dado que, para além dos instrumentos de auto-preenchimento (Ardelt, 2003; Webster, 2003), existe ainda a opção do estudo narrativo (Bluck & Gluck, 2005; Gluck, Bluck, Baron & McAdams, 2005) e ainda protocolos com situações dilemáticas acerca de assuntos difíceis da vida, cuja resolução implica o “pensar em voz alta” (Smith & Baltes, 1990; Staudinger & Baltes, 1996; Baltes & Staudinger, 2000; Baltes & Smith, 2008; Staudinger, 2008). Relativamente à análise de correlatos da sabedoria, membros da equipa de Berlim construíram instrumentos de papel e lápis para avaliar relações entre construtos – antecedentes e consequentes da sabedoria (e.g. Kunzman & Baltes, 2003).

Neste sentido, parece ser adequado associar à 3D-WS-19 uma medida de avaliação de sabedoria que se aproxime da utilizada pelo grupo de Berlim, ajustada no entanto aos pressupostos da Sabedoria Pessoal, à semelhança daquilo que é feito por Mickler e Staudinger (2008). Esta medida está adaptada ao conceito de crescimento da personalidade, uma vez que se baseia no pressuposto de que é a dialética entre assimilação e acomodação que promove o crescimento (as nossas expectativas precisam ser continuamente desafiadas por novas experiências, é necessário emancipar o nosso

pensamento e sentimentos, transcender as estruturas com as quais fomos socializados), utilizando como referência o procedimento de “pensar em voz alta” na resolução de um problema existencial complexo.

Nesta linha, e tendo em consideração que não há nenhum outro instrumento validado para a população portuguesa que meça a sabedoria, sugere-se a utilização e análise destes dois instrumentos de medida no sentido de se verificar que constructos estão efectivamente a ser medidos. Isto porque as questões metodológicas são centrais no desenvolvimento de qualquer ciência, nomeadamente no caso da Gerontologia Social devido sobretudo ao viés que pode ser introduzido pelos estudos transversais que comparam coortes distintas – separadas pela história e contextos desenvolvimentais em rápida mudança. Os desenhos transversais dificilmente permitem captar o processo de envelhecimento em toda a sua essência e mostrar nexos de causalidade entre variáveis, sobretudo se a investigação assentar nas Teorias de Desenvolvimento de Ciclo de Vida às quais deveriam essencialmente corresponder estudos longitudinais (Paúl, 2012). De facto, o presente estudo parte dos pressupostos da Teoria Desenvolvimental do Ciclo de Vida (Lerner, 2002; Baltes, Lindenberger & Staudinger, 2006) o que, no entender de Hofer e Piccinin (2010) constitui a perspectiva teórica mais adequada para compreender como e por que razão os indivíduos mudam, quer de forma normativa, quer idiossincrática.

Assim, embora o presente estudo tenha permitido assegurar as qualidades psicométricas da 3D-WS-19 no que diz respeito à sua sensibilidade, validade e fiabilidade, é importante, considerando as altas inter-correlações entre factores encontradas neste estudo e em investigações anteriores, testar outras estruturas factoriais da 3D-WS original. Adicionalmente, partindo dos resultados deste estudo psicométrico, trabalhos futuros com a 3D-WS-19 deverão ter em consideração uma revisão da tradução dos itens seguindo as recomendações acima referidas (reflexão falada dos itens recorrendo a um pequeno grupo enquanto procedimento que promova uma maior sensibilidade dos itens, e, conseqüentemente, eficiência na tradução e adaptação da escala), bem como uma reformulação dos itens que saturaram em mais do que um factor, procurando construir itens mais adequados à realidade cultural e sócio-linguística portuguesa. Acresce ainda a necessidade de se proceder à realização de mais estudos para validar as características

adicionais da versão portuguesa da 3D-WS-19, nomeadamente no que se refere à avaliação da divergente, de conteúdo e preditiva, bem como proceder ao estudo deste instrumento junto de populações com outras características específicas, à semelhança do que já vem sendo executado noutros países (e.g. adolescentes).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Alves, P. (2011). *Sabedoria: Definição, Multidimensionalidade e Avaliação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- American Psychological Association. (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-1073.
- American Psychological Association. (2010). 2010 amendments of the 2002 ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 65, 493.
- Araújo, L. (2010). *Excelência em contextos de realização: na busca da convergência de factores cognitivos, motivacionais e de personalidade*. Tese de Doutoramento em Psicologia, especialização em Psicologia da Educação, apresentada à Universidade do Minho.
- Arbuckle, J. L. (2008). *AMOS 17 User's Guide*. Chicago: SPSS Inc.
- Ardelt, M. (2000). Antecedents and effects of wisdom in old age: a longitudinal perspective on aging well. *Research on aging*, 22(4), 360-394.
- Ardelt, M. (2003). Empirical assessment of a three-dimensional scale. *Research on Aging*, 25, 275-324.
- Ardelt, M. (2004a). Where can wisdom be found? A reply to the commentaries by Baltes and Kunzmann, Stenberg and Achenbaum. *Human Development*, 47, 304-307.
- Ardelt, M. (2004b). Wisdom as expert knowledge system: A critical review of a contemporary operationalization of an ancient concept. *Human Development*, 47(5), 257-285.
- Ardelt, M. (2005). How wise people cope with crises and obstacles in life. *ReVision: A Journal of Consciousness and Transformation*, 28(1), 7-19.
- Ardelt, M. (2008). Being wise at any age. In S. J. Lopez (Ed.), *Positive psychology: Exploring the best in people*. (Volume 1, pp. 81-108). Westport, CT: Praeger.
- Ardelt, M. (2009). How similar are wise men and women? A comparison across two age cohorts. *Research in Human Development*, 6(1) 9-26.
- Ardelt, M. (2010). Are older adults wiser than college students? a comparison of two age cohorts. *Journal of Adult Development*, 17(4), 193-207.
- Ardelt, M. (2011). The measurement of wisdom: A commentary on Taylor, Bates, and Webster's comparison of the SAWS and 3D-WS. *Experimental Aging Research*, 37(2), 241-255.
- Baltes, P. B. & Kunzmann, U. (2004). Two faces of wisdom: Wisdom as a general theory of knowledge and judgment about excellence in mind and virtue vs. wisdom as everyday realization in people and products. *Human Development*, 47, 290-299.

- Baltes, P. B. & Smith, J. (2008). The fascination of wisdom: its nature, ontogeny, and function. *Perspectives on Psychological Science*, 3(1), 56-64.
- Baltes, P. B. & Staudinger, U. M. (2000). A metaheuristic (pragmatic) to orchestrate mind and virtue toward excellence. *American Psychologist*, 55(1), 122-136.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626.
- Baltes, P. B. (2004). *Wisdom as Orchestration of Mind and Virtue*. Berlin: Max Planck Institute for Human Development, Book in preparation.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). *Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences*. New York: Cambridge University Press.
- Baltes, P. B., & Kunzmann, U. (2004). The two faces of wisdom: wisdom as a general theory of knowledge and judgment about excellence in mind and virtue vs. Wisdom as everyday realization in people and products. *Human Development*, 47(5), 290-299.
- Baltes, P. B., Glück, J., & Kunzmann, U. (2002). Wisdom: Its structure and function in regulating successful lifespan development. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 327–347). New York: Oxford University Press.
- Baltes, P. B., Lindenberger, U., & Staudinger, U. M. (2006). Lifespan theory in developmental psychology. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (6th ed.). New York: Wiley.
- Baltes, P. B., Lindenberger, U., & Staudinger, U. M. (2006). Lifespan theory in developmental psychology. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (6th ed., vol. 1, pp. 569-664).
- Baltes, P. B., Staudinger, U. M., Maercker, A. & Smith, J. (1995). People nominated as wise: a comparative study of wisdom-related knowledge. *Psychology and aging*, 10(2), 155-166.
- Barros-Oliveira, J. H (2006). Espiritualidade, sabedoria e sentido da vida nos idosos. *Psychologica*, 42, 133-145.
- Bastos, A., Faria, C. & Moreira, E. (2012). Desenvolvimento e envelhecimento cognitivo: dos ganhos e perdas com a idade à sabedoria. In O. Ribeiro & M. C. Paúl (Eds.), *Manual de Gerontologia* (pp. 107-127). Lidel: Edições técnicas.
- Benedikovicová, J. & Ardelt, M. (2008). The Three Dimensional wisdom Scale in cross-cultural context: A comparison between American and Slovak college students. *Studia Psychologica*, 50(2), 179-190.

- Bergsma, A., & Ardelt, M. (2012). Self-reported wisdom and happiness: An empirical investigation. *Journal of Happiness Studies, 13*(3), 481-499.
- Birren, J., & Svensson, C. (2005). Wisdom in history. In R. J. Stenberg (Ed.), *A handbook of wisdom* (pp. 3-31). New York: Cambridge University Press.
- Birren, J.E. & Fisher, L.M. (1990). The elements of wisdom: Overview and integration. In R. J. Sternberg (Ed.), *Wisdom: Its nature, origins and development*. New York: Cambridge University Press.
- Bluck, S. & Gluck, J. (2004). Making things better and learning a lesson: experiencing wisdom across the lifespan. *Journal of Personality, 72*(3), 543-572.
- Bluck, S., & Glück, J. (2005). From the inside out. People's implicit theories of wisdom. In R. Stenberg (Ed.), *A handbook of wisdom* (pp. 84-109). New York: Cambridge University Press.
- Brown, S. C. & Greene, J. A. (2006). The Wisdom Development Scale: Translating the Conceptual to the Concrete. *Journal of College Student Development, 47*(1), 1-19.
- Brown, S. C. & Greene, J. A. (2009). The wisdom development scale: further validity investigations. *Aging and human development, 68*(4), 289-320.
- Brugman, G.M. (2006.) Wisdom in aging. In J. E. Birren, & K. W. Schaie, K. (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (pp. 445-476). Burlington: Academic Press.
- Byrne, M. M. (2001). Evaluating the findings of qualitative research. *AORN Journal, 73*(3), 703-706.
- Clayton, V.P. & Birren, J.E. (1980). The development of wisdom across the life-span: A re-examination of an ancient topic. *Life-Span Development and Behavior, 3*, 103-135.
- Coleman, P. G. & O'Hanlon, A. (2004). *Ageing and development: theories and research*. Textbook. London: Hodder Arnold.
- Costa, P. T. Jr. and McCrae, R. R. (1992). *The Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) Professional Manual*. Psychological Assessment Resources, Odessa, FL.
- Creswell, J. W. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. (2nd ed.)* Thousand Oaks: Sage.
- Csikszentmihalyi, M., & Nakamura (2005). The role of emotions in the development of wisdom. In R. Stenberg (Ed.), *A handbook of wisdom* (pp. 220-242). New York: Cambridge University Press.

- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Dörner, J. & Staudinger, U. M. (2010). *Self-concept maturity: A new measure of personality growth: validation, age effects, and first processual explorations*. Bremen, Germany: International University Bremen University.
- Erikson, E. (1959). *Identity and the Life Cycle*. New York: Int. Univ. Press.
- Erikson, E., & Erikson, J. (1997). *The life cycle completed: Extended version*. New York: W. W. Norton & Company.
- Fernandes, H. M. (2007). *O desempenho de sujeitos com baixas habilitações literárias em dilemas que avaliam a sabedoria*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Fernandes, H.M., Vasconcelos-Raposo, J., & Teixeira, C. (2010). Preliminary analysis of the psychometric properties of Ryff's Scales of Psychological Well-Being in Portuguese adolescents. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 1032-1043.
- Fernández-Ballesteros, R. (2004). Gerontologia social: Una introducción. In R. Fernández-Ballesteros (Dir.), *Gerontologia Social* (pp. 31-54). Madrid: Ediciones Pirámide.
- Fernández-Ballesteros, R. (2008). Working, empirical, and lay definitions, and theoretical models. In R. Fernández-Ballesteros, *Active aging: the contribution of Psychology* (pp.29-59). Cambridge: Hogret e Hubert Publishers.
- Ferrari, M., Kahn, A., Benayon, M., & Nero, J. (2011). Phronesis, sophia, and hochma: Developing wisdom in Islam and Judaism. *Research in Human Development*, 8(2), 128–148.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS* (3rd ed.). London: Sage Publications.
- Glück, J., Bluck, S., Baron, J., & McAdams, D. (2005). The wisdom of experience: Autobiographical narratives across adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 29, 197–208
- Gomes, C. H. (1998). *Catão-o-velho ou Da Velhice*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Gonçalves, C. (2010). *Sabedoria e educação: um estudo com adultos da universidade sénior*. Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária apresentada à Universidade de Coimbra, Portugal.
- Gück, J., & Baltes, P. B. (2006). Using the concept of wisdom to enhance the expression of wisdom knowledge: Not the philosopher's dream but differential effects of developmental preparedness. *Psychology and Aging*, 21, 679–690.

- Gudmundsson, E. (2009). Guidelines for translating and adapting psychological instruments. *Nordic Psychologi*, 65(2), 29-45.
- Hambleton, R. K. (1994). The Rise and Fall of Criterion Referenced Measurement? *Educational Measurement: Issues and Practice*, 13, 21–26.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D., (2005). Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment. *Psychometrika*, 72(4), 649-651.
- Heckhausen, J., Dixon, R., & Baltes, P. (1989). Gains and losses in development throughout adulthood as perceived by different adult age groups. *Developmental Psychology*, 25(1), 109-121.
- Helson, R., & Srivastava, S. (2001). Three paths of adult development: conservers, seekers, and achievers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 995-1010.
- Helson, R., & Wink, P. (1987). Two conceptions of maturity examined in the findings of a longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 531-41.
- Hershey, D. A., & Farrell, A. H. (1997). Perceptions of wisdom associated with selected occupations and personality characteristics. *Current Psychology: Developmental, Learning, Personality, Social*, 16, 115–130.
- Hira, F. J., & Faulkender, P. J. (1997). Perceiving wisdom: do age and gender play a part? *International journal of aging and human development*, 44, 85-101.
- Hofer, S.M. & Piccinin, A. M. (2010). Toward an Integrative Science of Lifespan Development and Aging. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 65(3), 269-278.
- Hu, L. T. & Bentler, P. M. (1999). Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55.
- INE (2011). *Destaque: informação à comunicação social*. Resultados Provisórios dos Censos 2011.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2010) *Classificação Portuguesa das Profissões*. Lisboa: Portugal.
- Jason, L. A., Reichler, A., King, C., Madsen, D., Camacho, J., & Marchese, W. (2001). The measurement of wisdom: A preliminary effort. *Journal Of Community Psychology*, 29, 585-598.
- Jesuíno, J. C. (2012). Posfácio: a idade da sabedoria. In C. Paúl & O. Ribeiro (Eds.), *Manual de Gerontologia* (pp. 299-310). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas, Lda.
- Jordan, J. (2005). Wisdom in middle and late adulthood. In R. J. Sternberg & J. Jordan (Eds.), *Handbook of wisdom: Psychological perspectives* (pp. 160-188). New York: Cambridge University Press.

- Karoly, P. (1993). Mechanisms of self-regulation: a systems view. *Annual Review of Psychology*, 44, 23-52.
- Kline, R. (2010). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Knight, A. & Parr, W. (1999). Age as a factor in judgements of wisdom and creativity. *New Zealand Journal of Psychology*, 28, 37–47.
- Kramer, D. A. (1990). Conceptualizing wisdom: the primacy of affect-cognition relations. In R. Sternberg (Ed.), *Wisdom: Its nature, origins and development* (pp. 279- 309). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kunzmann, U., & Baltes, P. B. (2003). Wisdom-related knowledge: Affective, motivational, and interpersonal correlates. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1104–1119.
- Kunzmann, U., & Baltes, P. B. (2005). The psychology of wisdom: Theoretical and empirical challenges. In R. J. Sternberg & J. Jordan (Eds), *A Handbook of Wisdom: psychological perspectives* (pp. 110-135). New York: Cambridge University Press.
- Labouvie-Vief, G. & Medler, M. (2002). Affect optimization and affect complexity as adaptive strategies. *Psychology & Aging*, 17, 571-587.
- Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A. & Martins, H. (in press). Psychometric properties of the Portuguese version of the Posttraumatic Growth Inventory Short Form among divorced adults. *European Journal of Psychological Assessment*.
- Le, T., & Levenson, M. R. (2005). Wisdom: What's love (and culture) got to do with it? *Journal of Research in Personality*, 39, 443–457.
- Lehmann, D. R. (1988). An alternative procedure for assessing convergent and discriminate validity. *Applied Psychological Measurement*, 12(4), 411-423.
- Lerner, R. M. (2002). *Concepts and theories of human development* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Levenson, M. R., Jennings, P. A., Aldwin, C. M. & Shiraishi, R.W. (2005). Self-transcendence: conceptualization and measurement. *International Journal of Aging and Human Development*. 60, 127-43.
- Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento(s)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lindquist, K., A. & Barrett, L. F. (2008). Emotional complexity. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L.F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* (3rd ed.). New York: Guilford.

- Mackenzie, N. & Knipe, S. (2006) *Research dilemmas: Paradigms, methods and methodology*. Issues in Educational Research, Vol. 16, No. 2, pp. 193-205. Retirado de <<http://www.iier.org.au/iier16/mackenzie.html>> a 18 de Novembro de 2011.
- Marchand, H. (1994). *Sabedoria: uma questão milenária, uma questão actual*. Brotéria, 138, 247-266.
- Marchand, H. (2001). Some reflections on post-formal thought. *The Genetic Epistemologist*, 29(3), 2-9.
- Marchand, H. (2005). *A idade da sabedoria. Maturidade e Envelhecimento*. Porto: Âmbar.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. Lisboa: Report Number.
- Max Planck Research (2003). Extending longevity: dignity gain or dignity drain? *Aging Research*, 3, 14-19.
- Mickler, C., & Staudinger, U. M. (2008). Personal wisdom: Validation and age-related differences of a performance measure. *Psychology and Aging*, 23, 787–799.
- Montgomery, A., Barber, C., & McKee, P. (2002). A phenomenological study of wisdom in later life. *International Journal of Aging and Human Development*, 52,139–57.
- Mühlig-Versen, A., Bowen, C. E. & Staudinger, U. M. (2012). Personality plasticity in later adulthood: Contextual and personal resources are needed to increase openness to new experiences. *Psychology and Aging*. Advance online publication.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2002). How to use a monte carlo study to decide on sample size and determine power. *Structural Equation Modeling*, 4, 599-620.
- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida, R. Santiago, P. Silva, L. Oliveira, O. Caetano & J. Marques. (Eds.), *A Acção educativa: análise psicossocial* (pp. 105-117). Leiria: E.S.E.L./APPORT.
- Novo, R. F., Duarte-Silva, M. E., & Peralta, E. (1997). O BEP em adultos: Estudo das características psicométricas da versão portuguesa das escalas de C. Ryff. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida, M. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. V, pp. 313-324). Braga: APPORT.
- Novo, R., Duarte-Silva, M., & Peralta, E. (2004). *Escalas de BEP: Versão reduzida*. Manuscrito não publicado. Lisboa: FPCE-UL.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Orwoll, L., & Perlmutter, M. (1990). The study of wise persons: Integrating a personality perspective. In R. J. Sternberg (Ed.), *Wisdom: Its nature, origins, and development* (pp. 160–177). Cambridge, England: Cambridge University Press.

- Paris, S. G. (2001). Wisdom, snake oil, and the educational marketplace. *Educational Psychologist*, 36(4), 257-260.
- Pasupathi, M., Staudinger, U. M., & Baltes, P. B. (2001). Seeds of wisdom: adolescents' knowledge and judgment about difficult life problems. *Developmental Psychology*, 37(3), 351-361.
- Paúl, C. (2005). A construção de um modelo de envelhecimento humano. In C. Paúl & A. Fonseca (Coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp.21-39). Lisboa: Climepsi.
- Paúl, C. (2012). Tendências actuais e desenvolvimentos futuros da Gerontologia. In C. Paúl & O. Ribeiro (Eds.), *Manual de Gerontologia* (pp.1-20). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas, Lda.
- Paúl, C., & Ribeiro, O. (2012). *Manual de Gerontologia*. Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas, Lda.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with Life Scale. *Psychological Assessment*, 5, 164-172.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). Onhappiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-66.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1069–1081.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719–727.
- Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2006). Best news yet on the six-factor model of well-being. *Social Science Research*, 35,1103-1119.
- Sample, S. B. (2010). The pursuit of wisdom: a modest, but essential, prescription for the future. *Innovative Higher Education*, 35(2), 79-89.
- Seco, G., Casimiro, M., Pereira, M., Dias, M., & Custódio, S. (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: Pontes e alçapões*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Smith, J., & Baltes, P. B. (1990). Wisdom-related knowledge:age/cohort differences in response to life-planning problems. *Developmental Psychology*, 26(3), 494-505.
- Sokol, J. T. (2009) Identity development throughout the lifetime: an examination of Eriksonian theory. *Graduate Journal of Counseling Psychology*, 1(14), 1-11.
- Staudinger, U. M. (1999). Older and wiser? Integrating results on the relationship between age and wisdom-related performance. *International Journal of Behavioral Development*, 23(3), 641-664.
- Staudinger, U. M. (2008). A psychology of wisdom: History and recent developments. *Research in Human Development*, 5(2), 197-120.

- Staudinger, U. M., & Baltes, P. B. (1994). Psychology of wisdom. In R. J. Sternberg (Ed.), *Encyclopedia of intelligence* (Vol. I, pp. 143-152). New York: Macmillan.
- Staudinger, U. M., & Baltes, P. B. (1996). Interactive minds: A facilitative setting for wisdom-related performance? *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*, 746–762
- Staudinger, U. M., & Bowen, C. E. (2010). Lite-span perspectives on positive personality development in adulthood and old age. In R. M. Lerner, M. E. Lamb & A M. Freund (Eds.), *The Handbook of life-span development* (Vol 2, Social and Emotional Development, pp. 254-297. Hoboken, New Jersey: Wiley
- Staudinger, U. M., & Gluck, J. (2011a). Intelligence and Wisdom. In R. J. Stenberg & S. B. Kaufman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Intelligence* (pp. 827-846). Cambridge University Press.
- Staudinger, U. M., & Gluck, J. (2011b). Psychological Wisdom Research: Commonalities and Differences in a Growing Field. *Annual Review of Psychology*, *62*, 215–41.
- Staudinger, U. M., Dorner, J., & Mickler, C. (2005). Wisdom and personality. In U. M. Stenberg & J. Jordan (Eds.), *Handbook of wisdom* (pp. 191-219). New York: Cambridge University Press.
- Staudinger, U. M., Lopez, D., & Baltes, P. B. (1997). The psychometric location of wisdom-related performance: Intelligence, personality, and more? *Personality and Social Psychology Bulletin*, *23*, 1200-1214.
- Staudinger, U. M., Smith, J., & Baltes, P. B. (1992). Wisdom-related knowledge in a life review task: Age differences and the role of professional specialization. *Psychology and Aging*, *7*(2), 271-281.
- Staudinger, U., & Baltes, P. B. (1996). Interactive minds: a facilitate setting for wisdom-related performance? *Journal of Personality and social Psychology*, *71*(4), 746-762.
- Staudinger, U., Marciel, A., Smith, J., & Baltes, P. (1998) what predicts wisdom-related performance? A first look at personality, intelligence, and facilitative experiential contexts. *European Journal of Personality*, *12*, 1-17.
- Stenberg, R. J. (2004). What is wisdom and how can develop it? *The annals of the American Academy of Political and Social Science*, *591*(1), 164-174.
- Stenberg, R. J., & Jordan, J. (2005). *A handbook of Wisdom: psychological perspectives*. New York: Cambridge University Press.
- Sternberg (Ed.), *Wisdom, its nature, origins and development* (pp. 317-332). Cambridge: Cambridge University Press.

- Sternberg, R. (2009). Wisdom. In S. J. Lopez (Ed.), *Encyclopedia of Positive Psychology*, (pp.1037-1044). Blackwell Publishing.
- Sternberg, R. J. (1985). Implicit theories of intelligence, creativity, and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 607–627.
- Sternberg, R. J. (1985). Implicit theories of intelligence, creativity, and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 607-627.
- Sternberg, R. J. (1986). *Intelligence applied understanding and increasing your intellectual skills*. San Diego, C.A.: Hartcourt Brace Jovanovich.
- Sternberg, R. J. (1990). Preface. In R. J. Sternberg (Ed.), *Wisdom: Its nature, origins, and development* (pp. ix–x). Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (1998). A balance theory of wisdom. *A Review of General Psychology*, 2, 347–365.
- Sternberg, R. J. (2000). Intelligence and wisdom. In R.J. Sternberg (Ed.), *Handbook of intelligence* (pp. 629-647). New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (2001). Why schools should teach for wisdom: The balance theory of wisdom in educational settings. *Educational Psychologist*, 36(4), 227-245.
- Sternberg, R. J. (2003). *Wisdom, intelligence, and creativity synthesized*. New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (2005). Older but not wiser? The relationship between age and wisdom. *Ageing International*, 30(1), 5-26.
- Straub, D. W. (1989). Validating instruments in MIS research, *MIS Quarterly*, 13(2), 147-169.
- Takahashi, M., & Overton, W. (2005). Cultural foundations of wisdom: An integrated development approach. In R. Stenberg (ED.), *A handbook of wisdom* (pp. 32-60). New York: Cambridge University Press.
- Taylor, M., Bates, G. & Webster, J. D. (2011). Comparing the psychometric properties of two measures of wisdom: Predicting forgiveness and psychological well-being with the self-assessed wisdom scale (SAWS) and the *Three-Dimensional Wisdom Scale* (3D-WS). *Experimental Aging Research*, 37(2), 129-141.
- Trowbridge, R. H. (2005). *The Scientific Approach of Wisdom*. Dissertação de Doutorado não publicada. Ohio: Union Institute & University Cincinnati. Retirado de <<http://www.wisdompage.com/WisdomResearchers/RichardTrowbridge.html>> a 17 de Janeiro de 2012.
- Vandenplas-Holper, C. (2000). *Desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice (maturidade e sabedoria)*. Tradução Paulo Renato Cardoso de Jesus. Porto: Edições Asa.

- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*, 678–691.
- Webster, J. D. (2003). An exploratory analysis of a self-assessed wisdom scale. *Journal of Adult Development, 10*, 13–22.
- Webster, J. D. (2007). Measuring the character strength of wisdom. *International Journal of Aging and Human Development, 65*, 163–183.
- Webster, J. D. (2009). Wisdom and positive psychosocial values in young adulthood. *Journal of Adult Development, 17*, 70-80.

ANEXOS

ANEXO 1

Versão original e versão portuguesa da 3D-WS, com integração dos itens da versão original nas respectivas dimensões

Anexo 1

Versão original e versão portuguesa da 3D-WS, com integração dos itens da versão original nas respectivas dimensões.

	Dimensão na versão original	Versão original (Inglês)	Versão em Português
A1	Dimensão Cognitiva	In this complicated world of ours, the only way we can know what's going on is to rely on leaders or experts who can be trusted	Neste mundo complicado, a única forma de saber o que realmente se passa é acreditar em líderes ou especialistas de confiança.
A2	Dimensão Afectiva	I am annoyed by unhappy people who just feel sorry for themselves	Fico aborrecido(a) com pessoas infelizes que apenas sabem ter pena de si próprias.
A3	Dimensão Cognitiva	Life is basically the same most of the time	A vida é, basicamente, a mesma coisa a maior parte do tempo.
A4	Dimensão Afectiva	People make too much of the feelings and sensitivity of animals	Há pessoas que tratam os animais como seres humanos e isso é um excesso.
A5	Dimensão Cognitiva	You can classify almost all people as either honest or crooked	É possível classificar quase todas as pessoas como honestas ou desonestas.
A6	Dimensão Reflexiva	I would feel much better if my present circumstances changed	Sentir-me-ia muito melhor se a minha situação actual mudasse.
A7	Dimensão Cognitiva	There is only one right way to do anything	Há apenas uma maneira certa de fazer as coisas.
A8	Dimensão Afectiva	There are some people I know I would never like	Há determinado tipo de pessoas que eu sei que nunca vou gostar.
A9	Dimensão Cognitiva	It is better not to know too much about things that cannot be changed	É melhor não saber demasiado sobre as coisas que não podem ser mudadas.
A10	Dimensão Reflexiva	Things often go wrong for me by no fault of my own	Frequentemente as coisas correm-me mal sem ser por minha culpa.
A11	Dimensão Cognitiva	Ignorance is bliss	Ignorância é felicidade.
A12	Dimensão Afectiva	I can be comfortable with all kinds of people*	Consigo estar à vontade com todos os tipos de pessoas.
A13	Dimensão Cognitiva	A person either knows the answer to a question or he/she doesn't	Uma pessoa sabe, ou não sabe, a resposta para uma determinada questão.
A14	Dimensão Afectiva	It's not really my problem if others are in trouble and need help	Não é problema meu se os outros estão em dificuldades e precisam de ajuda.
A15	Dimensão Cognitiva	People are either good or bad	As pessoas, ou são boas, ou são más.

	Dimensão na versão original	Versão original (Inglês)	Versão em Português
B1	Dimensão Reflexiva	I try to look at everybody's side of a disagreement before I make a decision*	Procuo ter em conta todos os pontos de vista, numa discussão, antes de tomar uma decisão.
B2	Dimensão Afectiva	If I see people in need, I try to help them one way or another*	Se vir pessoas com necessidades tento ajudá-las de uma maneira ou de outra.
B3	Dimensão Reflexiva	When I'm upset at someone, I usually try to "put myself in his or her shoes" for a while*	Quando estou aborrecido(a) com alguém, procuro colocar-me no lugar dessa pessoa.
B4	Dimensão Afectiva	There are certain people whom I dislike so much that I am inwardly pleased when they are caught and punished for something they have done	Há pessoas que me desagradam de tal maneira, que fico secretamente satisfeito(a) quando são apanhadas ou punidas por algo que fizeram.
B5	Dimensão Reflexiva	I always try to look at all sides of a problem*	Tento sempre ter em conta todos os lados de um problema.
B6	Dimensão Afectiva	Sometimes I feel a real compassion for everyone*	Por vezes, sinto uma verdadeira compaixão pelos outros.
B7	Dimensão Cognitiva	I try to anticipate and avoid situations where there is a likely chance I will have to think in depth about something	Tento antecipar e evitar situações em que, à partida, sei que vou ter que pensar profundamente sobre elas.
B8	Dimensão Reflexiva	When I look back on what has happened to me, I can't help feeling resentful	Quando olho para trás e penso no que me aconteceu, não consigo deixar de me sentir amargurado(a).
B9	Dimensão Afectiva	I often have not comforted another when he or she needed it	Habitualmente, não apoio os outros quando eles necessitam.
B10	Dimensão Cognitiva	A problem has little attraction for me if I don't think it has a solution	Não me sinto desafiado(a) por um problema quando acho que ele não tem solução.
B11	Dimensão Reflexiva	I either get very angry or depressed if things go wrong	Quando as coisas correm mal, eu fico muito zangado(a) ou deprimido(a).
B12	Dimensão Afectiva	Sometimes I don't feel very sorry for other people when they are having problems	Às vezes não tenho muita pena das pessoas que estão com problemas.
B13	Dimensão Cognitiva	I often do not understand people's behavior	Frequentemente, não compreendo o comportamento das pessoas.
B14	Dimensão Reflexiva	Sometimes I get so charged up emotionally that I am unable to consider many ways of dealing with my problems	Por vezes, fico emocionalmente tão perturbado(a) que não sou capaz de encontrar forma de lidar com os meus problemas.
B15	Dimensão Afectiva	Sometimes when people are talking to me, I find myself wishing that they would leave	Às vezes, quando as pessoas estão a falar comigo dou por mim a desejar que se fossem embora.

	Dimensão na versão original	Versão original (Inglês)	Versão em Português
B17	Dimensão Reflexiva	When I am confused by a problem, one of the first things I do is survey the situation and consider all the relevant pieces of information*	Quando um problema me confunde, uma das primeiras coisas que faço é analisar a situação e ter em conta toda a informação relevante.
B18	Dimensão Afectiva	I don't like to get involved in listening to another person's troubles	Não gosto de escutar os problemas dos outros.
B19	Dimensão Cognitiva	I am hesitant about making important decisions after thinking about them	Hesito em tomar uma decisão importante em consequência de ter pensado demasiado no assunto.
B20	Dimensão Reflexiva	Before criticizing somebody, I try to imagine how I would feel if I were in their place*	Antes de criticar alguém, tento imaginar como eu me sentiria se estivesse no seu lugar.
B21	Dimensão Afectiva	I'm easily irritated by people who argue with me	Fico facilmente irritado(a) com pessoas que discutem comigo.
B22	Dimensão Reflexiva	When I look back on what's happened to me, I feel cheated	Quando olho para trás e penso no que aconteceu comigo, sinto-me enganado(a).
B23	Dimensão Cognitiva	Simply knowing the answer rather than understanding the reasons for the answer to a problem is fine with me	Contento-me em saber a solução a um problema, em vez de tentar perceber como se chegou a essa solução.
B24	Dimensão Reflexiva	I sometimes find it difficult to see things from another person's point of view	Às vezes, acho difícil ver as coisas do ponto de vista dos outros.

*Itens invertidos